UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MAX WESLEY SANTOS CARDOSO

POR UMA HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL EM SERGIPE: DA COMUNIDADE CATÓLICA HOMOSSEXUAL NO FINAL DOS ANOS DE 1970 À FORMAÇÃO DO GRUPO DIALOGAY (1981-1983)

São Cristóvão - Sergipe

2021

MAX WESLEY SANTOS CARDOSO

POR UMA HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL EM SERGIPE: DA COMUNIDADE CATÓLICA HOMOSSEXUAL NO FINAL DOS ANOS DE 1970 À FORMAÇÃO DO GRUPO DIALOGAY (1981-1983)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

São Cristóvão - Sergipe

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C268p

Cardoso, Max Wesley Santos
Por uma história do movimento homossexual em Sergipe : da comunidade católica homossexual no final dos anos de 1970 à formação do grupo dialogay (1981-1983) / Max Wesley Santos Cardoso ; orientador Alfredo Julien. – São Cristóvão, SE, 2021.
121 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. História. 2. Homossexuais. 3. Movimento de Libertação Gay – Sergipe. I. Julien, Alfredo, orient. II. Título.

CDU 930.85(813.7)

MAX WESLEY SANTOS CARDOSO

POR UMA HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL EM SERGIPE: DA COMUNIDADE CATÓLICA HOMOSSEXUAL NO FINAL DOS ANOS DE 1970 À FORMAÇÃO DO GRUPO DIALOGAY (1981-1983)

Aprovada em: 30/11/2021.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

_____

Prof. Dr. Alfredo Julien (UFS)
Orientador e Presidente da Banca

_____

Profª. Drª. Edna Maria Matos Antônio (UFS)
Examinadora Interna

_____

Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araújo (Mackenzie)
Examinador Externo

Dedico à minha avó, Dona Profª. Maria Evanildes (*in memoriam*), que desde o meu nascimento selou meu destino, profetizando dizendo que seria o seu primeiro herdeiro a se formar; aos meus pais, Wendja Edicia Santos e Jefferson dos Santos; aos meus irmãos, Mayson Jefferson dos Santos, Manoela Vitória dos Santos e Emilly Maise Santos; a Lucas, meu namorado, e aos amigos "Alan Poc" (*in memoriam*) e Amanda (*in memoriam*), Jadna, Joedna, Michelle e Thaís. Vocês foram e são minhas/meus motivações/motivadores!

AGRADECIMENTOS

"Quando nasci veio um anjo safado, o chato dum Querubim e decretou que eu tava predestinado a ser errado assim, já de saída a minha estrada entortou, mas vou até o fim..." Assim diz a canção "Até o Fim", do genial Zeca Baleiro. Lá na segunda metade da década de 1990, a estrada da minha família entortou; minha avó, Dona Maria Evanildes, faleceu, e o pilar da família se foi, deixando uma missão para seu neto cumprir: "será o único desta casa a se formar", como lembra até hoje mainha sobre as palavras da minha avó para o seu "tabareuzinho". A crença que vovó tinha na educação e no que ela poderia me ofertar sempre foi algo que persegui durante toda a minha vida, e cá estou, concluindo um mestrado, superando ainda mais as expectativas dela.

Este é o momento que deixo agradecimentos às inúmeras pessoas e instituições que possibilitaram a concretização desse ciclo. Porém, antes de tudo, agradeço a Deus, que me deu coragem para seguir, inúmeras vezes tirou incertezas do meu coração e da minha cabeça, e mesmo com todas as dificuldades segui, segui em frente, até o fim.

Assim, quero deixar agradecimentos, de forma especial, aos meus pais, Wendja, uma doméstica, e Jefferson, um vigilante, que aos trancos e barrancos cuidaram de mim, da minha educação e nunca deixaram em ordem de pobre faltar o necessário para seguir com meus estudos. Lembro-me de mainha dizendo: "Eu não segui os conselhos de sua avó, não quero essa vida sofrida que tenho pra você nas cozinhas dos outros, se humilhando e sendo humilhado, você terá um futuro diferente". Por isso estou aqui.

Também de maneira especial agradeço aos meus irmãos, Emilly, Manoela e Mayson, por acreditarem no meu potencial. Agradeço também ao meu namorado Lucas e às minhas amigas Jadna, Joedna, Michelle e Thaís por entenderem as ausências e sempre buscarem me ofertar palavras de apoio e conforto.

Estendo meus agradecimentos ao Prof. Dr. Alfredo Julien. Este com quem tive o primeiro dia de aula na graduação de História, em meados de outubro de 2012, e que nossos caminhos mais uma vez foram cruzados na orientação do mestrado. É um arquétipo a ser seguido como profissional e ser humano. Tranquilo, paciente e motivador. Agradeço-lhe por todas as suas contribuições e por nutrir essa relação orientador/orientando com tanta responsabilidade, empatia e respeito.

Em tempo, agradeço a todos os professores que contribuíram com a minha formação desde o Ensino Básico ao Superior. Por serem inúmeros, não poderei citá-los. No entanto, para este trabalho destaco os nomes dos professores Dr. Elias Ferreira Veras e Drª. Edna Maria

Matos Antônio, que deixaram inúmeras contribuições durante a minha Banca de Qualificação, em setembro de 2020. E aos professores Dr. Carlos Malaquias, Dra. Edna Matos e Dr. Thiago Tolentino, que ministraram disciplinas importantíssimas para minha formação.

De maneira geral, agradeço a todos os meus familiares e colegas que sempre torceram por mim de onde estivessem. Meus tios Darlan e Wadson (*in memoriam*) que sei estarem felizes pelo homem que seu sobrinho se tornou. Dedico os mais especiais agradecimentos à minha avó, Dona Profª. Maria Evanildes (*in memoriam*), que se foi muito cedo, mas profetizou esse momento de formação para a minha vida, obrigado!

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe e ao Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS) por todo ensino e toda formação de qualidade indiscutível, apesar de todo o desmonte e dos cortes em investimentos nos últimos anos. Viva à Universidade Pública!

Deixo meus cumprimentos a Wellington Gomes Andrade, que disponibilizou seu relato para servir como fonte oral para esta pesquisa. Também agradeço a Tatiana Araújo e ao Rogério da Astra LGBT por me propiciarem acesso aos arquivos da instituição, podendo assim chegar aos documentos do Dialogay. Sou grato às plataformas da Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe, bem como pelo acesso aos jornais sergipanos, disponibilizando um acervo documental imprescindível para esta Dissertação. Além disso, gostaria de agradecer à professora Drª. Cinthia Lopes pelo socorro dado e pelas contribuições técnicas e textuais valiosíssimas no desespero final.

Aos colegas da turma de mestrado, ingressantes em 2019, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. Aqueles foram tempos de enorme companheirismo e aprendizado.

Sem todas essas contribuições, esta Dissertação não seria possível. Sou grato por tudo e por todos. Hoje, o neto de Dona Evanildes dá mais um passo na sua formação e conclui uma Dissertação de Mestrado e espera ter deixado contribuição mínima para a História do movimento homossexual em Sergipe. A todos, o meu muito obrigado!

"O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar."

(Michel Foucault)

RESUMO

No final da década de 1970, começou a se organizar no Brasil, especificamente no eixo Rio-São Paulo, um movimento politizado de homossexuais demarcado pelo surgimento do *Jornal Lampião da Esquina* e pela formação do grupo SOMOS, ambos frutos de um amplo processo cultural, intelectual e político de saída do armário por parte dos sujeitos homossexuais. Esse movimento de saída do armário ficou consagrado pela bibliografia como Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), sendo essas experiências tratadas como criadoras e sinônimos do movimento homossexual no país. Recentemente, tem-se alargado essa compreensão de movimento homossexual para pensar a existência de vários Movimentos Homossexuais dadas as plurais experiências e dinâmicas organizativas que ocorreram em várias regiões do país. Dito isso, partindo dessa ampliação das noções da categoria de movimento homossexual, esta Dissertação busca recompor o histórico do movimento homossexual em Sergipe, entendendo a estrutura de oportunidades culturais, sociais e políticas que permitiram a emergência do movimento dentro do processo de abertura política, mostrando seu processo de institucionalização com a formação do Grupo Dialogay de Sergipe (GDS), analisando, dessa forma, os discursos, ações e conexões ativas do movimento homossexual em Sergipe até 1983, quando, por conta da epidemia de HIV/Aids, há um processo de desmobilização do movimento. Por meio de uma ampla discussão teórico-conceitual, das pistas ofertadas pelo depoimento da liderança homossexual Wellington Gomes Andrade e das documentações do Dialogay, esta Dissertação buscará compreender como se deu a dinâmica do movimento homossexual em Sergipe nos seus primeiros anos.

Palavras-chave: Movimento Homossexual. Dialogay. Sergipe.

.

ABSTRACT

In the late 1970s, a politicized movement of homosexuals began to organize in Brazil, specifically in the Rio-São Paulo axis, marked by the emergence of the *Jornal Lampião da Esquina* and the formation of the SOMOS group, both fruits of a broad cultural process, intellectual and political exit from the closet by homosexual subjects. This movement out of the closet was consecrated by the bibliography as the Brazilian Homosexual Movement (MHB), and these experiences are treated as creators and synonyms of the homosexual movement in the country. Recently, this understanding of the homosexual movement has been broadened to think about the existence of various Homosexual Movements given the multiple experiences and organizational dynamics that occurred in various regions of the country. That said, starting from this expansion of the notions of the homosexual movement category, this dissertation seeks to recompose the history of the homosexual movement in Sergipe, understanding the structure of cultural, social and political opportunities that allowed the emergence of the movement process of political opening, showing its process of institutionalization with the formation of Grupo Dialogay de Sergipe (GDS), analyzing in this way the discourses, actions and active connections of the homosexual movement in Sergipe until 1983, when due to the HIV/AIDS epidemic there was a process of demobilization of the movement. Through a broad theoretical-conceptual discussion, through clues offered by the testimony of the homosexual leader Wellington Gomes Andrade and by documentation from Dialogay, this dissertation will seek to understand how the dynamics of the homosexual movement took place in Sergipe in its early years.

Keywords: Homosexual Movement. Dialogay. Sergipe.

LISTA DE SIGLAS

ASTRA	Direitos Humanos e Cidadania LGBT
AMOSERTRANS	Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis
GGB	Grupo Gay da Bahia
GDS	Grupo Dialogay de Sergipe
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Membros da rede social de *O Snob* durante o concurso Miss Traje Típico na cidade do Rio de Janeiro.....25
Figura 2 - Capa do jornal *O Snob*, nº 2, de 1964.....27
Figura 3 - Capa do jornal *O Snob*, nº 2, de 1969.....28
Figura 4 - Membros do *Lampião da Esquina* e do Somos debatem questão da homossexualidade na Universidade de São Paulo (USP).....60
Figura 5 - Registro do público no debate com membros do *Lampião da Esquina* e do Somos na USP.....62
Figura 6 - Reunião para o lançamento do *Lampião da Esquina* no DCE em 1980.....73
Figura 7 - Público da reunião do lançamento do *Lampião da Esquina* no DCE em 1980.....73
Figura 8 - Carta do Dialogay enviada ao *Lampião* solicitando jornais extras.....78
Figura 9 - Carta do Dialogay enviada ao *Lampião* solicitando jornais extras parte - 2.....79
Figura 10 - Carta do Dialogay enviada ao *Lampião* solicitando jornais extras - parte 3.....80
Figura 11 - Carta do Dialogay enviada ao *Journal Gay Internacional* solicitando jornais extras.....81
Figura 12 - *Boletim do Grupo Dialogay Sergipe*, nº 3, 1982.....86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12
CAPÍTULO I: A CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA DE MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL.....21
CAPÍTULO II: ESTRUTURAS DE OPORTUNIDADES CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS: UM OUTRO OLHAR SOBRE OS MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS NO BRASIL.....35
2.1 A igreja e a religiosidade como uma estrutura de oportunidades para a organização de homossexuais em Aracaju no final da década de 1970.....39
CAPÍTULO III: ESTRUTURA DE OPORTUNIDADES, DISPOSITIVO E CONEXÕES ATIVAS: O *LAMPIÃO DA ESQUINA*, O SOMOS E O GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE.....48
3.1 O *Lampião da Esquina*: discursos, conexões ativas e protagonismo.....50
3.2 Emerge um Movimento Homossexual em São Paulo: as relações do Somos e do *Lampião* e a construção de um modelo de Movimento Homossexual Brasileiro.....59
CAPÍTULO IV: DIALOGAY: EMERGÊNCIA, DISCURSOS, PROTAGONISMO E CONEXÕES ATIVAS HOMOSSEXUAIS EM SERGIPE.....66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....90
REFERÊNCIAS.....94
ANEXO A - Entrevista concedida por Wellington Gomes Andrade.....98
ANEXO B - Ofícios, cartas e documentos produzidos pelo Dialogay.....107

INTRODUÇÃO

Era o ano de 2015, eu, homem cis, já assumidamente homossexual, sem traços de afeminação, "branco à brasileira", advindo de uma família em ascensão para a classe média, dividia meu tempo entre a graduação em licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e a arbitragem, o ensino e a prática da modalidade de xadrez.

Nesse mesmo ano, tomei conhecimento através do Facebook de um nascente projeto social denominado EducaTrans, organizado pela Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis (AMOSERTRANS), visando à preparação de pessoas travestis e transexuais para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com o objetivo de certificação do Ensino Médio e acesso à educação superior. O projeto começou a recrutar voluntários dispostos a ministrar aulas para o público travesti e transexual, então decidi fazer parte, sendo a minha primeira participação em uma atividade para uma organização da comunidade LGBTQIA+[1].

Em junho de 2015, ocorreu na sede do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) de Aracaju o primeiro encontro com os professores voluntários para tomarem conhecimento do projeto e familiarizar-se com a realidade das alunas travestis e transexuais. Nesse primeiro encontro, os voluntários fizeram a costumeira apresentação em que expressávamos sobre a nossa formação acadêmica, profissão e em alguns casos falavam sobre sua orientação sexual. Curiosamente, pude constatar que dentre os membros voluntários havia uma variedade de pessoas que eram cisgêneros, heterossexuais e homossexuais. Já na apresentação das alunas, todas mulheres trans, pude constatar a infeliz realidade dessas pessoas que eram jogadas compulsoriamente para fora da escola e para a marginalidade social, vivendo em quase 90% dos casos da prostituição.

Porém, o que mais chamou atenção, para além dessa nova realidade, foi o discurso politizado da líder da AMOSERTRANS, Linda Brasil, que havia ingressado recentemente na Universidade Federal de Sergipe, sendo a posteriori a primeira pessoa transexual a se formar na Universidade Federal de Sergipe. Em sua fala, examinando a situação das pessoas "trans"[2] na sociedade de forma geral e dentro do movimento LGBTQIA+, apontava os múltiplos preconceitos que as pessoas trans sofriam tanto na sociedade de forma em geral, como também

[1] A sigla LGBTQIA+ engloba pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais.
[2] Fazendo referência a pessoas travestis e transexuais.

dentro da comunidade LGBTQIA+. E sua opinião ia além: para ela as pessoas trans sempre foram invisibilizadas dentro do próprio movimento LGBTQIA+, que era considerado por ela GGG[3] pela visibilidade que tinham as pessoas gays[4], mesmo pessoas trans estando à frente do movimento, sempre dando suas caras a tapa. Continuei no projeto durante o ano de 2015, mas me desvencilhei no ano seguinte por notar algumas inconsistências tanto no discurso quanto nas intenções daquele projeto que poderia ter recomeçado no início de 2016, mas fora deixado para mais tarde.

O discurso militante da líder da AMOSERTRANS me inquietou e me levou a refletir sobre essas questões do movimento LGBTQIA+ e a sua história. No primeiro momento, busquei empreender um estudo de caráter monográfico na graduação sobre o movimento LGBTQIA+ em Sergipe, porém não obtive sucesso por inúmeros fatores: parcas referências sobre o tema; o tempo curto e limitado de uma pesquisa monográfica; e, principalmente, o não conhecimento de fontes que poderiam ser utilizadas para realização de tal trabalho.

Com esses problemas em mãos, revi o meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), me limitando a compreender através da Análise do Discurso como os jornais impressos sergipanos noticiaram e representaram o movimento LGBTQIA+ em Sergipe durante a década de 1980 e 1990. Para além dos resultados do trabalho de conclusão, pude constatar a presença de um grupo em Sergipe durante o período estudado que se afirmava em defesa dos homens e mulheres homossexuais, das travestis e se via como uma organização de homossexuais, o Grupo Dialogay de Sergipe (GDS).

Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre o Dialogay, pudemos notar a parca bibliografia que teve como objeto de estudos o grupo homossexual sergipano, tendo apenas dois trabalhos encontrados. O primeiro deles foi *Terceiro Setor: um estudo sobre o grupo Dialogay de Sergipe*, trabalho de caráter monográfico de especialização em Terceiro Setor e Políticas Públicas defendido em 2005 por Gilvan dos Santos Rosa. O segundo trabalho foi de Marcos Ribeiro de Melo, defendido em 2013, em nível de doutoramento em Sociologia, denominado *Itinerários e "lutas": o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012)*. Tanto o trabalho de Gilvan dos Santos Rosa quanto o de Marcos Ribeiro de Melo, a partir de uma visão institucionalista, enxergaram no grupo Dialogay o surgimento e a organização do movimento homossexual em Sergipe.

O grupo Dialogay surge em março de 1981, sendo um dos primeiros grupos do Brasil e do Nordeste a se constituírem, também sendo um dos mais longevos grupos de homossexuais

[3] Fazendo referência ao movimento ser excessivamente voltado aos e pautado pelos homens gays.
[4] Termo norte-americano que designa pessoas homossexuais dos sexos masculino e feminino.

existindo por mais de 20 anos. Na perspectiva de Rosa (2005) e Melo (2013), o Dialogay emerge dentro de uma "estrutura de oportunidades políticas"[5] marcada pela abertura política do regime ditatorial militar brasileiro, fator que permitiu a reorganização de setores da sociedade, tendo como consequência o (res)surgimento de movimentos sociais no país. A emergência do grupo é marcada por duas versões registradas no trabalho de Melo (2013), ambas associando a figura de Wellington Andrade, seu grupo de amigos, o jornal *Lampião da Esquina* e o Grupo Gay da Bahia (GGB), liderado por Luiz Mott[6].

Na primeira delas, Wellington tivera contato com o jornal *Lampião da Esquina* no final da década de 1970 numa reunião da Sociedade Brasileira da Ciência para o Progresso (SBPC) e se tornou divulgador e distribuidor do *Lampião* em Aracaju. O jornal passou a conter o nome e um endereço de Wellington, fato que levou Luiz Mott a entrar em contato com Wellington para propor a fundação de um grupo com os mesmos moldes do grupo gay baiano em Aracaju. Essa versão é contestada pelo vice-presidente da época, alegando que o contato com Mott havia sido feito pelos futuros membros do Dialogay para auxiliá-los na fundação de um grupo homossexual na capital sergipana.[7]

Esses desencontros narrativos e históricos foram resultantes de três fenômenos: a falta de produção histórica acerca das homossexualidades no Brasil como um todo, não sendo Sergipe uma exceção; pela produção histórica que não fora produzida por historiadores profissionais e que exerceram função dupla, sendo sujeitos históricos, participando do período analisado, e de escritores mesclando em seus trabalhos registros de fatos com impressões pessoais; e a visão hegemônica de alçar experiências do Sudeste como nacionais, dentro de uma lógica que toma essas experiências como primeiras e o que vem antes delas não possui tanta relevância, e o que vem depois é mero desdobramento.

No artigo "Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil", Elias Ferreira Veras e Joana Maria Pedro desnudam como a historiografia brasileira relegou à marginalidade os temas das homossexualidades[8]. Para os

---

[5] TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confrontos políticos. Petrópolis: Vozes, 2009.

[6] Luiz Roberto de Barros Mott é antropólogo e decano do ativismo LGBTQIA+ no Brasil. Paulista, radicou-se na Bahia, onde fundou o Grupo Gay da Bahia (GGB), um dos grupos mais antigos e ainda ativos militantes da causa no país.

[7] MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013, p. 79-80.

[8] Ao usarmos a palavra "homossexualidades", no plural, pretendemos ser fidedignos aos relatos e fontes do nosso objeto de pesquisa que utilizavam o termo para designar as experiências de gays, lésbicas, travestis e transexuais. Contudo, reconhecemos as críticas dirigidas a esse termo e sua invisibilização das múltiplas experiências de sujeitos como as lésbicas, travestis e transexuais. Para saber mais sobre as diferentes denominações da experiência

autores, mesmo com as novidades teóricas, metodológicas e de objetos propostos pelos Annales, as experiências homossexuais continuaram marginalizadas, dentro do armário de Clio, sendo silenciadas até pelo menos a década de 1970.

Esse processo de "saída do armário" de sujeitos homossexuais que tomaram as palavras sobre seus próprios sujeitos para si e que começaram a ganhar visibilidade surge como efeito e como elemento integrantes de uma ampla transformação cultural, social e política que ocorreu no país durante os anos de 1960, 1970 e 1980 em pleno regime ditatorial.

João Silvério Trevisan denomina esse movimento como "desbum guei"[9]; esse "desbum" ou "desbunde" seria um movimento de liberalização nem sempre alinhado com orientações ideológicas claras – sob frequente aparência de irresponsabilidade com os compromissos da direita e da esquerda político-partidárias da época e com caráter contestatório da normalidade –, quase sempre vinculado ao uso de drogas e à homossexualidade (androginia). Esse fenômeno pode ser observado no teatro com os Dzi Croquettes, na música com Caetano Veloso e com a banda Secos & Molhados, tendo como seu principal nome Ney Matogrosso.[10]

Na imprensa marrom no ano da graça de 1976, o jornal *Última de São Paulo* abria suas páginas para Celso Cúri e sua Coluna do Meio. A Coluna do Meio foi um sucesso imediato que aumentou significativamente as vendagens do jornal. A coluna tratava de comentar sobre personalidades gays nacionais e internacionais e servia como guia e noticiário de bares e clubes noturnos de entendidos no Rio de Janeiro e em São Paulo. O jornal recebeu cartas de homossexuais que chegavam dos quatro cantos do Brasil, elogiando Celso por sua coragem em escrever a coluna.[11] Uma seção de classificados pessoais chamada de "Correio Elegante" foi especialmente popular por se tornar um canal aberto para milhares de gays espalhados por todo o país que desejavam fazer contato uns com os outros. Celso Cúri virou uma celebridade do dia para a noite na subcultura gay do Rio e de São Paulo.

Em 1976, o jornalista João Silvério Trevisan começou um projeto de agrupamento na cidade de São Paulo de alguns estudantes universitários e profissionais recém-formados, ambos homossexuais, para formar um grupo de discussões acerca de temas homossexuais, porém,

---

homossexual, para maior aprofundamento, ver a obra *A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo* (1992), de Jurandir Freire Costa.

[9] TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4. ed., rev., atual e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 268-278.

[10] Idem, p. 268-275.

[11] GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 420-421.

dadas as condições pessoais e de espectro político dos partícipes, o projeto ruiria após algumas reuniões.[12]

Foi somente com as experiências do jornal *Lampião da Esquina* em 1978 e com a formação do grupo Somos entre 1978 e 1979 que a bibliografia especializada demarcaria o surgimento de um Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), conforme escreve o historiador brasilianista James Naylor Green:

> O ano de 1978 foi um ano mágico para o Brasil. Após mais de uma década do regime militar, a queda dos generais parecia iminente. [...] durante o longo verão entre 1978 e 1979, uma dúzia de estudantes, escriturários, bancários e intelectuais reuniam-se semanalmente em São Paulo. Indo de apartamento em apartamento, sentando no chão por falta de móveis suficientes, eles planejaram o futuro da primeira organização pelos direitos dos homossexuais no Brasil [...] eles também liam cuidadosamente cada número da recém-lançada publicação mensal Lampião da Esquina. Este novo jornal, de tamanho tabloide, era produzido por um grupo de escritores e intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, e se declarava um veículo para discussão de sexualidade [...] O nome final – Somos: Grupo de Afirmação Homossexual – foi o meio termo que o grupo adotou e estreou durante um debate em 6 de fevereiro de 1979, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. O debate foi parte de uma série de discussões sobre o tema de organização das "minorias" brasileiras – em referência às mulheres, os negros, os povos indígenas, e os homossexuais – e acabou sendo também o evento em que o movimento de gays e lésbicas do Brasil "se assumiu".[13]

Green mostra que, oportunizado pelo arrefecimento da ditadura, pôde-se criar e organizar um movimento homossexual. O *Lampião* e o Somos se tornaram consagrados pela bibliografia especializada como marcos históricos, inexistindo trabalhos que tratem das homossexualidades brasileiras a partir dos anos de 1970 que não tenham como referência o jornal *Lampião* e o grupo Somos[14].

A socióloga Regina Facchini, no livro fruto de sua dissertação de mestrado, *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*[15], já indicava a notoriedade histórica adquirida pelo *Lampião* e pelo grupo Somos do ponto de vista histórico. Essa importância foi construída a partir dos registros sobre o *Lampião* e o Somos

---

[12] TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4. ed., rev., atual e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 314-315.

[13] GREEN, James. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, 2000. Disponível em: http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a12.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019, p. 273-274.

[14] Vale salientar que havia disputas internas dentro do *Lampião da Esquina* sobre o jornal fazer ou não parte do Movimento Homossexual. A corrente de pensamento liderada por Aguinaldo Silva, líder do jornal no Rio de Janeiro, considerava que o *Lampião* devia ser algo à parte do Movimento. Já João Silvério Trevisan, líder do jornal em São Paulo, acreditava que o *Lampião* carecia de dar suas contribuições e participar ativamente do Movimento. Aqui acreditamos que, pelo modelo editorial que o *Lampião da Esquina* seguiu inicialmente, eles tiveram um papel fundamental dentro do Movimento, temática que será tratada mais à frente.

[15] O livro é resultante da dissertação de Mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Campinas (Unicamp) cuja defesa ocorreu em 2002.

através de trabalhos de Edward MacRae, *O Militante Homossexual no Brasil da Abertura*, de 1986, publicado como livro em 1990, e da obra *Devassos no Paraíso*, de 1986, publicada pelo jornalista do *Lampião* e militante do Somos, Trevisan.[16]

Facchini traz o papel da intelectualidade participante do *Lampião* e do Somos, que estavam a reivindicar a construção de um discurso sobre as homossexualidades daquele período, visto sob a ótica de Foucault como uma forma de exercício do poder[17]. Ao criar e tomar um discurso sobre a história de um movimento homossexual no Brasil a partir das experiências do *Lampião* e do Somos, MacRae e Trevisan produziram a "saída intelectual do armário"[18] por parte dos sujeitos homossexuais que começavam a falar e erigir discursos sobre si, tirando das mãos de outros saberes os discursos sobre os corpos e as experiências das homossexualidades[19].

A demarcação feita em torno do *Lampião* e do Somos teve outro efeito: criou para as histórias das homossexualidades um marco epistemológico e histórico, que configurou a categoria de "movimento homossexual no Brasil" a partir dessas experiências, repetindo o "tradicionalismo" historiográfico de reduzir experiências que ocorreram no Sudeste como experiência nacional, deixando experiências anteriores com uma menor importância e experiências locais como consequências causais do *Lampião* e do Somos, sem a devida atenção para as particularidades históricas.

Este estudo partirá do pressuposto de que não existiu um movimento homossexual, mas sim vários movimentos homossexuais organizados no país, tendo o movimento homossexual sergipano sua dinâmica própria. Assim, esta dissertação tem como foco recompor e analisar a história do movimento homossexual que ocorreu em Sergipe, entendendo-o como um movimento social, ou seja, um coletivo de sujeitos mobilizados para alcançar alterações junto à sociedade, seja no campo da cultura, da economia ou da política, em contextos permeados sempre por disputas, negociações e tensões dentro do seu contexto histórico, em seus próprios termos.[20]

---

[16] FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?**: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 93-94

[17] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p. 71-72.

[18] Expressão utilizada na comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos e Assexuais) que designa o ato de assumir publicamente a orientação sexual e/ou a identidade de gênero.

[19] FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1** – a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

[20] GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Esta dissertação vem na esteira dos estudos históricos que pretendem "tirar do armário"[21] as "sexualidades disparatadas"[22], campo epistêmico da História proveniente da revolução historiográfica dos anos de 1970. Num breve percurso acerca das produções historiográficas desse período, percebe-se uma ampliação dos seus temas, problemas, fontes, métodos e modelos teóricos para explicação do passado. Os "Estudos da Sexualidade", os "Estudos de Gênero", a "Nova História Cultural", assim como um diálogo com as teorias formuladas no campo da Antropologia, Sociologia e Filosofia, entre outras áreas do saber, que propuseram outros olhares sobre os sujeitos, sua subjetividade, suas relações e a própria prática da Escrita da História. Essa mudança no fazer historiográfico dos anos 1970 foi mais uma das consequências das transformações que estavam ocorrendo no plano cultural, social e político, marcado por uma maior visibilidade dos homossexuais na vida pública.[23]

Dessas novas perspectivas historiográficas, resgato o arcabouço teórico-metodológico da "Nova História Cultural" para se pensar os lócus da sexualidade na práxis social do sujeito. Com isso, ao discutir a temática das experiências organizativas em prol dos direitos civis e humanos dos homossexuais em Sergipe, lido com duas esferas de estudo da "Nova História Cultural": a "Nova História Política" e os estudos de "História e Sexualidade".

A vertente política aqui será compreendida em duas dimensões: nas práticas sociais, em sua dimensão "micropolítica", como proposto por Foucault[24]; e no seu caráter institucional "macropolítico" e relacional com a sociedade, como proposto por René Remond, neste caso em específico, com o movimento homossexual sergipano[25]. Também tomo como referências estudos elaborados acerca da homossexualidade e dos movimentos homossexuais, e a inserção desses temas no universo historiográfico, da teoria dos movimentos sociais e da questão da identidade, com os quais é estabelecido um diálogo no sentido de fundamentar teoricamente esta análise.

A estrutura desta dissertação desenvolve-se, no primeiro capítulo, a partir da construção da categoria de movimento homossexual, trazendo para o centro das discussões as experiências das Turmas e do jornal *O Snob*, mostrando como tais experiências organizativas anteriores ao *Lampião* e ao Somos foram tratadas pela historiografia, percebendo preliminarmente de

---

[21] Expressão utilizada na comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) que designa o ato de assumir publicamente a orientação sexual e/ou a identidade de gênero.
[22] FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1** – a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
[23] RAGO, Margareth. **A "Nova" Historiografia Brasileira**. Anos 90. Porto Alegre, nº 11, julho de 1999.
[24] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
[25] REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

maneira mais ampla e menos institucionalizada quando e como começam a se gestar movimentações de homossexuais no Rio de Janeiro.

Partindo do alargamento da categoria de movimento homossexual, e utilizando-me do depoimento oral ofertado pelo líder do Dialogay, Wellington Gomes Andrade, trago no segundo capítulo a experiência organizativa da comunidade católica homossexual gestada na capital sergipana por fins da década de 1970, que teve como um dos seus articuladores Wellington e um padre. Recorrendo à ampliação do conceito de estrutura de oportunidades políticas desenvolvido por Sidney Tarrow, busquei evidenciar a maneira como a militância de Wellington e o seu enraizamento social, político e cultural contribuíram para a organização de um grupo misto do qual homossexuais faziam parte e no qual se organizaram na capital sergipana para buscar ajuda, de maneira sorrateira, dentro de uma instituição que milenarmente condenou homossexuais.

No terceiro capítulo, também partindo das memórias de Wellington, do seu enraizamento social e das estruturas de oportunidades que foram criadas por ele, trazemos como o movimento homossexual sergipano se relacionou com o jornal *Lampião* e o grupo Somos e, por assim dizer, com o movimento homossexual do eixo Rio-São Paulo.

Para consubstanciar tal discussão, pensamos o *Lampião* e o Somos como duas experiências históricas importantes que não foram criadoras de um movimento homossexual e que dentro de uma lógica de causalidade teriam criado e influenciado grupos homossexuais no país. Pensamos o *Lampião* na perspectiva de "dispositivo"[26] proposta por Foucault, que foi utilizado pelo grupo Somos para formular e espalhar seu discurso acerca dos interesses do movimento homossexual do Rio e de São Paulo e que também serviu para realizar "conexões ativas", conceito formulado por Manuel Castells, com vários movimentos homossexuais no país, no qual se incluiu o sergipano, que ainda não estava institucionalizado com a fundação do Dialogay.

Trazendo essa relação do movimento homossexual sergipano, do *Lampião* e do Somos, busquei quebrar essa lógica da existência de uma organização social homossexual somente a partir de um grupo institucionalizado e a partir do *Lampião* e do Somos, mostrando que, mesmo antes de o *Lampião* lumiar nas bancas em Sergipe, já existiam indivíduos organizados.

[26] Dispositivo foi um termo utilizado por Foucault geralmente para se referir aos vários mecanismos institucionais, físicos e administrativos e às estruturas de conhecimento que potencializam e mantêm o exercício do poder dentro do corpo social. As ligações entre esses elementos são ditas heterogêneas, uma vez que conhecimentos, práticas, técnicas e instituições são estabelecidos e restabelecidos em cada época. É por meio desses vínculos que se estruturam as relações de poder.

No quarto e último capítulo, busco mostrar dentro de que estruturas de oportunidades se deu a institucionalização do movimento homossexual em Sergipe através da fundação do grupo Dialogay e analisar os discursos e principalmente as ações do grupo em dois planos: o interno e o externo.

No plano interno, buscaremos expor as estratégias do ativismo, as bandeiras levantadas, o engajamento da militância, suas reinvindicações, seus discursos e seus repertórios de ações coletivas. Externamente, consideraremos o contexto e o cenário sociopolítico e cultural em que o movimento está inserido, seus opositores e as malhas de articulações costuradas externamente por suas lideranças e militantes com outros grupos, com o Estado e com a sociedade.

As fontes que constituirão a base alicerçadora deste trabalho serão três: a fonte oral, oriunda de entrevista semiestruturada com Wellington Gomes Andrade, único participante do movimento homossexual em Sergipe durante o período estudado; visitaremos as produções do movimento através de sua primeira instituição, o Dialogay, buscando seus registros em atas, cartas, ofícios, participações em eventos, cartilhas e todo documento produzido pelo grupo; e, por último, mas não menos significativo, nos apoiaremos em jornais da época que trataram das temáticas relacionadas ao movimento homossexual, suas atividades ou seus membros.

Dessa maneira, com um amplo leque de fontes e uma profunda discussão teórico-conceitual, contribuíremos, nas páginas que seguem, para a historiografia sergipana ao trazermos à baila uma história das homossexualidades em Sergipe que já por fins da década de 1970 organizava-se para se proteger e defender seus corpos, ganhar visibilidade e buscar seus direitos civis – que há muito lhes eram negados. E, a partir dessa história sergipana, esperamos contribuir para a historiografia brasileira das homossexualidades ao tentar ampliar as percepções da categoria de Movimento Homossexual, bem como de experiências tão significativas como foram o jornal *Lampião da Esquina* e o grupo Somos.

CAPÍTULO I: A CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA DE MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL

A categoria de Movimento Homossexual, no Brasil, vem sendo pensada e utilizada paulatinamente pela historiografia a partir de configurações dadas pelas experiências do jornal homossexual *Lampião da Esquina* e do grupo Somos a partir de 1978. Todavia, a construção de um movimento homossexual brasileiro perpassa um processo de transações históricas em que a emergência de ações afirmativas por parte de sujeitos e grupos em busca da plena expressão das vivências afetivas e socioculturais de pessoas homossexuais remonta a anteriores à década de 1970. Assim, a percepção das transformações históricas e sociais, nas quais esses movimentos foram engendrados, bem como a percepção de seus agentes sobre as realidades que viviam, constituem elementos importantes para a caracterização de como pensamos, neste trabalho, a utilização da categoria de Movimento Homossexual, que, em nossa percepção, começa a ser construída desde pelo menos a década de 1960.

A partir dos anos de 1960, houve mudanças significativas na vida brasileira puxadas pelo desenvolvimento econômico associado aos capitais estrangeiros, principalmente o norte-americano. Essas mudanças levaram à industrialização e urbanização das grandes metrópoles brasileiras, em especial as da região Sudeste do país, tendo como consequência imediata a abertura de postos de trabalho. Em contrapartida, uma parte da região Nordeste mantinha suas estruturas econômicas estagnadas, uma indústria latente e um conjunto de mais de mil e cem municípios que faziam parte do Polígono das Secas, o que levou uma parcela considerável da população a não ter oportunidades de emprego e perspectivas de melhores condições de vida. Em virtude disso, assistiu-se a um fluxo migratório de pessoas das zonas rurais para zonas urbanas, como também a região Sudeste viu chegarem milhares de migrantes, principalmente da região Nordeste.[27]

Todavia, esse desenvolvimento econômico e urbanístico provocou outros tipos de transformações que até então não haviam recebido a devida atenção e importância pela historiografia brasileira: as mudanças nos papéis de gênero e nos comportamentos sexuais. Joana Maria Pedro, no seu célebre artigo "Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica", corrobora essa crítica à historiografia brasileira, tecendo uma observação sobre o parco quantitativo de historiadoras e dos historiadores no Brasil que traziam para suas pesquisas a questão da categoria gênero; nesses poucos trabalhos, ao realizarem o uso da

[27] SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

categoria, fazia-o de maneira superficial, não se aprofundando na temática. O gênero, na perspectiva da autora, é uma categoria que tem uma história, e esta é tributária das lutas por direitos civis e de igualdade dos movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas, tendo suas primeiras concepções criadas com a segunda onda do movimento de feministas e mulheres no pós-Segunda Guerra Mundial, embora a palavra gênero não se fizesse presente, mas sim a categoria "Mulher". Mulher, nas primeiras acepções da segunda onda feminista, era uma contraposição ao termo "Homem", considerado universal, utilizado para se fazer referência de forma genérica a todas as pessoas, fossem do sexo masculino ou feminino, havendo sempre o predomínio do masculino em qualquer situação. Essa prevalência do homem sobre a mulher observada na linguagem também começou a ser questionada na vida social prática, uma vez que se notou e se passou a questionar a não inclusão da mulher enquanto um sujeito de direitos e oportunidades iguais aos dos homens, sendo sempre vistas como inferiores e tendo de se sujeitar a uma lógica de dominação e opressão masculinas.

Dessa forma, esse movimento de mulheres e feministas da "segunda onda" organizava-se para combater essa lógica e a partir dessas problemáticas começou a desenvolver práticas organizativas. Uma dessas práticas eram grupos de reflexões compostos somente por mulheres em que as participantes narravam suas experiências de vida, como tinham sido criadas, de que maneira viviam seus corpos e como haviam sofrido preconceitos e violências que não lhes permitiam viver suas vidas com a integridade de direitos e liberdade. Porém, nem só de reflexões viveram esses movimentos, eles também se organizaram em marchas de protestos, buscando direitos civis, igualdade e liberdade, fazendo com que a década de 1960 fosse um período de grande efervescência cultural, política e social. Nesse contexto, à medida que as mulheres começavam a ganhar espaço na sociedade, ganhando postos de trabalho, completando o ciclo educacional secundário e acessando o ensino universitário, elas conseguiam romper com os papéis fixos encorajados e construídos pela sociedade que as destinavam a serem donas de casa. Em contrapartida, era exigido delas que se mantivessem virgens para o casamento e fossem submissas aos maridos em nome de uma moral patriarcal, enquanto ao homem era permitido a promiscuidade, mantendo uma estrutura hierárquica em que a mulher permanecia subalterna.[28]

Esses movimentos de mulheres e feministas começaram a ser observados, analisados e estudados pela disciplina histórica, que aos poucos começou a dar espaço a esses movimentos e às sujeitas que deles participaram, buscando integrá-las nas narrativas dos estudos históricos

[28] GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 251.

oficiais, que há muito negavam a presença feminina na história ou em estudos que as estereotipavam:

> [...] estas análises reforçaram mitos ora da suprema santidade, ora da grande malvadez das poucas mulheres que ocupam algum cargo de destaque nos governos e/ou nas guerras. Engrossam este panteão as rainhas, as princesas e as donzelas guerreiras, das quais Joana D'Arc é uma espécie de arquétipo do "bem", enquanto Lucrecia Borgia, por exemplo, é considerada um exemplo do "mal".[29]

No mesmo sentido, Elias Ferreira Veras, conjuntamente com Joana Maria Pedro, também tecem uma crítica à historiografia brasileira ao notarem uma omissão de Clio para com as experiências homossexuais. Ao observarem os registros históricos acerca das homossexualidades no Brasil, notam que até meados da década de 1970 esses registros haviam sido produzidos por documentos policiais, tratados médicos e jurídicos moralistas que viam as homossexualidades como uma patologia ou um crime. Os autores ainda apontam que, mesmo depois do advento da Escola dos Annales e das releituras do Marxismo na nossa história, com novas interpretações, uma série de novos sujeitos, abordagens e problemáticas para os estudos históricos, não seria a História a se preocupar com as temáticas acerca das homossexualidades, mas sim as Ciências Sociais, em especial a Antropologia, que seria a disciplina a levar as experiências dos homossexuais para a reflexão acadêmica.[30]

O historiador James Green[31] elaborou um dos primeiros trabalhos de que se tem notícia no campo da História, trazendo para o centro das discussões a temática das homossexualidades no Brasil. O autor mostra que, no início do século XX, a figura do homossexual era aceita no Carnaval junto com a prática de travestismo[32], todavia, no restante do ano e em sua vivência geral na sociedade, eram julgados e marginalizados, o que de certa forma os empurrou para a construção de uma subcultura vivenciada somente por homossexuais para sobreviverem às hostilidades promovidas pela sociedade. E seria a partir de 1960, no contexto dos grandes centros urbanos brasileiros, na classe média, que um novo estilo de vida para os homossexuais começava a amadurecer.

---

[29] PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, v. 24, n. 1, 2005, p. 84.

[30] VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90-109, set./dez. 2014.

[31] James Naylor Green é um historiador brasilianista e professor de História da América na Brown University. Sua tese de doutorado (1996) foi *Beyond Carnival: Male Homosexuality in Twentieth-Century Brazil*, que deu origem a um dos primeiros trabalhos eminentemente históricos sobre as homossexualidades masculina no Brasil, *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, publicada em livro pela primeira vez no ano de 2000.

[32] Ato de se vestir e agir como o sexo oposto.

No primeiro momento, ocupou-se espaços como cinemas, praças e praias em pontos específicos que ficavam reconhecidos como points gays. Depois, começaram a surgir espaços de sociabilidades como bares e boates criados exclusivamente para gays como fruto dessa nova condição econômica que o país experimentava.

Outra forma emergente de sociabilidade no período eram as chamadas "turmas", espécie de redes sociais em grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro[33] e São Paulo[34], formadas exclusivamente por homossexuais que se conheciam em points e formavam uma rede de apoio ou até mesmo uma família alternativa para enfrentar as hostilidades sociais. Esses grupos desenvolviam encontros nas residências de alguns participantes, promoviam festas, concursos de misses, peças teatrais, jornais caseiros, jantares e outros encontros informais, que possibilitaram a formação de laços entre os membros. Essas redes eram via de regra restritas[35] e estimulavam estratégias de autoconhecimento e acolhiam interessados em estabelecer amizades e/ou encontros sexuais, tendo relativos contatos com grupos externos. Nesses coletivos havia certa divisão de "bichas e bofes"[36], de modo que as bichas eram superestimadas e encorajadas a adotar comportamentos femininos e eram muito veneradas, inclusive com realizações e participações em concursos de misses, que compunham as atividades desenvolvidas na sociabilidade desses grupos[37].

No ano de 1963, numa dessas festas na cidade do Rio de Janeiro, promovida pelo primeiro coletivo registrado na historiografia, o Turma OK[38], ocorreu o concurso Miss Traje Típico, voltado para o público homossexual masculino, conforme mostra a figura 1, a seguir.[39]

---

[33] Para maior aprofundamento, ver as obras *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (2000), de James Green, e a dissertação de mestrado intitulada *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob* (2010), de Rogério da Silva Martins da Costa.

[34] O estudo pioneiro sobre a sociabilidade dos homossexuais em São Paulo foi de José Fábio Barbosa, defendido em 1958 e recuperado em 2005 pelo livro *Homossexualismo em São Paulo*, de James Green.

[35] Por esses grupos serem restritos, pouco se recuperou dessas experiências, sendo o grupo e jornal *O Snob* um dos poucos casos documentados. Atualmente, os exemplares do *O Snob* encontram-se no Arquivo Edward Leurenoth (AEL), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo.

[36] GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 251.

[37] COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960**: relatos do jornal O Snob. Dissertação (Mestrado) - CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 2010, p. 9-10.

[38] O coletivo Turma OK foi fundado oficialmente em 1962 na cidade do Rio de Janeiro, entrando em funcionamento sob a liderança de Agildo Bezerra Guimarães. No entanto, segundo informa o seu sítio na internet, o grupo iniciou seus encontros (semanais ou bisemanais) já no ano anterior, precisamente em 13 de janeiro de 1961, no apartamento de Antônio Peres, no Edifício Varsóvia. Esse grupo de amigos, "a turma" funcionava como uma família alternativa para que os homossexuais pudessem sobreviver às hostilidades sociais, uma espécie de grupo de apoio.

[39] GREEN., op. cit., p. 297.

Agildo Bezerra Guimarães[40] achou a escolha do júri inapropriada e buscou contestar a escolha dos jurados e o resultado do concurso junto com os membros do seu grupo, criando um jornal como forma de protestar por brincadeira.[41]

Figura 1 - Membros da rede social de *O Snob* durante o concurso Miss Traje Típico na cidade do Rio de Janeiro em 1963
Fonte: Green (2000).

Nascia, então, *O Snob*, o primeiro jornal abertamente homossexual do Brasil, com um caráter divertido, festivo e gozador. Inicialmente simples e caseiro, feito com duas páginas de folha ofício, datilografado (frente e verso) e impresso em mimeógrafo, *O Snob* foi distribuído pelos membros da Turma OK em points homossexuais típicos do Rio, como na Cinelândia, em Copacabana e na "Bolsa de Valores" (parte da praia em frente ao famoso Copacabana Palace), sendo às vezes solicitados valores pelo jornal, em alguns momentos ajuda financeira e em outros a distribuição era de forma gratuita.

Com o passar do tempo, o grupo e, consequentemente, *O Snob* cresceram, tornando-se este uma mini revista que passou a ter cerca de 30 a 40 páginas, capa, ilustrações em cores, uma pequena quantidade de anúncios, regularidade de publicação e passou a ser reconhecido pela comunidade gay carioca. A mini revista passou a contar com colunas de fofocas, concursos de

[40] Além de ser o idealizador de *O Snob*, é remanescente da fundação de um dos grupos no período de 1961-1964 (Turma OK). Nos anos de 1970, publicou o jornal *Gente Gay* e colaborou com a edição n. 28, 1980, do jornal *Lampião da Esquina*. Participou da reestruturação da Turma OK nos anos de 1980 e nesse período editou outro jornal de temática homossexual (*O Okeizinho*). Ver COSTA, 2010, p. 9.
[41] GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 297.

contos e poesias, matérias sobre moda, beleza, cuidados com a pele, entrevistas, palavras cruzadas e séries de reportagens como a História do Brasil pelo método confuso e Introdução à Psicanálise.[42]

Foi assinado por Gilka Dantas, Pantera Cor-de-Rosa, Robinetti, Elke Stenssoro e Gigi Bryant, jornalistas que se utilizavam de pseudônimos para expressar ideias e manter suas identidades ocultas, práticas comuns a publicações homossexuais no período, fato revelador da precária liberdade de que gozavam as homossexualidades. Tendo como editora-chefe a enigmática Gilka Dantas, pseudônimo utilizado por Agildo Guimarães, *O Snob* conseguiu atingir uma considerável rede de distribuição pelo país quando alguns membros do grupo passaram a viajar, tendo contato com outros grupos, ofertando, para além de fofocas aos seus leitores, temáticas as mais diversas dessa efervescente cultura gay emergente no país, oferecendo ao seu público um espaço em que se sentia representado.[43]

Esse tabloide funcionava também como conexão entre grupos e formulou uma rede de contatos que ultrapassou a cidade do Rio de Janeiro a partir de viagens realizadas por seus membros, estabelecendo uma rede de conexões ativas com vários outros grupos pelo Brasil. Através dessa publicação, os trabalhos de James Green (2000) e Rogério da Silva Martins da Costa (2010) conseguiram captar um estilo de cultura homossexual no período, apontando comportamentos, lugares e linguagens de formas seguras criando uma identidade homossexual.

A linguagem utilizada no jornal denotava um universo de identidades de gênero fixas, estereotipadas da relação sexual macho/fêmea, em que os bofes eram os machos de verdade, os ativos nas relações, e as mariconas, efeminadas, seriam os passivos. Porém, em *O Snob*, as turmas exaltavam a figura feminina e também podiam nela viver a sua vida enquanto homossexuais sendo bastante performativos, assumindo sempre a figura do feminino e a arte do transformismo, como se vê na maioria das capas do jornal e nas atividades de desfiles desenvolvidas pelo grupo.

Com suas matérias em tom sarcástico, extremamente irônicas e com o duplo sentido como elementos da sua linguagem, ele se posicionou no "meio" da vida homossexual brasileira, sendo que o "meio" fazia referência à subcultura homossexual, como também às pessoas no meio, entre o masculino e o feminino; também refletiam um desejo por parte dos editores de não se envolver com as disputas políticas e a polarização da época, excetuando uma rápida

---

[42] PERET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**: entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2012, p. 19-20

[43] GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 300.

menção a membros do grupo que aderiram a uma greve bancária[44], fato indicador de um afastamento da política tradicional, por assim dizer, dos homens políticos, dos partidos e das ideologias.

Porém, a partir de 1966, essas duas visões começaram a ser contestadas internamente. O Pantera Cor-de-Rosa começou a questionar certa rigidez do jornal e a feminilização da homossexualidade masculina, assim rejeitou o esquema bicha/bofe e, como forma de protesto, mudou o seu pseudônimo para Hélio Gato Preto, contribuindo para uma nova concepção da homossexualidade dentro do grupo, fato demonstrado na mudança de capas que antes exaltavam figuras femininas, como demonstrado na figura 2.[45] Passou, então, a conter um nu de dois homens em estreita e envolvente relação homoafetiva, conforme demonstrado na figura 3.[46]

Figura 2 - Capa do jornal *O Snob*, nº 2, de 1964
Fonte: Costa (2010).

[44] GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 312.
[45] COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960**: relatos do jornal O Snob. Dissertação (Mestrado) - CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 2010, p. 51.
[46] Idem.

Figura 3 - Capa do jornal *O Snob*, nº 2, de 1969
Fonte: Costa (2010)

Sendo influenciado pelos protestos estudantis da época, Gato Preto também começou a trazer preocupações políticas para o grupo, o que de imediato não fora acatado no plano da redação. Em 1967, ele produziu uma nova publicação, o jornal *Os Felinos*, na cidade de Niterói. Outra contestação surgiu por parte de Anuar Farah[47], dando margem para a criação do seu *Le Femme*, também em 1967.[48]

Ao questionar as visões rígidas do *O Snob*, Gato Preto contribuiu para mudanças no jornal, de modo que se tornasse mais aberto aos conteúdos que tratassem da visão do homossexual, de gênero e da política, fatos claramente visualizados na edição de maio de 1969, quando expõe dois homens deitados e nus se beijando e no relato poético feito sobre a Marcha dos Cem Mil, ocorrida em 26 de janeiro de 1968:

> À hora declinante da tarde, na Avenida Rio Branco o povo a lotava completamente, com faixas, dizeres, gritos e aquela vontade locomotiva de caminhar para a frente, de mudar o que está errado, de modificar o que está obsoleto. E os gritos de LIBERDADE, LIBERDADE eram ecoados por mil bocas ao mesmo tempo, e de mil multiplicava-se por mil, e o eco transcendental foi bem longe, ao infinito. Aquela sensação de emoção, que nos dá, quando sentimos a irmanização de ideal, num total nunca calculado, chega através de um arrepiar no corpo, lágrimas que chegam aos olhos, e aquele estranho sentir que não estamos sós. Que vontade de sair com eles gritando, gritando, caminhando, caminhando. E quando tudo acaba, e nós nos dirigimos para casa, levamos a certeza que a vida tem de mudar. Que aquilo tem de

[47] Anuar Farah foi participante do grupo Turma OK e ajudou a criar *O Snob*.
[48] SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na Trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Ábramo, 2009, p. 70.

> germinar. A semente plantada tem de crescer e frutificar. Aquilo que chegou até nós, tem de ser passado adiante. Não pode parar.[49]

Essa visão sobre as questões políticas e até mesmo a necessidade de se posicionar se concretizariam na tentativa de Agildo Guimarães e Anuar Farah de fundar uma Associação Brasileira de Imprensa Gay (ABIG) entre 1968 e 1969, com o intuito de reunir produções jornalísticas voltadas ao público homossexual da época. Organizaram-se alguns encontros, mas o projeto não foi adiante. No mesmo ano, declararam uma mudança radical na linha editorial seguida pelo *O Snob*:

> 1969 parece ser o ano das novidades, pelo o menos para nós, de O Snob, muita coisa nova acontecerá no decorrer deste ano. Iniciamos com um jornal mais adulto, onde as crônicas, poesias, artigos de real interesse, contos e colunas sociais sadias, sem fofoquinhas, aliás, abandonadas há muito por nossos colunistas, e o suprimento de desenhos e figuras femininas [...] mostrarão novos propósitos de atingirmos uma realidade do que realmente somos [sic]. Estamos próximos do século XXI a dois passos da lua e não podemos permitir que nossa mente fantasiosa estacione desde há 100 anos atrás [sic].[50]

Esse editorial, além de anunciar a nova linha a ser seguida, indica a nova visão do jornal, que já percebia a situação política em seu entorno, com clara referência à situação mundial de corrida tecnológica armamentista da Guerra Fria e por consequência da ditadura brasileira. No discorrer de 1969, com 99 exemplares, *O Snob* parou de ser produzido tanto por problemas internos como também por essa nova percepção do contexto político que começou a assolar o grupo e as notícias de perseguição pelo regime ditatorial.[51]

Corriam à solta notícias de perseguições a homossexuais pela ditadura; o já famoso Vinicius de Morais, na época ocupando o cargo de primeiro secretário do Itamaraty, fora transferido para o Ministério da Educação e Cultura por órgãos da ditadura comandados por Magalhães Pinto sem justificativa muito clara que girava em torno da segurança nacional e por representar um atentado à moral e aos bons costumes[52]. Fato mais próximo ainda fora quando Anuar Farah fora chamado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do Rio de Janeiro para prestar esclarecimento sobre o seu jornal *La Femme* em 1967.[53]

---

[49] O Snob, n. 7, 31 jul. 1968, p. 13 apud GREEN, 2000, p. 13.
[50] O Snob, 1969, p. 1 apud GREEN, 2000, p. 310.
[51] GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 409.
[52] FICO. *In*: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCAR, 2014.
[53] MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da abertura. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 138.

A paranoia tomou conta do grupo por conta da ditadura militar, e, em junho de 1969, *O Snob* parou sua produção. Durante os seus anos de existência, com 99 exemplares regulares, teve sua mensagem para o universo homossexual bem direcionada, contribuiu para a construção e consolidação de uma cultura gay e de autoafirmação da identidade e com todos os problemas que ela evocara. Sua nova organização e seu posicionamento político, em que o jornal deixaria uma linha cultural e tomaria posições mais políticas, foram ofuscados pelo receio da ditadura e seus instrumentos de repressão, mas suas contribuições foram importantes de tal forma por influenciarem a emergência de inúmeros jornais para o público homossexual da época, a saber:

> O Vedete (Campos, Estado do Rio de Janeiro) [1962]; Terceira Força (Rio de Janeiro), 1963; Zona Norte (Rio de Janeiro), 1963; Vagalume (Rio de Janeiro), 1964; O Mito (Niterói), 1966; Subúrbio à Noite (Rio de Janeiro) [1966]; Cinelândia à Noite (Rio de Janeiro), 1966; O Bem (Rio de Janeiro), 1966; Edifício Avenida Central (Rio de Janeiro), 1966; O Show (Rio de Janeiro), 1966; O Estábulo (Niterói), 1966; Sophistique (Campos), 1966; Mais (Belo Horizonte); Fatos e Fofocas (Salvador, Bahia), 1966; Charme (Rio de Janeiro), 1966; O Pelicano (Rio de Janeiro), 1966; Le Carrilon (Rio de Janeiro), 1966; Chic (Rio de Janeiro), 1966; Sputnik (Rio Grande do Sul), 1967; Os Felinos (Niterói), 1967; Gay (Salvador), 1967; Gay Society (Salvador), 1967; Zéfiro (Salvador), 1967; Baby (Salvador), 1967; O Núcleo, 1967; Le Femme (Rio de Janeiro), 1968; Centauro (Rio de Janeiro), 1968; O Vic (Rio de Janeiro), 1968; O Badalo (Rio de Janeiro), 1968; O Grupo (Rio de Janeiro), 1968; Opinião (1968); Darling (Rio de Janeiro), 1968; O Tiraninho (Salvador); Ello (Salvador); La Saison (Rio de Janeiro); Gay Press Magazine (Rio de Janeiro); 20 de Abril (Rio de Janeiro); Little Darling (Salvador), 1970. (GREEN, 2000, p. 325).

Nas palavras de MacRae, essas publicações que emergiram nos anos 60 e meados de 70, de forma geral, tiveram um caráter artesanal, caseiro, noticiavam amenidades, acontecimentos mundanos, fofocas de turmas de homossexuais locais, textos transcritos de grandes jornais e revistas e com distribuição feita de mão em mão, sem nenhum conteúdo político. Além disso, algumas delas não se demoraram muito, logo desapareceram, seja por motivos internos ou por temor e pânico causados pela ditadura, que censurou, perseguiu, prendeu, torturou e exilou inúmeras pessoas que iam em desacordo à moral e à política do regime.[54]

MacRae militou no Somos entre 1979 e 1980 e tornou o grupo campo de pesquisa para sua tese de doutoramento em Ciência Social (Antropologia Social) na Universidade de São Paulo (USP) entre 1980-1986. Em 1982, lança o capítulo "Os respeitáveis militantes e as bichas loucas"[55] e já incorporava ao seu trabalho uma visão de Movimento Homossexual moldada nos

[54] MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da abertura. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 137-138.

[55] Esse artigo fora publicado inicialmente no livro *Caminhos Cruzados - Linguagem, antropologia, ciências naturais*, organizado por Alexandre Eulálio em 1982.

parâmetros dos Estados Unidos e da Europa, fato visível quando o autor buscou justificar o estilo de militância de grupos homossexuais no 1º Encontro de Homossexuais Organizados do Nordeste, quando esses promoveram algumas ações, dentre elas uma passeata com desmunhecação, o que também resultou em um artigo recheado de palavras de protesto e ordem enviado ao *Lampião* em 1981 pelo Grupo Gay da Bahia, tendo partes censuradas a posteriori[56]. Partindo dessa visão internacional, MacRae, em sua tese de doutorado *O Militante Homossexual no Brasil da Abertura*[57], buscou relatar modelos que caracterizariam os militantes homossexuais da abertura e por consequência um movimento homossexual.

Falando acerca das experiências anteriores ao *Lampião* e ao Somos, embora não fosse objeto de seu trabalho, o autor traz o olhar de Anuar Farah, participante das turmas do Rio de Janeiro e do *O Snob*, em uma entrevista dada a Mícolis em 1980, já imerso no contexto do final da década de 1970 e início de 1980, respondendo o que seria o Movimento Homossexual:

> O que é movimento homossexual? Meia dúzia de viados escandalosos, no meio da rua, com tabuletas "queremos igualdade, queremos aquilo, eleger fulano, abaixo isso? [...] acho uma anarquia. Agora: se o movimento homossexual é esta liberdade que nós temos hoje, essa motivação, esse trabalho honesto que fazemos, você vai ao teatro e assiste atuações como o da Camille, da Rogéria, você liga televisão, vê textos maravilhosos como o Crime do castiçal, pega o jornal de vocês (Lampião) e encontra coisas sensacionais, realmente honestas, então isso é o movimento. Mas tem gente que diz que estamos trancados dentro de uma garrafa. Isso é ridículo. Acho que nós estamos atuantes, estamos aí, todo mundo pela rua, um movimento incrível, tudo o que se faz é honesto, aí eu acredito: agora essa questão de política não, não aceito, não existe mesmo.[58]

As palavras de Farah apontam o deslumbre de um homossexual mais velho que viveu uma época mais repressora, em que havia uma descrença na política, uma vez que foi sequestrada pela ditadura e não se podia sequer escrever seu real nome em um jornal, pois poderia ser cooptado pela ditadura e lá em 1980 lia o *Lampião*, jornal em que se encontravam "relatos significativos do período em que os homossexuais tomaram a palavra para si, argumentaram, ocuparam um espaço conquistado pela força de uma escrita na primeira pessoa do singular ou do plural"[59], mesmo que ainda em condições do regime ditatorial, que há pouco já se abrandava, dando sinais de seu fim.

---

[56] MACRAE, Edward J. B. N. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. *In*: EULÁLIO, Alexandre (Org.). **Caminhos Cruzados** - Linguagem, antropologia, ciências naturais. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 99-111.

[57] Essa tese foi transformada e lançada em livro em 1990 pela editora da Universidade de Campinas (Unicamp), com o título *A Construção da Igualdade*.

[58] MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da abertura. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 138-139.

[59] MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se?**: O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981). Recife, 2015, p. 12.

MacRae ao trazer esse olhar de Anuar Farah buscava delimitar e discernir experiências anteriores ao *Lampião* e ao Somos e a partir daí construir os parâmetros de um movimento homossexual e, na nossa visão, a construção de um discurso e uma "verdade" acerca da história do movimento homossexual brasileiro através da sua tese. A "verdade", proposta por Foucault, deve ser entendida como "um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados"[60].

A construção desse discurso da existência de um movimento homossexual brasileiro somente a partir de 1978 foi criada inicialmente por homossexuais disputando enunciados com outros saberes sobre seus corpos, suas identidades, seu cotidiano. O efeito pragmático dessas disputas foi a criação de um novo regime de verdade em torno da história dos homossexuais brasileiros na história oficial e, consequentemente, na sociedade[61].

Em contrapartida, no que concerne ao estabelecimento dessa verdade em torno do movimento homossexual no Brasil a partir de 1978, houve também elementos negativos: contribuiu-se para a limitação da noção do Movimento Homossexual no Brasil, tendo como consequência a invisibilidade e a desimportância, do ponto de vista histórico, de outras experiências organizativas homossexuais significativas, tais como as já relatadas experiências das Turmas e do *O Snob* no Rio de Janeiro; e a demarcação de experiências como o *Lampião* e o Somos como modelos e experiências nacionais, quando na verdade foram experiências do Sudeste que se expandiram pelo Brasil, relacionando-se com outros movimentos em organização ou já organizados pelo país.

Na esteira dessas experiências até então invisibilizadas, no capítulo que segue, a partir de uma releitura das noções da categoria de Movimento Homossexual, buscamos fazer uma recomposição histórica de como se processou o movimento homossexual em Sergipe não somente a partir de um grupo, mas também de um sujeito e seu enraizamento social, cultural e político, e das estruturas de oportunidades que são construídas a partir dessas relações.

---

[60] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p. 13.
[61] SILVA, Alessandro Soares. **Por um Lugar ao Sol**: construindo a memória política da Homossexualidade (ou: Homossexualidade: uma história dos vencidos?!). Bagoas, 2012.

CAPÍTULO II: ESTRUTURAS DE OPORTUNIDADES CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS: UM OUTRO OLHAR SOBRE OS MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS NO BRASIL

Em 14 de março de 1981, seria fundado na capital sergipana por Wellington Gomes Andrade, Ivo Adnil Silva, Carlos Roberto Andrade, Mara Lopes e Aracy Santos Mendonça[62] o Grupo Dialogay Sergipe (GDS), primeiro grupo homossexual organizado do Estado de Sergipe, cujo objetivo central, a grosso modo, foi defender e garantir a cidadania às homossexualidades nos mais diversos campos da vida em sociedade.

O Dialogay foi um dos grupos homossexuais mais duradouros do Brasil, existindo até 2003. Nesses mais de 20 anos de existência, o grupo encampou no Estado ações para dar visibilidade aos homossexuais, garantir direitos e liberdades civis, esteve à frente de debates e campanhas políticas e promoveu em Sergipe as primeiras ações de conscientização e prevenção durante a epidemia do vírus HIV/Aids. Embora tenha existido por mais de 20 anos, executado ativamente ações em defesa das homossexualidades em Sergipe, poucos trabalhos se debruçaram sobre o Dialogay, sua fundação e sua trajetória.

Um desses poucos trabalhos foi do historiador Gilvan dos Santos Rosa, intitulado *Terceiro Setor: um estudo sobre o grupo Dialogay de Sergipe* (2005)[63]. Nesse trabalho de conclusão de curso em nível de especialização em Terceiro Setor, Rosa realizou um breve histórico acerca do Grupo Dialogay de Sergipe, desde a sua fundação em 1981 até a sua extinção em 2003, relatando lutas gerais encampadas pelo grupo durante a sua existência.

Outro trabalho que abordou o Dialogay foi a tese de doutoramento em Sociologia de Marcos Ribeiro de Melo, *Itinerários e "lutas": o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012)*, defendida em 2013. Na sua tese de doutorado, Melo, utilizando-se de nomes fictícios como metodologia de trabalho para preservar identidades, investigou militantes do movimento homossexual de Sergipe, tendo como foco a constituição das mobilizações organizativas e das lutas e bandeiras levantadas por esses militantes, bem como os níveis de adesões dos militantes ao Movimento Homossexual.

Na visão de Melo (2013), seria José Silva, nome fictício utilizado para Wellington Gomes Andrade, que a 14 de março de 1981 organizaria uma rede de amigos e fundaria o Dialogay e o

[62] O ofício de número 14, datado de 30 de junho de 1981, é o primeiro documento do grupo a que tivemos acesso com várias assinaturas, nos levando a entender que esses seriam os membros iniciais do Dialogay. Cf. anexo B.
[63] Trabalho de conclusão para obtenção do grau de especialista em Terceiro Setor e Política Pública da Universidade Tiradentes.

movimento homossexual em Sergipe dentro de uma "estrutura de oportunidades políticas"[64], apontando para a existência de uma organização social de homossexuais a partir de um grupo/instituição que só ocorreria dentro de condições políticas favoráveis.

Segundo o sociólogo Sidney Tarrow, foram os estudiosos estadunidenses os primeiros a desenvolverem um olhar político sobre os movimentos sociais, cabendo a Charles Tilly o uso pioneiro da categoria de estrutura de oportunidades políticas na obra *From mobilization to Revolution* de 1978. A posteriori, seria o próprio Tarrow que reformularia o conceito e traria ao centro das discussões as relações de grupos sociais e as condições estruturais políticas necessárias para que grupos pudessem se mobilizar. A estrutura de oportunidades políticas, na visão de Tarrow, deve ser entendida como macro condições necessárias para que grupos possam se mobilizar e reivindicar mudanças, de maneira que na prática das suas ações os grupos não sejam impedidos por forças do Estado, seja através de leis ou pelo uso de forças repressoras.

No caso do movimento homossexual sergipano, a emergência do Grupo Dialogay de Sergipe, dentro do contexto de abertura política lenta, gradual e segura do regime militar, representaria as condições favoráveis para se ter uma estrutura de oportunidades políticas e, consequentemente, o surgimento de uma mobilização social por homossexuais em Sergipe.

Neste trabalho, não pretendemos ir em oposição à visão que preconiza o Dialogay enquanto formador do movimento homossexual em Sergipe, pois foi o primeiro grupo que mobilizou, pautou e organizou por anos o movimento homossexual no Estado; pelo contrário, o grupo é um ponto central desta dissertação, e através dele pretendemos recompor a organização homossexual em Sergipe, recomposição histórica que só foi possível graças aos documentos e arquivos produzidos pelo Grupo Dialogay de Sergipe e à entrevista cedida por seu líder, Wellington Gomes Andrade.

Porém, gostaríamos de nos utilizar do conceito de estruturas de oportunidades políticas de Tarrow para ampliar e contribuir para a história e constituição do Movimento Homossexual Sergipano. Tarrow, na obra *Poder em Movimento: movimentos sociais e conflitos políticos*, aventa que existem condições necessárias para o surgimento e a organização de um movimento social que são externas ao movimento, embora seja a própria organização social que deva perceber e avaliar essas condições.

Essas condições que Tarrow menciona estão na esfera da política e são externas aos grupos sociais, ocorrendo quando cidadãos comuns, em reação às elites ou estimulados por líderes, percebem que os custos sociais de executarem ações coletivas lhes são mais favoráveis,

[64] TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confrontos políticos. Petrópolis: Vozes, 2009.

pois possuem alguma adesão de apoio popular porque existe alguma fraqueza de natureza política das elites e das autoridades políticas que estão sem apoio da opinião pública e, consequentemente, popular, não conseguindo fazer o enfrentamento aos movimentos sociais e atos organizados por eles, uma vez que as elites e o poder político estão sem legitimidade.[65]

Percebendo essas condições, seria possível a um movimento social organizar-se, constituir uma rede de possíveis aliados, formular redes sociais e criar identidades coletivas visando a produzir uma rede de ações coletivas em torno de um tema comum, possibilitando dessa forma ao movimento social lutar contra as estruturas dominantes para a concretização dos objetivos idealizados pela organização social.

O trabalho de Melo (2013) não é apenas um grande referencial para esta dissertação, mas também serviu como uma fundamental fonte de pistas; entre personagens do movimento homossexual em Sergipe e suas entrevistas, o autor revela a existência de um arquivo morto do grupo Dialogay. Porém, a pesquisa de Melo usava nomes fictícios, dificultando o trabalho de encontrar esses personagens da sua tese.

Sabendo que a extinção do Dialogay ocorreu em 2003, buscamos encontrar em Aracaju outros grupos LGBTQIA+ para saber se tiveram conhecimento do grupo, chegando dessa maneira à Associação de Travestis e Transgêneros de Aracaju (Astra), fundada em 2001 por Tatiana Aquino Araújo, que militou no Dialogay por fins da década de 1990. Por estar em pré-campanha e a posteriori em campanha para vereadora, Tatiana Araújo deixou a presidência da Astra e não teve tempo hábil para nos atender, além de a pandemia ter dificultado os contatos físicos, mas deixou abertas as portas da instituição e dos arquivos para pesquisa, que só podia ocorrer pelas tardes, das 14h às 18h, horário de funcionamento da Astra.

Quando finalmente acessamos o arquivo morto do Dialogay, conseguimos ter conhecimento dos nomes de alguns militantes, de maneira que, pelas barreiras criadas pela pandemia, pela invisibilidade de alguns nomes, só conseguimos entrar em contato com um deles, Wellington Gomes Andrade. O fato de Wellington ter atuado durante mais de 15 anos no Dialogay contribuiu para o seu nome aparecer com mais constância no arquivo morto deixado pelos últimos membros do grupo em 2003. Além disso, esse militante do movimento sergipano já fora entrevistado para outros trabalhos acerca da temática do Dialogay, fator que, combinado à exposição de Wellington em jornais e eventos de época e da atualidade, contribuiu para que chegássemos ao seu nome e à busca do seu relato.

---

[65] TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confrontos políticos. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 38.

Dessa forma, utilizamos os relatos de Wellington para que, por meio deles, possamos perceber as estruturas de oportunidades que estavam presentes na constituição do movimento homossexual em Sergipe. A partir dessa experiência social individual que, através da sua rede social, teceu costuras e percebemos um amplo espectro de estruturas de oportunidades que contribuíram para a formação do movimento homossexual em Sergipe. Essa experiência micro, de caráter menos institucionalista, foi uma experiência organizativa narrada por um militante do movimento homossexual sergipano, Wellington Gomes Andrade.

Partindo da ampliação do conceito de estruturas de oportunidades, pensamos a constituição do movimento homossexual sergipano e sua organização como resultantes de complexas relações que se dão no campo da política e das relações dela resultantes, do âmbito cultural, econômico e social. Na nossa ótica, a conjunção de forças para surgimento de um movimento social se dá também no ambiente em que circulam indivíduos, seu enraizamento e rede social, e através delas é possível organizar a coletividade a partir de demandas culturais, econômicas e políticas que permitem o surgimento do movimento e a organização das suas bandeiras de luta.

Wellington foi um dos fundadores do grupo Dialogay e também o seu presidente, dirigindo o grupo por quase 15 anos e, mesmo depois do fim do grupo, passou a militar em outras instituições homossexuais, militando ainda hoje pela causa LGBTQIA+. A escolha de Wellington e de seu relato para esta dissertação é fruto de uma confluência de fatores, tendo a ver com os próprios percalços da pesquisa e com a militância desse personagem, o que acabou por nos levar ao seu nome.

O uso dos relatos de Wellington não deve ser concebido como uma prática historiográfica de cunho personalista, cujo objetivo tratar-se-ia de narrar a história de um homem e sua militância homossexual, mas sim como indícios para se pensar uma realidade partindo do seu enraizamento social, cultural e político. Os seus relatos nos permitem reconstruir os espaços sociais pelos quais ele circulava e que estavam presentes em seu horizonte. Por meio desses relatos, pretendemos vislumbrar a estrutura de oportunidades que se apresentava a Wellington no entorno do seu enraizamento social. Conforme defendem Florence Passy e Marco Giugni, a autopercepção do militante e das suas relações sociais pode criar e reproduzir uma estrutura de significados, e a partir dela se torna possível perceber a imersão de um sujeito em uma realidade macro, podendo se extrair dali um quadro interpretativo de um determinado contexto ou pelo menos indícios dele.[66]

[66] PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Social networks and individual perceptions: explaining differential participation in social movements. **Social Forum**, v. 6, n. 1, 2001, p. 131.

2.1 A igreja e a religiosidade como uma estrutura de oportunidades para a organização de homossexuais em Aracaju no final da década de 1970

Wellington Gomes Andrade é natural da cidade de Aracaju, nascido a 23 de novembro de 1954; em entrevista ao autor, aponta ser de uma família de 15 filhos, da prole do senhor José Gomes de Andrade e Maria de Lourdes Andrade. De família pobre, conta que foi criado boa parte da sua infância pela sua mãe e sua avó, residindo parte da sua infância e adolescência na Avenida Hermes Fontes. Sua mãe trabalhava como zeladora na Igreja Presbiteriana, no Centro de Aracaju, e com seu parco salário sustentava a casa, onde enfrentaram dificuldades na sobrevivência por conta da situação financeira, tendo ele de trabalhar de carregador na feira do seu bairro aos sábados, na Praça da Bandeira, para colaborar com a sua família.[67]

Segundo Wellington, sua vida escolar foi iniciada na Escola Estadual Manoel Luiz, instituição próxima da sua casa, lugar onde concluiu o curso primário e o ginásio no Colégio Costa e Silva. No final da década de 1960, começou seu segundo grau no Colégio Atheneu Sergipense[68], cursando apenas dois anos, não o concluindo. Por influência religiosa da sua mãe, ainda na adolescência, ele conta que começou a participar de uma congregação de credo protestante, passando a frequentar regularmente igrejas evangélicas.[69]

Com um relato impreciso, Wellington narra que, no final da década de 1970, foi viver em Recife e começou a frequentar uma igreja evangélica, a qual tinha integrado nas suas atividades grupos jovens, e lá ele atuou como "presidente da classe de juventude" e "professor da juventude", contando ser nessa experiência onde aprendeu a mobilizar pessoas e organizar eventos, características fundamentais para pessoas militantes e líderes de movimentos sociais. Ele também rememora que entrou em conflito com o pastor da congregação por conta de "sua orientação sexual" e por isso acabou abandonando não apenas a instituição, mas o credo protestante.[70]

Mesmo com a imprecisão do relato, nota-se que, já na década de 1970, Wellington se desenhava com uma certa vocação para organizar e liderar grupos. Essa autopercepção de

---

[67] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA, p. 6.

[68] O colégio Atheneu é uma tradicional escola pública sergipana fundada na segunda metade do século XIX, formando inúmeros intelectuais em Sergipe. A partir da segunda metade do século XX, o movimento estudantil dessa instituição gestou inúmeros ativistas e políticos de esquerda em Sergipe.

[69] ANDRADE, op. cit., p. 6.

[70] MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013, p. 89.

liderança é muito importante, pois ela permeia o discurso dele, e é a sua liderança que vem sempre na sua construção sobre o movimento homossexual e a fundação do Dialogay. Também é importante apontar que, já nos anos 70, acontecia um conflito entre o "ser homossexual" e a sua religiosidade, coisa que não foi abalada, uma vez que, mesmo havendo conflito entre a sua sexualidade e a religião, Wellington trocava o credo, mas não abandonava a fé.

Passado apenas um ano em Recife, retorna a Aracaju ainda na década de 1970, quando começou a frequentar um templo católico situado no Bairro Siqueira Campos e lá conheceu o padre Inaldo, e juntos fundaram a "comunidade católica homossexual". Acerca dessa experiência, Wellington relata:

> Na década de 70, eu comecei bestão, tolão, sem saber o que era isso, o que era aquilo. Comecei como secretário numa comunidade católica no bairro Siqueira Campos. Nós tínhamos uma comunidade que não tinha essas siglas. (Também ainda não havia) essa doença: a maldita da Aids! A gente tinha uma comunidade católica, onde essa mesma comunidade era a comunidade das mulheres, das prostitutas, dos pobres e dos meninos de rua, entendeu? As nossas reuniões eram sempre aos domingos, às 19h. E a gente, quando saía, saía em grupos. Ficávamos, eu e o padre, na esquina esperando transporte para que as pessoas homossexuais pegassem transporte para cada um ir para suas casas. Como era o líder, eu ficava com o padre e depois vinha pra casa numa boa. O movimento começou aí.[71]

Apesar de os relatos conterem imprecisões, são ricos ao narrarem sobre uma organização mista gestada na década de 1970 que envolvia em algum grau o credo católico, e o agrupamento era formado por mulheres, prostitutas, pessoas pobres e homossexuais e em que ele e o padre aparentemente também tinham um papel central na organização. Em entrevista cedida para Melo (2013), Wellington relata mais alguns aspectos dessa comunidade:

> Como as Genis do Chico Buarque, os homossexuais mais afetados e cheios de maneirismos não tinham paz. Parece que eram feitos pra apanhar e pra cuspir. Era uma época difícil. Estávamos no final dos anos setenta e nos encontrávamos num bairro de periferia. Mas as criaturas saiam às ruas, me lembro muito bem, lá vinha coió, vaias e toda sorte de agressões e de humilhações. Xingamentos dos mais diversos. Eu, que vim de um lar cristão e sempre fui revoltado contra as injustiças, me aliei a um sacerdote que abriu as portas [...] para dar espaço e ministrar aos homossexuais, um conforto espiritual e uma palavra amiga.[72]

No relato a Melo (2013), percebe-se que havia um espaço para conversas entre os participantes orientadas pelo padre Inaldo e havia o suposto intuito de trocar experiências de

---

[71] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA, p. 6.

[72] MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013, p. 89.

vida e ofertar conforto espiritual através do evangelho. A organização desse grupo remete a algumas características das Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs), pois reuniam pessoas com a mesma religião de localidades próximas e eram motivadas pela fé.[73]

À primeira vista, as atividades seriam de natureza extraeclesiais, pois, como relata Wellington, "a gente se reunia no fundo da casa dele (do padre)"[74] com caráter pastoral, vinculados a demandas populares que suprimiam "a dualidade fé-vida encontrada em grupos cristãos que partem da doutrina do 'ser cristão' ao domínio intelectual-moral das verdades reveladas e explicitadas pelo magistério eclesiástico"[75].

Embora se percebam algumas características de CEBs nesse grupo, pela oferta de conforto espiritual e pela palavra amiga ofertada através do evangelho, segundo relato de Wellington, essa comunidade atuava por baixo dos panos, sem o conhecimento da igreja enquanto instituição, tendo suas atividades desenvolvidas exclusivamente na casa do padre Inaldo.[76] Assim, o grupo não evocaria a característica intraeclesial das comunidades de base, não havendo celebração de missas ou cultos, festas litúrgicas, novenas, catequeses, preparação para sacramentos, matrimônios e outras realizações mais ortodoxas da Igreja Católica.[77]

A postura do padre Inaldo acolhendo o grupo homossexual em sua casa pode ser explicada pela visão de setores católicos sobre o tema. A relação entre a Igreja Católica, sodomitas[78] e efeminados[79], desde o período da Igreja Católica primitiva, era de condenação às práticas homoeróticas, fato que levou milhares de sujeitos que se sentiam atraídos pelo mesmo sexo ao tribunal do Santo Ofício[80]. Contemporaneamente, já existem algumas rupturas pontuais em torno das sexualidades dissidentes, todavia, ainda no último quarto do século XX, tal discussão não estava posta, e a Igreja Católica, assim como seus representantes, majoritariamente, ainda viam nas homossexualidades um desvio.

Através do uso caricato de trechos selecionados da Bíblia, da religião e do nome de Deus, ainda eram/são uma constante a deslegitimação e o preconceito contra homossexuais. Ao não perceber essa sutil dinâmica de aproximação de solidariedade entre homossexuais, membros da

---

[73] BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. **Dhnet**, 1981. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/livro_betto_o_que_e_cebs.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
[74] MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013, p. 89.
[75] BETTO, op. cit., p. 10.
[76] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA.
[77] BETTO, op. cit., p. 10.
[78] Termo utilizado pela igreja para também fazer referência ao homossexual ativo.
[79] Termo utilizado pela igreja católica para referir-se aos homossexuais passivos.
[80] Para mais, o leitor pode consultar NAPHY, William. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2004.

igreja e outros grupos sociais dentro de um contexto em que a discriminação ainda era presente, deixa-se de certa forma de enxergar a demanda por uma mudança ou pelo menos a tentativa de integração a uma instituição milenar que há muito tempo negava acolhimento e pertencimento físico e espiritual aos sujeitos homossexuais.

A estrutura de oportunidades criada que ocorre por debaixo dos panos entre homossexuais e o credo católico se dá em um contexto histórico que ainda é apregoado pela Igreja Católica e seus membros, inclusive publicamente, uma visão preconceituosa sobre homossexuais. No jornal *Gazeta de Sergipe*, grande e plural veículo de comunicação com circulação no Estado, a matéria com a chamada de "Homossexualismo" elucida bem a visão ortodoxa que membros da Igreja Católica tinham acerca dos homossexuais na sociedade, significando para a igreja as homossexualidades "a degradação moral, espiritual e social em que vive o homem deste mundo que se corrompe a cada aurora"[81].

Embora o preconceito do credo católico não fosse uníssono pelos discursos de seus membros, ele era majoritário. Todavia, a matéria também revela como a igreja enxergava a evolução, a visibilidade e a aceitação dos homossexuais na sociedade, pois acreditava que a sociedade, ao invés de condenar homossexuais, os aplaudia, relatando que "no último carnaval, o GALA GAY, foi o reconhecimento total de todos os efeminados nos desfiles arrancando aplausos arrebatadores"[82].

A não conformação pelos aplausos recebidos por homossexuais no Carnaval mostrava o interesse da igreja de que as homossexualidades fossem execradas, levadas à categoria de algo amoral que levaria a sociedade a não poder mais definir a moralidade. A matéria é encerrada condenando os homossexuais, afirmando que Deus veria o "homossexualismo" como "um pecado detestável e abominável que separa o ser humano de Deus e da natureza."[83]

Dentro desse contexto de preconceito, a ação do padre Inaldo de acolher os homossexuais em sua residência seria uma forma de evitar atritos com setores da igreja. O relato sobre essa comunidade católica expõe algumas características importantes das concepções do que Wellington enxergara na sua militância, visando essa comunidade interligada pela fé, como um movimento homossexual, pois trazia acolhimento e solidariedade para as pessoas homossexuais que desde sempre foram atacadas pela igreja e pela sociedade, atribuindo a essa experiência a gênese do movimento homossexual em Sergipe.

---

[81] DÁVILLA, Franklin. Homossexualismo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 20 de março de 1982, p. 5.
[82] Idem.
[83] Idem.

De toda sorte, a bibliografia que tratou de experiências homossexuais organizativas em Sergipe foi unânime em rechaçar a experiência da comunidade católica relatada por Wellington Gomes Andrade como um arranjo que pudesse ser o início do movimento homossexual em Sergipe. Para Melo[84], as características desse agrupamento "não evocam a compreensão de que ao final dos anos 1970 houvesse um movimento homossexual sergipano pelas atividades desenvolvidas no grupo, pois não indicava as possibilidades de institucionalização ou de mudanças sociais"[85], demarcando o aparecimento do Grupo Dialogay de Sergipe (GDS) como marco inicial para a constituição de um movimento homossexual sergipano.

Essa visão institucionalizada de movimento social proposta por Melo (2013), ou seja, a existência de um movimento social homossexual apenas pelas vias de uma organização institucionalizada ou com um indicativo de mudanças sociais, ela foi signatária das teorias dos movimentos sociais clássicas que limitavam a visão sobre movimentos sociais a esquemas fixos como um grupo insatisfeito com algo, um inimigo comum, e que se organizam em torno de uma instituição para reivindicar mudanças.[86]

Ainda que a comunidade católica homossexual que fora relatada por Wellington, organizada junto ao padre Inaldo, não evoque características de um movimento homossexual no sentido clássico, tal experiência deve ser vista como uma estrutura de oportunidades que surge em torno da relação de caráter subversivo estabelecida entre homossexuais, representada por Wellington, e a Igreja Católica, na pessoa do padre Inaldo. A comunidade católica homossexual foi uma experiência organizativa que em algum grau buscava acolher homossexuais, mesmo por baixo dos panos de uma instituição que milenarmente atacou, condenou e até matou homossexuais, a Igreja Católica.

Não sendo elevada à categoria de movimento homossexual, ainda assim a comunidade católica homossexual foi uma estrutura de oportunidades que surgiu por baixo dos panos da Igreja Católica e serviu para uma sutil organização de homossexuais que também serviu para um ganho de experiência de práticas organizativas para Wellington Gomes, que, percebendo o poder da sua rede de relações, vai fazer da prática de conexões com vários agentes uma estrutura

---

[84] Marcos Ribeiro de Melo é professor adjunto do Departamento de Psicologia da UFS e em sua tese de Doutorado em Sociologia, *Itinerários e "lutas": o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012)*, buscou evidenciar os sentidos das lutas encampadas por diversos militantes do movimento homossexual em Sergipe entre 1981 e 2012, relacionando suas vidas e sua atuação dentro do movimento em Sergipe.

[85] MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013, p. 4.

[86] GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

de oportunidades para o desenvolvimento e a institucionalização do Movimento Homossexual em Sergipe, sendo o jornal *Lampião da Esquina* e o Somos essas conexões iniciais que são utilizadas para a fundação do Grupo Dialogay de Sergipe.

Em suas memórias, Wellington traz a sua percepção enquanto militante e mostra que, por fins da década de 1970, organizou juntamente ao padre Inaldo uma comunidade católica homossexual, sendo essa o primeiro registro que se tem de experiências organizativas em Sergipe até então. Porém, as memórias dele começam a revelar o início do processo de institucionalização da sua militância, que começa com sua conexão com o jornal *Lampião da Esquina* e durante esse processo ocorreria a fundação do Dialogay. Segundo relata Wellington:

> Ainda na década de 70, participei da reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) promovida pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Salvador. Enquanto caminhava pelo espaço do evento, avistei uma tenda com cartazes, revistas e livros exclusivamente de temática homossexual. Nessa tenda, conheci um rapaz que comercializava exemplares do jornal *Lampião da Esquina*.[87]

O relato de Wellington traz à tona a construção de um Movimento Homossexual em Sergipe institucionalizado e que, de forma geral, na historiografia dos movimentos sociais de homossexuais no Brasil, irá existir dentro de uma dinâmica própria e começando a serem gestados no país a partir das experiências práticas do jornal *Lampião da Esquina* e da formação do Grupo Somos. O aparecimento do *Lampião* e do Somos seria um marco significativo e demarcaria para a historiografia especializada os fatos fundadores do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).

O historiador brasilianista James Green, acerca da constituição do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), mostra que em 1978, com o arrefecimento da ditadura militar, vários setores da sociedade começavam a se organizar e tomar as ruas para reivindicar o fim do regime. Assim sendo, o afrouxamento da ditadura seria a estrutura de oportunidades políticas para que se gestasse e constituísse um Movimento Homossexual no país. O autor mostra que, entre 1978 e 1979, alguns estudantes, escriturários, bancários e intelectuais começaram a se reunir semanalmente na cidade de São Paulo e, entre sessões de conscientização, leituras de matérias de jornais e discussões, começavam a planejar o futuro da primeira organização pelos direitos dos homossexuais no Brasil.[88]

---

[87] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA, p. 1.

[88] GREEN, James. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, 2000. Disponível em: http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a12.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019, p. 273-274.

Os encontros e discussões começavam a se tornar mais sérios e constantes, e o grupo começa a tomar corpo, sendo inicialmente chamado de Ação pelos Direitos Homossexuais, tornando-se, posteriormente, Somos: Grupo de Afirmação Homossexual. O grupo tinha como uma de suas atividades a leitura atenta do recém-lançado jornal *Lampião* e se limitava a debates internos, apresentando-se para a sociedade de maneira mais aberta em 6 de fevereiro de 1979, conforme aponta Green:

> O grupo estreou durante um debate em 6 de fevereiro de 1979, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. O debate foi parte de uma série de discussões sobre o tema de organização das "minorias" brasileiras – em referência às mulheres, os negros, os povos indígenas, e os homossexuais – e acabou sendo também o evento em que o movimento de gays e lésbicas do Brasil "se assumiu". O painel sobre homossexualidade contou com a presença de editores do jornal Lampião e de membros do Somos.[89]

Ambos os acontecimentos se tornaram consagrados pela bibliografia especializada como marcos históricos que representaram uma ruptura na história das homossexualidades no Brasil, sendo inexistentes trabalhos que tratem das homossexualidades brasileiras a partir dos anos de 1970 que não tomem como referência o jornal *Lampião* e o grupo Somos[90].

No livro *Sopa de Letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*[91], a socióloga Regina Facchini também já acenava acerca da notoriedade histórica adquirida pelo grupo Somos e sobre isso esclarece:

> [...] esse grupo adquiriu grande notoriedade e visibilidade do ponto de vista histórico, não só por ter sido o primeiro grupo brasileiro, por ter tido uma atuação importante ou por ter se constituído enquanto uma experiência marcante na vida de centenas de pessoas que passaram por suas atividades. O fato de que MacRae (1985, publicado em 1990) e Trevisan (1986) tenham publicado materiais bastante detalhados sobre esse grupo, documentando suas atividades e examinando seu ideário e os conflitos entre seus participantes, contribuiu para que o estilo de militância do Somos se tornasse um modelo, tanto para as organizações como para os pesquisadores do tema.[92]

---

[89] GREEN, James. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, 2000. Disponível em: http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a12.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019, p. 274.

[90] Vale salientar que havia disputas internas dentro do *Lampião da Esquina* sobre o jornal fazer ou não parte do Movimento Homossexual. A corrente de pensamento liderada por Aguinaldo Silva, líder do jornal no Rio de Janeiro, considerava que o *Lampião* devia ser algo à parte do Movimento. Já João Silvério Trevisan, líder do jornal em São Paulo, acreditava que o *Lampião* carecia de dar suas contribuições e participar ativamente do Movimento. Aqui acreditamos que, pelo modelo editorial que o *Lampião da Esquina* seguiu inicialmente, eles tiveram um papel fundamental dentro do Movimento, temática que será tratada mais à frente.

[91] O livro é o resultado da dissertação de Mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Campinas (Unicamp) cuja defesa ocorreu em 2002.

[92] FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?**: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 93-94.

Esse fenômeno que Facchini descreveu mostra o papel da intelectualidade participante do Somos tanto como do *Lampião*, pois estavam reivindicando a construção de um discurso/saber/verdade sobre as homossexualidades daquele período, o que, na ótica de Foucault, é vislumbrado como um exercício de poder. Ao criar e tomar um discurso sobre a História de um movimento homossexual no Brasil a partir das experiências do *Lampião* e do Somos, MacRae e Trevisan produziram algumas consequências pragmáticas para a militância homossexual, como também para as pesquisas acerca da temática.

A construção desse discurso significou essa "saída intelectual do armário" por parte dos sujeitos homossexuais que começavam a narrar e erguer discursos sobre si, tirando das mãos da religião, da medicina, da psiquiatria, da justiça e do Estado os discursos sobre os corpos e as experiências das sexualidades dissidentes, como lembrou Foucault em *História da Sexualidade 1 – a vontade de saber*. Além disso, essa demarcação feita em torno do *Lampião* e do Somos teve outro efeito: criou para as histórias das homossexualidades um marco epistemológico e histórico que pode e deve servir como um ponto axial para os estudos históricos.

As formulações feitas em torno do *Lampião* e do Somos os tornaram como experiências sinônimos do movimento homossexual no Brasil, não se atentando às particularidades históricas, repetindo a tradição historiográfica brasileira de reduzir eventos que ocorreram na região Sudeste como nacionais. Somando-se a isso, o *Lampião* e o Somos se tornariam modelos de militância, como também delimitadores do que seria considerado pelos pesquisadores do tema como movimento homossexual, contribuindo para que somente se pensasse uma organização em defesa dos homossexuais no Brasil apenas depois do *Lampião* e do Somos, e outras experiências organizativas seriam consideradas como protoativismo[93].

É incontestável que o *Lampião* e o grupo Somos existiram, todavia a sua construção não ocorreu repentinamente como obra do acaso. Ambas as experiências são partidárias de uma estrutura de oportunidades que foi gestada desde pelo menos meados da década de 1960, quando começaram a se formar grupos homossexuais denominados de turmas, que criaram uma rede de proteção e acolhimento social, além de jornais caseiros que iniciaram como uma brincadeira, mas depois se tornam um importante instrumento de comunicação, entretenimento, informação e fundaram no Brasil uma imprensa feita por homossexuais para homossexuais.

A construção histórica do *Lampião* e do Somos como precursores de um Movimento Homossexual no país veio a posteriori, quando o *Lampião* e o Somos se tornaram objeto de estudos, acabando, assim, por se tornarem um consenso acadêmico. Obviamente, aqui não

[93] Conceito desenvolvido por Rita Colaço designando experiências organizativas de homossexuais anteriores ao *Lampião da Esquina* e ao Somos.

temos o objetivo de revogar esse estatuto ao qual foram elevados o *Lampião* e o Somos, mas trazer outras problematizações sobre esses objetos, como lembra Antoine Prost.[94]

No capítulo posterior, a partir de uma memória de Wellington Gomes Andrade e do conceito de estrutura de oportunidades, busco trazer os elementos que oportunizaram a fundação do *Lampião da Esquina* e do grupo Somos. Entendendo o *Lampião* e o Somos não como criadores do Movimento Homossexual no Brasil, mas como agentes históricos do processo, através das ideias de Michel Foucault de dispositivo, discurso e regimes de saber e poder, aponto como o *Lampião* e o Somos realizaram suas ações e projetaram seus discursos, criando "conexões ativas"[95] com outros grupos do país, não somente influenciando grupos, mas servindo de dispositivo para a organização de vários Movimentos Homossexuais institucionalizados no país, não sendo o Dialogay de Sergipe um caso isolado.

[94] PROST, Antoine. **Doze lições sobre História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 39.
[95] Conceito elaborado por Manuel Castells.

CAPÍTULO III: ESTRUTURA DE OPORTUNIDADES, DISPOSITIVO E CONEXÕES ATIVAS: O *LAMPIÃO DA ESQUINA*, O SOMOS E O GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE

Em suas memórias, Wellington traz a sua percepção enquanto militante e mostra que, por fins da década de 1970, organizou juntamente ao padre Inaldo uma comunidade católica homossexual, sendo essa o primeiro registro que se tem de experiências organizativas em Sergipe até então. Porém, as memórias dele começam a revelar o início do processo de institucionalização da sua militância, que começa com sua conexão com o jornal *Lampião da Esquina* e durante esse processo ocorreria a fundação do Dialogay. Segundo relata Wellington:

> Ainda na década de 70, participei da reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) promovida pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Salvador. Enquanto caminhava pelo espaço do evento, avistei uma tenda com cartazes, revistas e livros exclusivamente de temática homossexual. Nessa tenda, conheci um rapaz que comercializava exemplares do jornal *Lampião da Esquina*.[96]

Wellington revela como o *Lampião* aparece na sua militância, estabelecendo na posterioridade um leque de relações que em alguma medida vão estar conectadas com a institucionalização da militância dele e do Movimento Homossexual em Sergipe, sendo o *Lampião* parte de uma estrutura de oportunidades que contribui para a formação do Grupo Dialogay de Sergipe.

O relato de Wellington traz à tona a construção de um Movimento Homossexual em Sergipe institucionalizado e que, de forma geral, na historiografia dos movimentos sociais de homossexuais no Brasil, irá existir dentro de uma dinâmica própria e começando a serem gestados no país a partir das experiências práticas do jornal *Lampião da Esquina* e da formação do Grupo Somos. O aparecimento do *Lampião* e do Somos seria um marco significativo e demarcaria para a historiografia especializada os fatos fundadores do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).

A estrutura de oportunidades que marca o surgimento do *Lampião* emerge no contraditório governo do general presidente Ernesto Geisel (1974-1979) durante o projeto de distensão política, lenta, gradual e segura que permitiria ao governo conduzir o processo de abertura política, fato entendido na ótica tradicional de Tarrow como a estrutura de

[96] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA, p. 1.

oportunidade política que permitiu, através da distensão do regime militar, a organização de vários setores da sociedade, incluindo-se jornalistas.

Por fins de 1977, o famoso jornalista e ativista gay Winston Leyland, editor-chefe da revista voltada para o público homossexual *Gay SunShine Press*, editada na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, veio ao Brasil objetivando conhecer escritores brasileiros para reunir textos sobre a temática homoerótica na América Latina. A passagem de Leyland pelo Brasil foi um acontecimento midiático pelo prestígio do jornalista e da revista por suas entrevistas com grandes nomes da época, levando-o nessa temporada no país a acessar grandes intelectuais brasileiros e a conceder entrevistas para grandes revistas e jornais locais.

Numa dessas reuniões, organizada pelo advogado João Antônio Mascarenhas, na casa do artista plástico Darcy Penteado em São Paulo, com a presença do jornalista e escritor João Silvério Trevisan, do professor e crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, do também jornalista e escritor Aguinaldo Silva e do antropólogo Peter Fry, surgiu a ideia de lançar uma publicação que tratasse diretamente das homossexualidades. Esses intelectuais uniram-se a Adão Costa, Antônio Crysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata e Iaponi Araújo, os chamados Senhores do Conselho[97], e, em abril de 1978, lançaram a edição zero do *Lampião*[98], e, a partir da edição de número 1, passaria a ser chamado de *Lampião da Esquina*.

O jornal emergiu no contraditório governo do general presidente Ernesto Geisel (1974-1979) durante o projeto de distensão política, lenta, gradual e segura que permitiria ao governo conduzir o processo de abertura política, fato entendido na ótica tradicional de Tarrow como a estrutura de oportunidade política que permitiu, através da distensão do regime militar, a organização de vários setores da sociedade.

Porém, a estrutura de oportunidades que contribuiu para o surgimento do *Lampião*, bem como para o seu sucesso, vai além. O historiador Márcio Leopoldo Gomes Bandeira, acerca da emergência do *Lampião*, indica que a sua produção só foi possível devido a uma nova forma de tiragens de jornais chamada de *off-set*, uma maneira de impressão a frio com possibilidade de cópias a baixos custos e pequenas tiragens, permitindo ao tabloide atingir a marca de dez

[97] Referência dada à matéria da edição de número 0, que apresentava brevemente cada membro dos fundadores e conseguintes conselheiros editoriais do jornal.
[98] O nome *Lampião*, além de fazer referência direta ao cangaceiro, conhecido por sua coragem e valentia, aludia à ideia de iluminar a cabeça das pessoas para novas concepções e comportamentos. Para maior aprofundamento, consultar *Imprensa Gaaaaaaaaaaaaaay no Brasil* (2010) de Flávia Péret.

mil impressos.[99] O jornal surgia também "em um momento em que a psicologia produzia um discurso que se contrapunha ao discurso médico sobre o *status* da homossexualidade"[100] no cenário internacional, uma vez que em 1973 a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Associação Americana de Psiquiatria e em 1975 a Associação Americana de Psicologia também a retirou do quadro de doenças.

O quadro de estrutura de oportunidades na emergência do *Lampião* é amplo, perpassando questões internacionais, políticas, sociais, culturais e tecnológicas que se entrelaçam, mas não podem ser pensadas separadamente, uma vez que essas estruturas permitem que as outras funcionem. E essas estruturas não apenas vão permitir o surgimento do *Lampião*, mas também o seu funcionamento e sua distribuição.

O jornal em formato tabloide, com textos longos e letras acanhadas, nada se diferenciou graficamente das publicações alternativas da época, as quais usavam esse formato para burlar os sensores da ditadura. O jornal na sua edição 0 apresentava oito seções: "Opinião", uma espécie de editorial; "Esquina"; "Reportagem"; "Literatura"; "Ensaio"; "Tendências", dividida em "o livro", "a exposição", "a peça"; e "Cartas na mesa", uma coluna dedicada a receber cartas com os mais diversos conteúdos de homossexuais do Brasil; e a "Bixórdia", a partir da quinta edição, com fofocas em geral.

A edição de número zero, objeto de análise do subtópico que segue, oferta de forma clara as intenções e os objetivos gerais do jornal, tal qual as problemáticas nele contidas: o assumir-se, questão que nunca ficou delineada e nunca foi um consenso; a defesa e o protagonismo homossexual, em que o jornal e seus colaboradores tornaram-se uma referência nesse processo.

3.1 O *Lampião da Esquina*: discursos, conexões ativas e protagonismo

Em "Saindo do Gueto", matéria de caráter editorial, aponta-se para um jornal que vem para causar, antenado com a situação do país, mas que não estava interessado somente em falar da luta maior de classes, da luta contra a ditadura, seguindo o padrão da maioria da imprensa alternativa e da grande imprensa da época, ou fazer colunismo social como a grande parte das publicações voltadas para os homossexuais, mas iluminar diversas questões tendo a

[99] BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?**: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, 2006, p. 56.
[100] MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se?**: O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981). Recife, 2015, p. 31.

homossexualidade como centro da discussão, quer fosse sobre os direitos dessa minoria, sua vivência, sua cultura, e logo se questiona: para que um jornal homossexual?

> [...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual corno uma espécie de maldição, que é dado ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ser. Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende soluçar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico cristão deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema - do qual se tornam apenas "bobos da corte" – 'declaram-se por ledo engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou o fato de que os homossexuais' são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização enquanto tal. (LAMPIÃO, n. 0, 1978, p. 2).

A questão do "assumir-se" dentro do *Lampião* foi abordada pelo historiador Paulo Roberto Souto Maior Júnior, que visualizou no "assumir-se" publicamente uma construção de modelo do discurso sobre a identidade homossexual; baseado nas ideias de Foucault, Maior Júnior compreende o "assumir-se" como um dispositivo da confissão da sexualidade dentro do jornal.[101]

O dispositivo na perspectiva foucaultiana deve ser entendido como estratégias que possuem a função de configurar corpos e almas para atenderem a determinadas urgências históricas. Essas configurações somente são possíveis por meio de poder e saber. O poder não é algo nato, palpável; na visão de Foucault, devemos entender o poder como:

> [...] multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.[102]

---

[101] MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se?**: O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981). Recife, 2015.

[102] FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1** – a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 88-89.

O saber, por sua vez, deve ser compreendido como uma formação discursiva em um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço[103]. O assumir-se como um dispositivo de confissão da sexualidade dentro do *Lampião* aponta para um jornal que visava a romper com construções discursivas sobre os corpos homossexuais, dando-lhes o direito de falar sobre si e para si.

Com uma ideia clara de desmistificação do personagem homossexual construído e veiculado, as páginas do *Lampião* vieram protagonizar a luta e dar voz a essa minoria sexual. Porém, os editores se propunham ir além e pretendiam "ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias."[104]

Lampião, na sua edição de número zero, buscou alertar sobre garantia de direitos, e a matéria principal dessa edição estampava na primeira página "Celso Cúri processado. Mas qual é o crime desse rapaz?"[105] O jornalista da Coluna do Meio do jornal *Última Hora de São Paulo*, fora denunciado pelo Ministério Público de São Paulo em outubro de 1976, enquadrado na chamada Lei de Imprensa, no artigo 17 da Lei 5.250 de 1967, por ofender a moral e os bons costumes, podendo ter como pena detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa de 1 (um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região. E, em novembro de 1977, Cúri é demitido sob justificativa de contenção de despesas.

O *Lampião* fez uma extensa reportagem de duas páginas sobre o caso; nela saía em defesa de Cúri, mostrando como a lei que o enquadrava era por si só infundada, pois a interpretação do que seria atentatório à moral e aos bons costumes era infinitamente subjetivo, passível de variáveis a depender do local e do tempo. E traz a exposição da defesa jurídica do acusado, na pessoa do seu advogado, Luiz Gonzaga Modesto de Paula, relatando que o processo nasceu de um agente da Polícia Federal (PF) que considerou subjetivamente as matérias escritas por Cúri um atentado à moral, sendo, assim, um processo isolado e arbitrário por parte de um agente da PF que não representava a realidade nacional.[106]

E continua o relato do processo que foi se modificando, também revelando o real problema da coluna, ao invés de inquirir sobre a tal atentatória à moral e aos bons costumes. O

---

[103] FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1** – a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
[104] EDITORIAL, Conselho. Saindo do Gueto. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 2. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.
[105] Celso Curi processado, mas qual é o crime desse rapaz? **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 1. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.
[106] Reportagem. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 7. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.

promotor do caso passou a levar a questão para o "homossexualismo" de Cúri, afirmando que o teor das matérias incitava a união de seres anormais ou tornava as pessoas homossexuais, fato também não passível de crime porque a homossexualidade não constava no Código Penal vigente, datado de 1940. O *Lampião*, assim, denunciava o preconceito da justiça brasileira e da própria imprensa, uma vez que a culminância desse processo preconceituoso ocasionou o fim da Coluna do Meio e a demissão de Celso Cúri.

O *Lampião* realmente não poupou críticas a nada, nem a ninguém; na seção "Esquina", veiculou um artigo de Frederico Jorge Dantas, dono do jornal nanico *Entender de São Paulo*, em que questionava a imprensa homossexual e seu colunismo social, que prestavam um desserviço mantendo em seus escritos todo o estereótipo machista da sociedade. Dantas afirma que a pretensão do seu jornal é contribuir para formar uma consciência homossexual cuja identidade não se firme somente a partir do campo financeiro e sobreviva com os machismos.[107]

No lado do entretenimento e da cultura, o *Lampião* trazia uma seção de Literatura, apresentando nessa edição poetas de uma nova geração, como Franklin Jorge, João Paulo Augusto e Leila Míccolis, todos com poesias ligadas à temática da sexualidade.

No mesmo fluxo, mas com a criticidade que lhe foi típica, "Tendências" abordava exposições, filmes, livros e peças de teatro. No número em questão, os novos filmes sobre Nureyev e Cassius Clay foram apresentados ao público. O livro *Consenting Adult* da autora norte-americana Laura Hobson também foi apresentado e veio carregado com uma crítica às editoras do Brasil, que, percebendo que o "homossexualismo virou assunto, deixou os cubículos, os becos, os bares e as hospedarias e chegou às ruas"[108], modificou a tradução do livro para *Mamãe, sou homossexual* para aumentar as vendas. A seção também tratou da montagem em São Paulo de *Zoo Story* de Edward Albee e da exposição de Lauro Cavalcanti no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Ainda no número zero, o *Lampião* vocalizava através de suas páginas questões dos direitos fundamentais, "Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu)", um ensaio irônico se utilizando da prosopopeia para fazer alusão à carta da Declaração Universal de Direitos Humanos da ONU alertando o que na época chamaram de minorias a perceberem seus direitos.

---

[107] DANTAS, Jorge. Qual é a da nossa imprensa? **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 2. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.
[108] COSTA, Adão. Tendências. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 12. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.

Vislumbrando dar o protagonismo e dialogar com seu público, a seção "Cartas na Mesa" objetivava servir como "tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. [...] esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, foros, etc."[109], desde que fossem condizentes com as ideias propostas pelo jornal.

As cartas trazidas no número zero vão desde denúncias de arbitrariedades policiais, como a carta intitulada "Nos Becos Escuros", assinada por Jenifer do Rio de Janeiro, em que ela denuncia policiais que fazem rondas constantes num point "guei" denominado "Buraco de Maísa", local em que os policiais permitem o acesso normal e depois extorquem as pessoas para que não sejam levadas presas. Como também perpassam um desabafo de um jovem de 17 anos da cidade de Recife, Pernambuco, identificado como infante, cuja pressão por ser homossexual é sentida em casa com o deboche dos irmãos, o ódio do pai e as lágrimas da mãe crente de que a sexualidade do seu filho é uma doença. Porém, o relato vai além, mostra o preconceito na rua e na escola, o que só leva o jovem a sentir medo, se esconder e ter desejos suicidas.

Duas dessas cartas têm conteúdos interessantes por tratarem diretamente de questões centrais ao jornal: a questão financeira do jornal e a exploração do mercado consumidor homossexual; e o uso da palavra guei com significante de alegre, abrasileiramento do termo gay norte-americano, apontando para uma internacionalização do movimento "homofílico" nascente no país.

A primeira é escrita por Hélio Gato Preto, um dos colaboradores do jornal *Carioca, Gente Gay*, sob o título de "Esperando o Nº Zero", em que relata o não pagamento do cupom do jornal por desconfianças devido à exploração dos temas homossexuais, mas também a dificuldade de manutenção do jornal, que teve seu público e seu financiamento limitados:

> Para financiar o jornal, nove dos seus onze idealizadores iniciais se cotizaram para criar uma editora de capital fixo. Resolveram também tentar arrecadar dinheiro através de uma carta endereçada a 12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil. A receptividade que encontraram foi bastante boa e o dinheiro arrecadado serviu para financiar os dois primeiros números do jornal.[110]

A outra carta é assinada por Paulo Bonorino, de Canoas, Rio Grande do Sul, intitulada "Apelo ao Jovem Guei", que criticava o uso da palavra guei significando pessoa alegre,

---

[109] Cartas na Mesa. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 14. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.

[110] MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da abertura. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 143.

descontraída, abrasileiramento do termo gay norte-americano, elencando os seguintes motivos: a definição da pessoa homossexual como alegre por natureza e essência, uma vez que os homossexuais viviam numa sociedade homófoba e teriam motivos de sobra para estarem tristes, mas adotavam um comportamento artificial em face das discriminações sofridas; e a questão da importação de uma palavra e todos os significados nela contidos do movimento homofílico norte-americano, sem o devido conhecimento dela e sem respeitar a própria realidade, advogando que, antes de pertencermos à comunidade homo mundial, pertencêssemos antes à brasileira.

Márcio Leopoldo Bandeira Gomes, em uma análise mais aprofundada, via a seção "Cartas na mesa" como "a costura de coisas ditas que emergiam como efeitos da leitura do jornal, cumprindo a função de criticar, elogiar, sugerir, opinar... Mas era também a publicação de relatos, de pedidos de ajuda e de desabafos".[111] Para Bandeira Gomes, não se tratava de apenas uma leitura do jornal, mas sim da inserção de um público numa questão de identidade, em uma discussão sobre a homossexualidade.

O ato de receber cartas por parte de um jornal deve ser compreendido como uma ação democrática por parte da imprensa, uma vez que permite aos leitores o exercício de crítica e liberdade opinativa acerca de vários temas, inclusive do próprio jornal. A existência das seções de carta no jornal tende a elevar o índice de credibilidade e responsabilidade jornalísticas, itens indispensáveis à conquista do seu público leitor. E seria através das cartas que existiria a possibilidade de medir a receptividade do *Lampião* para reconstruir parâmetros e realizar revisões e reformulações das linhas editoriais.[112]

Porém, a seção "Cartas na mesa" não era um flanco do jornal livre de controles. Na verdade, a seção não era composta somente de textos soltos de leitores diversos do jornal, mas sim um texto produzido pelos próprios editores do *Lampião*, afinal, em última instância, eram eles que escolhiam as cartas a serem publicadas, bem como os títulos dados a elas, os trechos apresentados ou suprimidos e o tamanho que ocupariam no tabloide, não escapando assim do exercício de poder realizado pelos Senhores do Conselho.[113]

Tanto Bandeira Gomes quanto Maior Júnior, com um olhar foucaultiano sobre a história, trouxeram grandes contribuições à historiografia das homossexualidades no Brasil ao

---

[111] BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?**: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, 2006, p. 56.
[112] BAHIA, Juarez. **Jornalismo, história e Técnica**. v. 2, p. 108-111.
[113] BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?**: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, 2006, p. 77-78.

trazerem para o centro das suas reflexões análises sobre um tabloide feito por homossexuais e que tinha como público central outros homossexuais.

Bandeira Gomes teve como centro da sua análise a questão da identidade homossexual e as violências emocionais, físicas e morais sofridas por homossexuais retratadas em "Cartas na Mesa". Maior Júnior, por sua vez, enxergou na questão do "assumir-se" em público dentro do *Lampião* como um dispositivo na construção de um discurso do jornal, questão central e sempre em discussão no tabloide.

Embora importantes, os trabalhos anteriormente citados não enxergaram o *Lampião* em sua totalidade como um dispositivo se relacionando com um Movimento Homossexual que nascia no eixo Rio-São Paulo através do grupo Somos, que era liderado por João Silvério Trevisan, um dos mais influentes editores do jornal. O Somos, que estava a se organizar, através de Trevisan começava a disputar internamente espaços no *Lampião* e, através do jornal, produziu discursos sobre os sujeitos homossexuais, bem como sobre os Movimentos Homossexuais e sua organização, buscando "costurar uma malha de conexões ativas" com outros Movimentos ou sujeitos homossexuais de todo o país que estavam se organizando em suas regiões, fato esse que garantiu ao Movimento do Sudeste o protagonismo organizativo das noções do que viria a ser e como se organizar um movimento homossexual, corroborando para que o *Lampião da Esquina* e o Somos estivessem no cerne da construção ideológica e modelar do que veio a se compreender como Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), inclusive na sua gênese.

O conceito de "conexões ativas" foi desenvolvido pelo sociólogo Manuel Castells no livro *O Poder da Identidade* ao observar alguns movimentos sociais, especialmente o Zapatista no México na metade da década de 1990, em uma nova ordem global em que a informação difundida através da internet e da mídia era uma importante estratégia para a comunicação, organização e criação de identidade do movimento social, seja de maneira interna, ou dentro do próprio movimento, seja de maneira externa, com outros grupos ou setores da sociedade.[114]

Apodero-me desse conceito de maneira mais rudimentar, uma vez que ainda não havia internet no período do *Lampião*, mas, ao analisar o jornal, uma mídia impressa, enquanto dispositivo do nascente Movimento Homossexual do eixo Rio-São Paulo, visualiza-se que ele buscou criar uma rede de conexões ativas com outros Movimentos Homossexuais do país de maneira a estimular o relacionamento entre o jornal e os Movimentos, bem como sua circulação e distribuição por todo o país e a consequente propagação do seu discurso.

---

[114] Para maior aprofundamento, ver Manuel Castells em **O Poder da Identidade** - A Era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

Com dez mil impressos na sua primeira tiragem, segundo Bandeira Gomes, o *Lampião* teve inicialmente grande dificuldade de circulação e distribuição, possuindo "estratégias de circulação – beneficiando-se muito do 'boca-a-boca' – por espaços reconhecidos como guetos homossexuais: saunas e boates, por exemplo"[115]. A análise de Bandeira Gomes com relação à circulação e distribuição do jornal, embora correta, foi muito tímida, pois se utilizou de uma *carta na mesa* do número zero que falava ter recebido aquele número do *Lampião* dentro da boate carioca Sótão, e a partir disso concluiu que seria o "boca-a-boca" a grande estratégia de distribuição do jornal país adentro.

Ao analisarmos o tabloide em torno de informações técnicas, percebemos que, para além dos Senhores do Conselho, dos editores e da equipe de técnicos, o *Lampião* inicialmente não possuía locais de distribuição fixa, e na sua edição de número zero contava com onze pessoas tidas como colaboradoras que possuíam alguma função dentro do jornal, embora essa não fosse clara. Essas pessoas seriam:

> Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, lapofli Araújo, Billy Acolly, Luis Canabrava (Rio); José Pires Barrozo Filho, Paulo Augusto (Niterói), Amylton Almeida (Vitória); Glauco Matoso (São Paulo), - Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Caio Fernando Abreu (Porto Alegre).[116]

Algumas preleções acerca dessas pessoas se fazem necessárias, uma vez que Agildo Guimarães, fundador do *O Snob*, colaborou com *Lampião*, e curiosamente Hélio Gato Preto, também participante do *O Snob*, fez presença na edição número zero do jornal na seção "Cartas na Mesa", como já citado anteriormente. Ambos os casos indicam claramente que o *Lampião* ou os sujeitos do *O Snob* estavam a se conectar.

A presença de Glauco Mattoso enquanto colaborador do *Lampião* indicia uma maior inserção do Somos e, por assim dizer, do Movimento Homossexual de São Paulo dentro do jornal, que já contava com Trevisan, fundador do Somos, no seu corpo editorial. Curiosamente, a "Reportagem" de Trevisan nessa primeira edição do jornal trazia um questionamento específico de um leitor que, muito embora não tratasse diretamente sobre o movimento homossexual, questionava sobre a quantidade de homossexuais e indagava: "é verdade que nós somos tantos?"[117]

---

[115] BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?**: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, 2006, p. 56.

[116] Senhores do Conselho. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 2. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.

[117] TREVISAN, João Silvério. Um leitor: Caríssimo amigo você é meu salvador. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 8. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/, p. 8.

Outro dado importante sobre esses colaboradores iniciais do *Lampião* é que a maioria se encontrava na região Sudeste, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, e sua abrangência era limitada às regiões Nordeste, Sul e Sudeste, não havendo colaboradores nas regiões Centro-Oeste e Norte, fato indicador de que o tabloide, pelo menos inicialmente, não fora tão nacional quanto se escreveu até agora.

Notoriamente, à medida que o jornal avançava para o próximo número, o quantitativo de colaboradores crescia, enfrentando até o seu número dois a problemática de ter apenas a Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente, localizada na própria cidade do Rio de Janeiro, como único ponto fixo de venda do jornal[118]. Na edição de número três, esse cenário mudaria, já que o *Lampião da Esquina* passa a ter novos colaboradores de outras cidades, aumentando esse quantitativo de colaboradores e ganhando novos distribuidores, fossem eles indivíduos ou bancas de revistas, nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo[119].

Esses fatos apontam que o *Lampião da Esquina* não foi um jornal criado em um dia e no outro já se tornou sucesso nacional, acessível a todos os homossexuais do país, influenciador de todo o pensamento homossexual e fundador, junto ao Somos, do Movimento Homossexual no Brasil, mas sim um tabloide que costurou conexões ativas para realizar arranjos de vendas e assim expandir uma malha de negócios em várias localidades Brasil adentro.

Todavia, o protagonismo pretendido pelo *Lampião da Esquina* e, consequentemente, do Somos não foi somente construído por estudos a posteriori; em vários momentos do jornal, percebe-se um discurso de protagonismo e de invenção de tudo que fosse relacionado às temáticas das homossexualidades. Dentro do número zero, o mais exemplar caso foi na seção "No Ensaio": "Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil", em que Darcy Penteado faz um balanço das pinturas brasileiras a propósito de encontrar representações ou até mesmo intenções do homoerotismo. Ele observou que reinava uma certa visão folclórica do homossexual e que, quando combinada à carência de informações e às delimitações impostas pela sociedade, a arte tornava-se prejudicada. Penteado autoproclama para si um protagonismo em que um aspecto da cultura homossexual foi uma criação sua.

Esse protagonismo autoconsciente do *Lampião* é uma constante durante a existência do jornal dadas as condições internas em que editores estavam inseridos, pois as disputas por espaços dentro do jornal foram contumazes e revelam a contenda pelo poder do discurso e o

---

[118] **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 2, 25 de junho a 25 de julho de 1978, p. 2. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.
[119] Idem.

seu direcionamento, isso porque, como lembra Foucault, "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar"[120].

O grupo formador do *Lampião* era extremamente intelectualizado, como ficou claro em Senhores do Conselho, e, embora o jornal fosse fabricado no Rio, com núcleo sob comando de Aguinaldo Silva, havia também um núcleo em São Paulo, tendo à frente Darcy Penteado e João Silvério Trevisan, havendo disputas dos temas do jornal. Essas disputas iam muito além do que visões discrepantes, mas também a conexão que teria o Movimento Homossexual de São Paulo, representado naquele momento pelo Somos e pelo *Lampião*.

3.2 Emerge um Movimento Homossexual em São Paulo: as relações do Somos e do *Lampião* e a construção de um modelo de Movimento Homossexual Brasileiro

Enquanto o jornal *Lampião da Esquina* começava a lumiar o Brasil nos primeiros meses de 1978, um jornal alternativo ligado à Convergência Socialista, o *Versus*, promoveu uma semana de debates políticos, incluindo nas discussões um espaço para discutir sobre a imprensa alternativa. Nesse espaço, o jornal *Lampião da Esquina*, que se enquadrava como um folhetim da imprensa nanica, colocou-se à disposição para participar do debate. Porém, houve uma tentativa de impedir a participação do representante do *Lampião* no debate, havendo a leitura de um texto protestando.[121]

Após esse debate, João Silvério Trevisan e Glauco Mattoso, ambos membros do *Lampião*, somando-se a alguns profissionais liberais e artistas totalizando um grupo de aproximadamente 15 homens, começaram a gestar a partir daí um modelo de grupo com propostas de politização acerca das homossexualidades, pautando abertamente a necessidade de afirmação da identidade homossexual privada e publicamente e abordando direitos civis básicos que há muito eram negados.

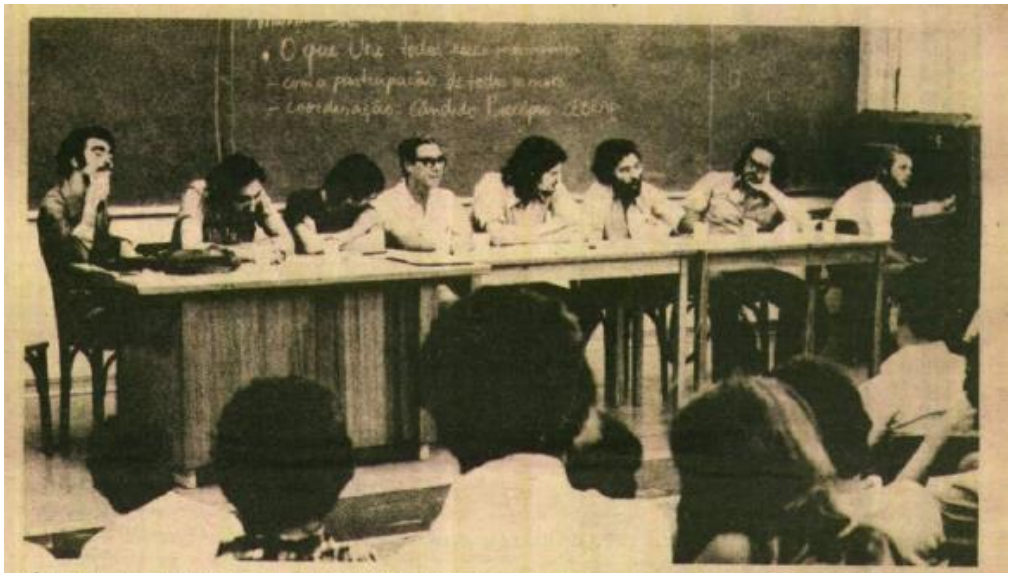
Trevisan[122], enquanto militante, jornalista do *Lampião* e autor de um dos primeiros trabalhos escritos sobre esse grupo, registra que inicialmente não possuíam um nome fixo, os

---

[120] FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 10.
[121] SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na Trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Ábramo, 2009, p. 96.
[122] Nascido em Ribeirão Bonito, São Paulo, em 23 de junho de 1944. Escritor, roteirista e diretor de cinema, dramaturgo, tradutor e jornalista. Estudos acadêmicos: Filosofia no Seminário Maior de Aparecida/Lorena, SP, e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Autor, entre outros: *Testamento de Jônatas deixado a David*, 1976; *Em Nome do Desejo*, 1983; *Vagas Notícias de Melinha Marchiotti*, 1984; *Devassos no Paraíso*, 1986; *O Livro do Avesso*, 1992; *Ana em Veneza*, 1994. Ver SILVA, 1999, p. 220.

temas das reuniões buscavam englobar as experiências dos indivíduos presentes enquanto homossexuais, bem como expor e esclarecer dúvidas, pretendendo atuar sobre a realidade partindo do próprio indivíduo. O modelo aproximava-se da experiência norte-americana do *gay consciousness raising group*[123], buscando o autoconhecimento dos membros e dos problemas que enfrentavam. As mudanças sociais nesse sentido viriam do indivíduo e sobre como ele se via e refletia essa imagem para a sociedade; no caso desse grupo de homossexuais, estigmatizados pelo desejo da sua sexualidade, a fraternidade, a ternura e o prazer tiveram um papel fundamental nesses encontros.[124]

Em 8 de fevereiro de 1979, o pequeno grupo liderado por Trevisan, que se limitava a reuniões nas residências dos integrantes, saiu do armário estreando num debate público que ocorreu durante toda a semana na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, conforme registrado na figura 4.[125]



A mesa, no debate sobre homossexualismo. A partir da esquerda: Glauco Mattoso, Alfredo, Trevisan, o Prof. Cândido Procópio, do Cebrap, o representante do Diretório da USP, Emanoel e Ricardo Piva.

Figura 4 - Membros do *Lampião da Esquina* e do Somos debatem questão da homossexualidade na Universidade de São Paulo (USP)
Fonte: **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 10, 10 de março de 1979, p. 10. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/

[123] Foi uma forma de ativismo popularizada pelas feministas estadunidenses no final da década de 1960. O ativismo assume a forma de pessoas tentando lutar por alguma causa ou condição, questões como discriminação, doenças, preconceitos, entre outros, são fatores aglutinadores para a atuação do grupo, que tem como objetivo expor e publicizar essas condições, que é a forma de tentar alterá-las, e o primeiro passo para modificar o outro seria a autoconscientização do grupo.
[124] TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4. ed., rev., atual e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 318.
[125] TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das minorias? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 10, 10 de março de 1979, p. 10. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.

Sobre essa experiência Trevisan registra no *Lampião da Esquina*:

> A semana encerrou-se com uma mesa redonda da qual participaram representantes de vários grupos, lamentando-se, porém, que os índios só tenham estado presentes através de antropólogos e de um padre do CIMI. O auditório da Faculdade de Ciências Sociais lotou diariamente, apesar do período de férias escolares. Ficou evidente já desde o primeiro dia a polarização política dos debates: de um lado, grupos de estudantes e profissionais brancos professando sua fidelidade à luta de classes, na linha tradicional da esquerda ortodoxa, que dá prioridade ao fenômeno econômico. E de outro lado, os representantes de grupos discriminados, afirmando a originalidade de sua problemática, de suas críticas e suas análises, absolutamente no abrangidas na luta de classes, mas nem por isso menos transformadoras da sociedade.[126]

Embora homossexuais viessem à cena da vida brasileira desbundando em público, ocupando espaços na imprensa, possuindo representação nas artes cênicas, tendo vozes na música e no campo intelectual, no político não gozavam dessa representatividade, pelo menos não abertamente. Esse debate na Universidade de São Paulo (USP) proporcionou um choque de constatação na incipiente organização de homossexuais que estava a se formar, pois, se para a direita política os homossexuais constituiriam um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade, no espectro político oposto, pelo qual eles se sentiam um pouco mais representados, suas lutas eram vistas como secundárias, havendo também preconceito contra homossexuais que fora manifestado no auditório durante o debate e registrado por Eduardo Dantas:

> O preconceito que se manifesta na esquerda ficou demonstrado pelo depoimento de uma estudante, que informou ao plenário sobre a existência de um trabalho preparado pela Escola de Comunicação e Artes da USP (a famosa ECA), intitulado 'A ausência do homossexualismo na classe proletária'. A piada foi recebida com o que se esperava: muitos risos. E outra estudante foi ainda mais clara: 'Nós precisamos acabar com essa palhaçada. Enquanto a esquerda se divide, a direita se fortalece. O importante é a liberdade, que inclui o direito de cada um ir para a cama com quem quiser. E eu quero aqui trazer a denúncia de que as chamadas vanguardas (malditas sejam!) fazem o maior patrulhamento sexual na faculdade de Filosofia da USP'.[127]

Ainda que permeado de preconceito, o debate da Universidade de São Paulo (USP) foi muito positivo, significando a saída do armário de um grupo homossexual ocupando um novo espaço social, falando abertamente para um grande público dentro de uma das maiores

---

[126] TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das minorias? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 10, 10 de março de 1979, p. 10. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.
[127] DANTAS, Eduardo. **Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita**. *In*: Lampião da Esquina, n. 10, 1979, p. 9.

universidades brasileiras sobre a homossexualidade, mostrando à velha esquerda uma outra face da realidade do Brasil.

Figura 5 - Registro do público no debate com membros do *Lampião da Esquina* e do Somos na USP
Fonte: **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 10, 10 de março de 1979, p. 10. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/

A partir dali, o grupo passou a se chamar definitivamente de Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, uma homenagem à publicação da Frente de Liberação Homossexual da Argentina, que tinha o seu jornal chamado *Somos*. Daí em diante, o Somos passa a ganhar fôlego, chegando a ter quase cem pessoas em suas atividades. A cobertura do Somos no debate da Universidade de São Paulo (USP) revela a conexão e influência do grupo dentro do *Lampião* e indica uma das linhas de atuação do Movimento Homossexual Paulista: a participação em eventos acadêmicos/políticos.

A conexão estabelecida entre o Somos e o *Lampião* foi muito além da cobertura de um evento; o tabloide foi utilizado como salvaguarda da história do grupo, uma vez que divulgava e relatava suas experiências. Em maio de 1979, o *Lampião da Esquina* reserva a sua segunda página e parte da terceira à matéria "Grupo Somos: uma experiência". Na reportagem em questão, o *Lampião da Esquina* faz uma extensa matéria sobre o Somos e sua história, relatando desde suas primeiras tentativas de organização através de Trevisan, em 1976, até as ações, os problemas e as reuniões do grupo, e ao final deixava o recado para contato, escrevendo para o grupo através da sua caixa postal.

À medida que o folhetim era distribuído dentro dessa costura das conexões ativas com outros sujeitos homossexuais ou grupos homossexuais, o jornal passava a ter um papel fundamental como um dispositivo do discurso, das ações e da própria história que o Somos contava sobre si e sobre o Movimento Homossexual a outros homossexuais e organizações homossexuais do país, tendo como consequência tornar o grupo Somos um modelo ou uma referência.

O *Lampião da Esquina* enquanto dispositivo do Somos na construção dessas conexões também teve outro papel fundamental no que concerne à organização de grupos pelo Brasil. Alexandre Ribondi, um colaborador do jornal, em entrevista a Claúdio Roberto da Silva sobre o papel do *Lampião*, relata:

> O Lampião vai articular grupos diretamente. O jornal ajuda a aproximar pessoas para organizarem o movimento. Caso o Lampião não existisse, não haveria o primeiro Encontro de Grupos Homossexuais Organizados: I EGHO. Ele aconteceu em São Paulo, naquele Hospital das Clínicas em frente ao Cemitério. O segundo Encontro aconteceu no Rio de Janeiro. Foi um bafafá com porrada para todos os lados!!! Mesmo não querendo, o Lampião criou grupos homossexuais por todo o Brasil! Em Brasília tinha o Beijo Livre, em Alagoas tinha o UVA - União dos Viados de Alagoas... é engraçado porque o nome era tão bonitinho!! Aquele moço da Bahia, o Luiz Mott também surgiu nessa época! Com isso, não quero dizer que o Lampião fez a cabeça dos sujeitos!! Porém, o Lampião foi a desculpa necessária para que os grupos se formassem! Ele foi o motivo, a luzinha que se acende para o Brasil inteiro começar a formar os grupos. O Lampião, contudo, não era o porta-voz, não se fazia representar, mas era o jornal que estava presente nos acontecimentos, fazendo todas as matérias, dando cobertura completa, refletindo! Enquanto os outros jornais esbarravam no preconceito, falavam com chacota que as bichinhas estavam reunidas!! O Lampião mostrava as discussões sérias... é imprescindível: o Lampião foi o pai de todos esses grupos que surgiram! Claro que o SOMOS surgiu antes do Lampião! O SOMOS se forma um pouquinho antes, ou quase na mesma época do Lampião, mas é a mesma idéia brotando no mesmo momento, com a mesma necessidade! O Lampião não pode ser isolado dos movimentos homossexuais organizados e os movimentos homossexuais organizados não podem ser isolados do Lampião! Tanto que uma maneira de um grupo se comunicar com o outro era publicando as Caixas Postais ou os endereços no Lampião. Era inevitável, o Lampião era o arauto e não podia ser de outra forma![128]

O depoimento de Ribondi, embora confuso, é revelador do quanto o discurso do *Lampião* e do Somos enquanto protagonistas e criadores do Movimento Homossexual no Brasil adentrou a militância homossexual da época. Todavia, o ponto crucial do depoimento de Ribondi é justamente sobre o papel do *Lampião* nessa conexão entre grupos homossexuais, contribuindo até mesmo para a organizações de eventos.

---

[128] SILVA, Claudio Roberto. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 1999, p. 660-661.

Através dessas conexões, o *Lampião* e o Somos puderam se estender por vários Estados do país, chegando também a Sergipe. O primeiro registro que se tem no *Lampião* sobre o menor Estado da federação data do número quatro, de 1978, referente aos meses de agosto e setembro. A matéria foi de Antônio Chrysóstomo e fora intitulada "De Sergipe para o mundo":

> O tablóide Desacato, alternativo editado em Aracaju me foi dado por um filho da terra, o jornalista Anselmo Góes, que entende - mas só teoricamente - das coisas. Junto, veio a observação: 'Você pode pensar que não é nada demais um jornalzinho como esse, com uma entrevista com o cronista Barrinhos falando livremente de homossexualismo: mas só quem é de lá, como eu, sabe a barra que esse pessoal deve ter enfrentado para publicar coisas como essas.' Realmente, sem grande brilho ou profundidade, porém cheio de coragem. João de Barros, o Barrinhos, sob o título 'Eu dei. Dou e Darei', solta o verbo pra valer se encarando e ao seu homossexualismo com total naturalidade, sem medo nem culpa; invisível qualquer necessidade de agredir ou escandalizar. Cronista social do Jornal da Cidade e TV Atalaia, membro da Comissão Estadual de Folclore, relações públicas de empresas particulares, coordenador do concurso de Misses Sergipe, Presidente da Associação Sergipana de Cultura (um sincretismo Cultural vivo, pelo que se vê), o entrevistado diz, por exemplo, sobre o meio em que vive, que 'Sociedade (das boas) sem escândalos, não é sociedade'. Informa haver 'muito homossexual em elevados cargos, no âmbito estadual' [...] é isso, até em Aracaju, Sergipe, uma pessoa pode estar em paz com suas preferências sexuais. Abertamente declaradas.[129]

A matéria em questão não tem como objeto manifestações do Movimento Homossexual em Sergipe, porém traz a questão da homossexualidade e do assumir-se de uma importante e reconhecida figura pública do Estado que ainda polemizava o tema ao apontar que haveria muitos homossexuais em altos cargos na estrutura de Sergipe.

O primeiro registro de Sergipe dentro do *Lampião* tratando sobre organização homossexual ocorre em setembro de 1979, quando o Somos registra uma matéria chamada "Organização e métodos". Como o próprio título sugere, na matéria em questão o Somos divulga o seu quantitativo de membros, suas atividades e aponta como vem criando e mantendo suas conexões:

> O SOMOS tem-se manifestado em algumas oportunidades, através de entrevistas e cartas públicas (como ao Congresso pela Anistia, em Roma) ou dirigida, a jornais da imprensa sobretudo alternativa (Em Tempo, Versus, Movimento e evidentemente Lampião). Isso funciona como meio para apresentação de sua experiência e posicionamento. Já são também mantidas contados com pessoas de outros Estados ou cidades (por ex., Bahia, Rio, Paraná, Sergipe, interior de São Paulo) que muitas vezes têm – aparecido (e são bem recebidas) às reuniões gerais.

[129] CHRYSÓSTOMO, Antônio. De Sergipe para o mundo. **Lampião da Esquina**, nº 4, 25 de agosto a 25 de setembro de 1979, p. 5.

Embora não fique evidenciado quem seria esse contato sergipano ou o nível de interação, fica bastante claro que experiências organizativas homossexuais já estavam espalhadas Brasil adentro, e o Somos através do *Lampião da Esquina* mantinha conexões com esses indivíduos ou grupos que estavam dispostos a debater, discursar, ouvir e lutar pelas causas homossexuais.

A fundação do Dialogay de Sergipe (GDS) perpassa a estrutura de oportunidades proporcionada pela persona de Wellington Gomes Andrade, seu enraizamento social e seu protagonismo na atuação dentro do movimento, seu acesso ao jornal alternativo homossexual *Lampião da Esquina* e as conexões que isso propiciou, chegando ao contato do líder do então recém-criado Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, havendo choques narrativos sobre a constituição do grupo e a versão contestatória do vice-presidente[130] do grupo, à época presente no já citado trabalho de Marcos Ribeiro de Melo, mostrando a necessidade da percepção da análise do movimento em três níveis: micro, ao percebermos o indivíduo e suas relações; meso, ao buscarmos compreender o grupo e os indivíduos em sua dinâmica interna; e macro, percebendo esses atores e instituições em suas relações externas na sociedade em geral.

A formação do Dialogay, sua conexão com o Somos e o *Lampião*, o Grupo Gay da Bahia, a atuação de Wellington Gomes Andrade, bem como as bandeiras e ações do grupo, serão objeto de análise e discussão do capítulo que se segue.

[130] O primeiro vice-presidente do Dialogay foi Ivo Adnil Silva.

CAPÍTULO IV: DIALOGAY: EMERGÊNCIA, DISCURSOS, PROTAGONISMO E CONEXÕES ATIVAS HOMOSSEXUAIS EM SERGIPE

Sobre a ideia e fundação do Grupo Dialogay de Sergipe, Wellington Andrade conta que começou no final da década de 1970, quando, num encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na cidade de Salvador, havia encontrado uma banca exclusivamente para o público homossexual e lá teve seu primeiro contato com o jornal voltado para o público homossexual *Lampião da Esquina*. Ao tomar conhecimento do jornal, resolveu trazê-lo para Aracaju e entrou em contato com o seu corpo editorial, se tornando divulgador do jornal na capital sergipana, passando a constar o seu endereço no folhetim. O jornal, segundo Andrade, seria lançado, ainda na década de 1970, no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), um evento notório que contou com a participação da artista travesti de Salvador, Susana Vermontt. Por seu nome e endereço constarem no jornal, o fundador do GGB, Luiz Mott, veio a Aracaju com o intuito de estimular a fundação de um grupo de homossexuais nos moldes do grupo da Bahia aqui em Aracaju. A partir daí, Wellington junto com alguns amigos a 14 de março de 1981 fundariam o Dialogay.

Ao analisarmos a entrevista concedida por Wellington Gomes Andrade, percebemos em seu discurso o uso recorrente do pronome pessoal do caso reto em primeira pessoa do singular para contar diversos fatos sobre a fundação do Movimento Homossexual em Sergipe (MHS).

Desde o início, ao narrar sobre sua primeira experiência organizativa como secretário da comunidade católica homossexual ou quando narra sobre a reunião da SBPC, percebe-se o uso recorrente do eu, falando sobre si nesses eventos: "eu comecei bestão, tolão, sem saber o que era isso, o que era aquilo. Comecei como secretário numa comunidade católica no Bairro Siqueira Campos"[131] e "participei da reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) promovida pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Salvador"[132], o que aponta para o que Pollak assinalou como um depoimento pré-construído, fator típico entre figuras políticas, na acepção mais ampla da palavra[133].

---

[131] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA, p. 1.

[132] Idem.

[133] Nesse artigo, Michel Pollak, ao distinguir os estilos de depoimentos, aponta para o grau de escolarização dadas as características dos seus depoentes e indica que, nos depoimentos com predominância dos estilos cronológicos e factuais, as pessoas teriam baixos índices de escolarização, sendo o cronológico aquele com maior grau de politização. Por se tratar de outra realidade, não cremos que a articulação social e política dependa necessariamente de alto grau de escolarização, mas de outros fatores, como a própria experiência individual e coletiva do ser social.

Para este autor, não é de natureza comum alguém contar sua história de vida excetuando uma situação social de necessidade de construção ou justificação de si próprio. Ele aprofunda o argumento mostrando que todos os depoimentos podem ser observados a partir de sua estilística e do uso de pronomes pessoais que são utilizados para falar de si ou de outrem.

Acerca da estilística dos testemunhos, podem existir três, que não ocorrem isoladamente, mas em concomitância, havendo predominância de um sobre os demais, são eles: cronológicas, temáticas e factuais. Nos depoimentos com predominância cronológica, o sujeito pensa em si próprio em termos de continuidade com um início, um meio e um fim, não sendo um depoimento natural, pois indica a presença de uma socialização política. No estilo temático, há uma pouca ligação cronológica de natureza contraditória, pois, embora o depoente possa negar a importância de datas ou períodos, ele retorna a fases que julga importantes para seus argumentos. Já no estilo factual, os relatos são desprovidos de ordem temática e cronológica[134]. Com relação à observação de pronomes, "no conjunto de um relato de vida seria uma medida ou um indicador, do grau de segurança interna da pessoa"[135], servindo, assim, como um indicador de fidedignidade da história contada.

O depoimento de Wellington ao tratar da fundação do Movimento Homossexual em Sergipe traz elementos de estilo tanto cronológico, como temático e factual, havendo uma predominância da cronologia, embora nesse ponto faltem datas mais específicas ou tenham menores abrangências.

O historiador Gilvan dos Santos Rosa[136] realizou um dos primeiros trabalhos de que se tem notícia a se debruçar sobre a formação do Movimento Homossexual em Sergipe, tendo como objetivo ofertar "um instrumental interpretativo dos acontecimentos que permearam o surgimento do movimento homossexual em Sergipe, tomando como parâmetro o Grupo Dialogay de Sergipe (GDS), fundado em 14 de março de 1981"[137].

O trabalho de Rosa (2005), assim como o de Melo (2013), entendem que o Movimento Homossexual em Sergipe começa a partir da fundação do Dialogay, porém o olhar de Rosa é ainda mais limitado, na medida em que introduz o seu texto sem explicar como ocorre a fundação do grupo, quais os atores envolvidos, tratando o surgimento do Grupo Dialogay de

---

[134] POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, 1992, p. 13.
[135] Idem, p. 14.
[136] Gilvan dos Santos Rosa começou sua militância no Dialogay na década de 1990. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe (1998), especialização em Terceiro Setor e Política Pública pela Universidade Tiradentes (2005), especialização em Educação e Gestão pela Faculdade Pio Décimo - Campus I (2008) e especialização em Psicopedagogia pela Universidade Tiradentes (2013).
[137] ROSA, Gilvan dos Santos. **Terceiro setor**: um estudo no Grupo Dialogay de Sergipe. Monografia (Especialização no Terceiro Setor e Políticas Públicas) - Universidade Tiradentes, 2005, p. 11.

Sergipe a partir de uma causalidade desencadeada pela formação do *Lampião da Esquina* e do Somos:

> No Brasil, em 1978, é fundado o Jornal O Lampião da Esquina, o principal veículo de comunicação da comunidade homossexual, e em março de 1979 surge em São Paulo o primeiro grupo de homossexuais organizados, o Somos, surgindo a seguir o "Somos (RJ)", o Grupo Gay da Bahia, o Grupo Dialogay, em Sergipe, o Atobá e o Triângulo Rosa, no Rio de Janeiro, o Grupo Lésbico-Feminista, depois chamado Um Outro Olhar (SP), o Grupo Dignidade, de Curitiba, o Grupo Gay do Amazonas, o Grupo Lésbico da Bahia, o Nuances, em Porto Alegre, além de outros que surgiram ao longo do tempo no Brasil, principalmente incentivados pelos financiamentos para as campanhas de prevenção da AIDS, através do Ministério da Saúde.[138]

Esse discurso em que se tem o *Lampião* e o Somos como fundadores de um Movimento Homossexual no Brasil já fora amplamente explorado nos capítulos anteriores, de maneira a se perceber que essas experiências não apenas se tornaram sinônimo do Movimento Homossexual, mas também criaram configurações que caracterizariam um movimento homossexual a partir de uma noção de instituições e da evocação de protagonismos da concepção de politização das homossexualidades orientadas por bases teóricas advindas dos paradigmas europeus e norte-americanos dos anos 70 e 80, com predominância das vertentes marxistas e da abordagem dos Novos Movimentos Sociais (NMS).[139]

A análise de movimentos sociais a partir da ótica marxista ocupou-se de observar os conflitos sociais voltados para a transformação da realidade social, de carências econômicas, sociais, políticas e culturais, não implicando revoluções, mas o processo em si. Acerca da contribuição analítica de Marx para as Ciências Sociais, Hobsbawn aponta:

> Ela implica o reconhecimento de que as sociedades são sistemas de relações entre seres humanos, das quais as mantidas com a finalidade de produção e reprodução são primordiais para Marx. Implica também a análise da estrutura e funcionamento desses sistemas como entidades que mantêm a si mesmas, em suas relações tanto com o ambiente exterior — não humano e humano — quanto em suas relações internas [...] insiste, em primeiro lugar, em uma hierarquia dos fenômenos sociais (tais como 'base' e 'superestrutura') e, em segundo, na existência no interior de toda sociedade de tensões internas ('contradições') que contrabalançam a tendência do sistema a se manter como um interesse vigente.[140]

O paradigma dos Novos Movimentos Sociais (NMS) surgiu nos Estados Unidos e na Europa a partir da década de 60 do século XX, contemporaneamente a movimentos

---

[138] ROSA, Gilvan dos Santos. **Terceiro setor**: um estudo no Grupo Dialogay de Sergipe. Monografia (Especialização no Terceiro Setor e Políticas Públicas) - Universidade Tiradentes, 2005, p. 23.
[139] GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 15.
[140] HOBSBAWN, Eric. **Sobre história**. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2008, p. 160-161.

contestatórios de valores sociais tradicionais forjados sob o signo do patriarcado do homem branco. É nesse momento que (re)emergem movimentos feministas contestando os valores e papéis atribuídos às mulheres, o uso de anticoncepcionais e valores como a manutenção da virgindade para o matrimônio. O movimento negro conflitava sobre a discriminação racial institucionalizada. De forma mais generalizada, a contracultura contestou padrões sociais impostos por valores capitalistas, propondo mais liberdade nos costumes e na vida sexual e amorosa. Os homossexuais, por sua vez, no famoso levante de Stonewall em 1969, entraram em conflito direto com forças policiais pela liberdade de exercer sua sexualidade livremente, como também seu direito e suas liberdades civis.

Esse paradigma emerge também partindo da inadequação do paradigma marxista de compreender os movimentos sociais que eclodiram na década de 1960, não ofertando instrumentos de compreensão para seus múltiplos atores e demandas no processo. Autores como Alain Touraine, Félix Guattari, Michel Foucault, entre outros, são nomes que serviram de base e representam essa corrente. Sistematicamente, criticavam a forma esquemática e utilitarista como se abordava esses movimentos, a qual colocava fatores econômicos como causa principal ou relações simplistas entre uma classe dominante e uma dominada. Assim, os teóricos dos NMS propunham para o entendimento desses movimentos esquemas analíticos que enfatizassem a cultura, o cotidiano, as lutas sociais, a solidariedade e a identidade dentro desses grupos.

Conforme Maria da Glória Gohn, há algumas características básicas da teoria dos Novos Movimentos Sociais, dentre as quais destacamos: a negação da visão funcionalista da cultura como conjunto fixo de valores herdados, propondo a cultura como elemento dinâmico; a ênfase da consciência, da ideologia, das lutas sociais e da solidariedade na ação coletiva para a compreensão dos movimentos; a rejeição do determinismo do sujeito histórico, predeterminado e configurado pelas contradições do capitalismo, optando por observar o sujeito como coletivo e difuso, solidário, comunitário, contra discriminações, deixando de lado o sujeito específico, vendo-o como participante de ações coletivas; o campo político ganha centralidade, se entrelaçando com a vida social e abrindo espaço para se pensar a questão do poder na esfera pública da sociedade civil no seu cotidiano; e os atores sociais, sob a perspectiva dos teóricos do NMS, são analisados pelos aspectos das suas ações coletivas e pela identidade criada durante o processo.[141]

[141] GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 121-123.

Seguindo os pressupostos de Gohn (2007), introduz-se no pensamento brasileiro dos movimentos sociais noções de construções epistemológicas pautadas na observação da diversidade dos movimentos sociais, entendendo o Movimento Homossexual em Sergipe como um conjunto de ações sociais e políticas construídas por atores sociais individuais e coletivos das mais diversas camadas sociais que disputam interna e externamente espaços na sociedade. Suas ações estruturam-se a partir de demandas e conflitos individuais e coletivos gestados e vividos na sociedade, em que, a partir de interesses em comum, formulam uma identidade coletiva. A identidade coletiva, por sua vez, é construída por valores culturais, políticos e sociais compartilhados em algum grau pelo grupo tendo como princípio interno a solidariedade entre os membros. O movimento buscará promover mudanças sociais, quer seja no campo da esfera pública, quer seja no da vida privada, através da sua participação direta ou indireta na luta política do país, institucionalizando-se ou não (em sentido estrito) enquanto entidade. A atuação do movimento pode ou não gerar reais mudanças, mas, caso ocorram, devem ser observadas em análises de média e longa duração.[142]

Ao pensar o movimento nos seus próprios termos, trazendo o depoimento de um dos seus organizadores mais importantes em Sergipe, Wellington Gomes Andrade, vemos na organização da comunidade católica homossexual os primeiros passos dados no sentido de organizar coletivamente ações sociais, em que pese a organização de aconselhamentos e debates, que tinham como objetivo ofertar conforto aos homossexuais do grupo, bem como combater as visões ortodoxas dos católicos sobre os homossexuais, que tradicionalmente eram vistos como seres abomináveis e execráveis pela religião.

Todavia, conforme o depoimento de Wellington Gomes Andrade, seria a partir de sua estadia no encontro da SBPC, também no final da década de 1970, na cidade de Salvador, que haveria o contato com o *Lampião da Esquina*:

> Enquanto caminhava pelo espaço do evento, avistei uma tenda com cartazes, revistas e livros exclusivamente de temática homossexual. Nessa tenda, conheci um rapaz que comercializava exemplares do jornal *Lampião da Esquina*. Fiquei interessado pelo jornal. Isso me levou a conversar com o rapaz para que pudesse adquirir o jornal e trazê-lo para Aracaju. O *Lampião da Esquina* foi lançado em 1980, no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizado na Rua de Itabaiana, no centro da cidade, e presidido pelo ex-governador Marcelo Déda (*in memoriam*). O lançamento do jornal contou com a presença da travesti (na época não se identificava como pessoa transexual) Suzana Vermontt (*in memoriam*). Foi um dos primeiros eventos do movimento. O Diretório Central dos Estudantes lotou. Quando lancei o *Lampião* em Aracaju, passei também a ser seu distribuidor oficial, e meu nome e endereço passaram a constar no jornal. Eu residia na Rua

[142] GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 251-252.

> Boquim, numa vila ao lado do quartel da polícia. E foi em minha casa que começamos a fazer as reuniões. Porém, o espaço da minha casa passou a ser pequeno, passando a fazer as reuniões também no Diretório Central dos Estudantes (DCE). As reuniões passaram a acontecer todas as quartas na minha casa e às sextas no Diretório Central dos Estudantes (DCE). Nas sextas, quando ia para o Diretório Central dos Estudantes (DCE), eu pegava a minha bolsa e ia falar com o pessoal, pautava os motivos da reunião. Outras atividades que desenvolvíamos eram ler cartas, correspondências e o *Lampião*. E também era nessas reuniões que organizávamos os eventos que iriam ser realizados.[143]

Ao consultarmos as reuniões nacionais e regionais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, verificamos que o evento ocorrido em Salvador foi somente em 1981 e não na década de 1970, mais especificamente a partir de 1978, época em que o *Lampião* foi fundado. Dessa maneira, pode-se inferir alguns equívocos quanto à ordem dos acontecimentos, fator causado pela tentativa consciente ou inconsciente de definir ou reforçar sentimentos de pertencimento social no intuito de salvaguardar ou enquadrar a memória[144] dentro da perspectiva histórica que fora criada pelos *Lampião* e pelo Somos.

Decerto que o primeiro contato de Wellington com o *Lampião* não ocorreu em 1981, dada a constância do seu nome como distribuidor do jornal a partir do último quadrimestre de 1980[145]. A partir da análise do *Lampião*, pudemos perceber um movimento reiterado do jornal e do grupo Somos para ampliar sua rede recrutando divulgadores e mantendo contato com pessoas de outros Estados, como mostrado no capítulo anterior. Muito embora não mencione Wellington, o jornal mostra que havia algum contato em Sergipe muito antes da formação do grupo Dialogay, indicando uma organização homossexual em Sergipe[146].

Essa organização dos homossexuais em Sergipe antes da fundação do Dialogay foi registrada por Darcy Penteado em uma viagem pelo Nordeste; após passar por Recife, ele registra suas impressões sobre as capitais alagoana e sergipana na mesma época:

> Minha etapa seguinte foi Maceió, uma cidade que - sai convicto - nunca deve ter ouvido falar em ativismo sexual, muito menos homossexual. É plácida, interiorana, acomodada(assexuada?) Na minha passagem de um dia e meio tentei sem resultado encontrar alguém das Alagoas que quisesse ou pudesse, pelo menos, representar o Lampião. Como é, alagoanos? Vamos desenrustir e movimentar essas cabecinhas loucas? Escrevam para o Lampião tá? Aracaju, bem ao contrário, anda fervendo de assumidos e de ativistas em embrião, sem falar nos travestis e em algumas minibichas adoráveis - numa agitação geral do nosso jovem e esforçado representante, o Wellington

[143] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA, p. 1-2.
[144] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, 1989, p. 9.
[145] Pela inexistência de exemplares do mês de setembro/outubro de 1980, e o nome de Wellington Andrade começar aparecer no jornal a partir de novembro do mesmo ano, vemos que o seu contato é de pelo menos um mês antes, considerando o tempo para confecção do jornal, que era mensal.
[146] Utilizando a distinção de movimentação homossexual proposta por Júlio Assis Simões e Regina Facchini para distinguir experiências de organização homossexual que, embora combativo pela causa, não tinha um caráter.

> Andrade, que organiza coisas, contrata espetáculos, apresenta pessoas, exige entrevistas, badala, pinta e borda. Num encontro organizado por ele para que eu tivesse contato com pessoas, conversou-se durante duas horas sobre sexualidade, repressão, ativismo de grupos, etc. Os sergipanos sem dúvida estão dispostos a levantar bandeiras. Contem conosco: o Lampião está aqui para isso.[147]

O movimento homossexual em Sergipe antes mesmo de uma instituição já se mostrava promissor e com uma liderança clara, Wellington Gomes Andrade, que ainda registra em fevereiro de 1981 o IX Baile dos Artistas[148] de Aracaju no *Lampião da Esquina*. O baile havia contado com a presença de vários artistas locais e nacionais, como Elke Maravilha e Evandro Castro Lima. O baile foi um sucesso, tendo como promessa para o ano seguinte mudar de nome, assumindo sua sexualidade "guei", conforme foi noticiado no *Lampião da Esquina* na edição de abril de 1981.[149] Essa mudança nunca ocorreu, mas a publicização do baile e a tentativa de tornar esse espaço um local para a sociabilidade homossexual foram visíveis.

A organização homossexual em Sergipe que fora registrada nas páginas do *Lampião da Esquina* indicia a existência de um movimento homossexual em Sergipe, porém só tinha um padrão e objetivos diferentes daquilo que tinham partes do próprio jornal, do Somos e de toda uma geração de pesquisadores formados pela ótica de um único Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). Ao ir buscar espaços dentro do *Lampião da Esquina*, o Movimento Homossexual de Sergipe percebia o tabloide como uma forma de fazer conexões com a sociedade e os demais grupos homossexuais do país.

Em 1980, no DCE da Universidade Federal de Sergipe, Wellington, como distribuidor do *Lampião da Esquina* em Sergipe, lançaria o jornal para o público sergipano contando com a presença da travesti e artista da noite Suzana Vermontt, fazendo ali o estabelecimento de conexões ativas, além de aglutinar pessoas em torno da leitura do *Lampião da Esquina*, conforme pode ser visto nas figuras 6 e 7, a seguir.[150]

---

[147] PENTEADO, Darcy. Veredas Tropicais Crônica de uma rápida viagem ao Nordeste encantado. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 33, fevereiro de 1981, p. 3. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.

[148] Foi um baile carnavalesco idealizado pelo cronista e comunicador social João de Barros (Barrinhos) no início da década de 1970.

[149] Em Aracaju elas são capazes. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 35, abril de 1981, p.11. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br. Acesso em: 10 jan. 2021.

[150] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA.

Figura 6 - Reunião para o lançamento do *Lampião da Esquina* no DCE em 1980. Wellington à esquerda segurando o gravador ao lado de Suzana Vermontt
Fonte: Arquivo cedido por Wellington Gomes Andrade.

Figura 7 - Público da reunião do lançamento do *Lampião da Esquina* no DCE em 1980
Fonte: Arquivo cedido por Wellington Gomes Andrade.

Em 1980, Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), enviou carta ao *Lampião* e ao Somos solicitando os contatos de grupos ou pessoas do Norte e do Nordeste para a realização de uma caravana de ativismo, e seria a partir daí o contato estabelecido com o Movimento Homossexual de Sergipe, e, através dessa conexão, surgiria a ideia da formação de um grupo

mais formal, nos moldes do Grupo Gay da Bahia, aqui em Sergipe. Em 14 de março de 1981, os homossexuais que já estavam organizados em Sergipe, entre eles Wellington Gomes Andrade, Ivo Adnil Silva, Carlos Roberto Andrade, Mara Lopes e Aracy Santos Mendonça[151], com estímulo do Grupo Gay da Bahia, formariam o Grupo Dialogay de Sergipe (GDS), o primeiro grupo homossexual sergipano formalmente estabelecido.

O Grupo Dialogay de Sergipe, no seu nascimento mostra-se conectado já com o movimento do eixo Rio-São Paulo, mas sua principal conexão ativa irá ocorrer com o Grupo Gay da Bahia (GGB), na pessoa de Luiz Mott. Sobre esse fato, Gilvan dos Santos Rosa assinala que o grupo manteve laços com o GGB e foi incapaz de construir uma agenda local de prioridades ou linhas de ações claras para seu público, trabalhando com materiais produzidos por outras entidades, sem a proposição de campanhas essencialmente sergipanas.[152]

Embora impactante, a afirmação de Rosa (2005) acerca das atividades desenvolvidas pelo Dialogay nos parece vazia, pois não menciona quais atividades foram desenvolvidas pelo grupo e não oferta nenhuma fonte material produzida ou reproduzida pelo grupo como o próprio autor sugere.

Na visão de Wellington, Luiz Mott foi para o Dialogay e o Movimento Homossexual Sergipano (MHS) de grande valia, e sua contribuição se deu tanto na dimensão financeira, pagando para o grupo sergipano uma caixa postal, bem como os selos para envios de correspondência. Mott também contribuiria intelectualmente, ajudando o grupo a se organizar e ofertando palestras e cursos sobre a temática das homossexualidades. Em troca disso, o Grupo Dialogay serviria como ponte para informar os acontecimentos do nosso Estado, em particular sobre assassinatos de homossexuais que iriam para o banco de dados do grupo gay baiano, que tinha como uma de suas principais atividades identificar e mapear a violência contra homossexuais no Brasil, apresentando esses casos anualmente no seu boletim.

Ao acessarmos as documentações produzidas e recebidas pelo Dialogay, tais como atas de reuniões, boletins, cartas, circulares, documentos financeiros, ofícios e recibos, pudemos perceber dois aspectos relacionados à proximidade do grupo sergipano com o grupo baiano, como também com outros grupos homossexuais e outros setores da sociedade que em nada têm a ver com uma dependência de agenda de mobilização, mas sim uma malha complexa de relações que

[151] Ofício nº 14 de 30 de junho de 1981. Esse é um dos poucos ofícios do grupo em que constam várias assinaturas dos representantes do Dialogay em junho de 1981. A partir desse documento, pressuponho que esses membros comporiam a diretoria do grupo nos seus primórdios. Cf. Anexo B.

[152] ROSA, Gilvan dos Santos. **Terceiro setor**: um estudo no Grupo Dialogay de Sergipe. Monografia (Especialização no Terceiro Setor e Políticas Públicas) - Universidade Tiradentes, 2005, p. 24-25.

perpassavam múltiplas necessidades de grupos homossexuais em defesa das bandeiras e demandas do grupo contra os estigmas sociais.

O acesso a esses arquivos nos permitiu observar que o Grupo Dialogay manteve documentações como correspondências trocadas entre os grupos com os temas mais distintos que tratavam de mobilizações, pedidos ou trocas de informações e até questões pessoais e afetivas, que, afora o valor histórico para pesquisas vindouras, não precisariam serem guardadas, uma vez que não possuiriam valor fiscal ou financeiro, fator que aponta o intuito do grupo organizado em Sergipe em salvaguardar essa memória. Faça-se jus que essa salvaguarda da memória por parte de Movimentos Homossexuais talvez seja uma das grandes contribuições que o Somos, através do *Lampião da Esquina*, tenha encampado e contribuído para os Movimentos Homossexuais no Brasil, pois, ali na edição de maio de 1980, faz um pequeno apelo intitulado "Memória Guei":

> De alguns anos para cá, a Imprensa brasileira tem dado um destaque a Questão Homossexual. Notícias, ensaios entrevistas, matérias e contos, tem sido publicados (sic) em jornais e revistas de norte a sul do pais. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal Lampião resolveu organizar uma Memória de tudo que tenha sido ou venha ser publicado sobre homossexualismo. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que, enviem-nos o original ou xerox.[153]

Por obviedade, o *Lampião* não conseguiu salvaguardar toda essa memória pretendida, mas, de toda sorte, contribuiu para que grupos homossexuais por todo o país buscassem fazê-la, de maneira a não apenas guardar esses materiais, mas também compartilhá-los com outros grupos país afora e com o próprio tabloide, preservando uma importante documentação sobre os Movimentos Homossexuais do período.

O segundo aspecto tem a ver com a própria documentação deixada, principalmente as correspondências e essa troca de informações mantidas pelo Dialogay com outros grupos do país, assim como com entidades governamentais, empresas etc. Trata-se da maneira encontrada pelo grupo de homossexuais formado em Sergipe para costurar uma malha de conexões ativas apontando para a tese sustentada neste trabalho, que evidencia um grupo altamente conectado com vários outros, mantendo uma relação interativa de troca de informações dentro dos meios de comunicação disponíveis, materiais e organização de ações do grupo, cujo objetivo era a defesa das homossexualidades em que a bandeira levantada dependia do contexto e da demanda da própria época.

---

[153] Memória Guei. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 24, maio de 1980, p. 11. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/.ESQUINA. Acesso em: 10 jan. 2021.

O grupo iniciou suas atividades com encontros inicialmente na casa do seu fundador e a posteriori no DCE, às quartas e sextas-feiras, das 18h às 21h, conforme a memória de Wellington Gomes.[154] Porém, em cartas direcionadas datadas do mês de maio de 1981 a Almir do Grupo Gatho de Pernambuco, a jornalista paulistana erradicada em Recife, Wilma Lessa, e ao coletivo Alegria-Alegria de São Paulo, o Dialogay informava estar fazendo suas reuniões em uma grande sala no nono andar edifício jangada, que havia sido cedida por um importante político, na época ocupante do cargo de deputado estadual, o qual não podia ter seu nome mencionado por ser uma importante figura pública.[155]

Os trechos das correspondências reforçam essa malha de conexões e a rede informacional estabelecida pelo Dialogay com outros grupos, assim como indivíduos dispostos a contribuir com o movimento em Sergipe. Além disso, indicam a ambiguidade contida no âmbito do cenário político sergipano em que um deputado se prestava a ajudar o grupo, porém se mantinha nas sombras do anonimato com receio de ser visto ajudando um grupo de homossexuais, fator indicador de medo de perda de capital político por parte do não nominado deputado quando tais informações viessem à luz da sociedade. Esse fato mostra também o visível olhar preconceituoso que o político enxergava na sociedade sergipana, uma vez que seria depreciativo assumir-se enquanto um colaborador do Movimento Homossexual Sergipano.

Essa relação, ainda que omissa, entre o Dialogay e o Deputado Estadual, desnuda a relação política que o Dialogay e, por assim dizer, o Movimento Homossexual Sergipano, mesmo em seus passos iniciais, tinham. Essa relação política, nesse primeiro momento do grupo, deve ser entendida fora dos padrões tradicionais em que o grupo participaria ativamente da política com cargos em instituições de Estado, mas, de uma maneira ampla, em que o político e esse grupo social se influenciam mutuamente, cada um adquirindo do outro aquilo que lhe fosse de conveniência, bem como no apartamento 905 do edifício Jangada para o Dialogay, e em troca o grupo poderia lhe ofertar apoio através de realização de campanhas ou até mesmo de votos.[156]

Nessas reuniões que ocorreram entre a casa de Wellington, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e a sala do edifício Jangada, abordavam-se questões dos direitos humanos e homossexuais, traziam-se convidados fora do grupo para pautar temas, trocavam-se experiências pessoais, liam-se livros e jornais de temática homossexuais e exibiam-se filmes. As atividades desenvolvidas pelo grupo nesses dois primeiros anos giravam em torno da conscientização e

[154] ANDRADE, Wellington Gomes. Entrevista concedida ao autor em março de 2020, Sebastião do Passé-BA, p. 1.
[155] Cf. Anexo B.
[156] REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

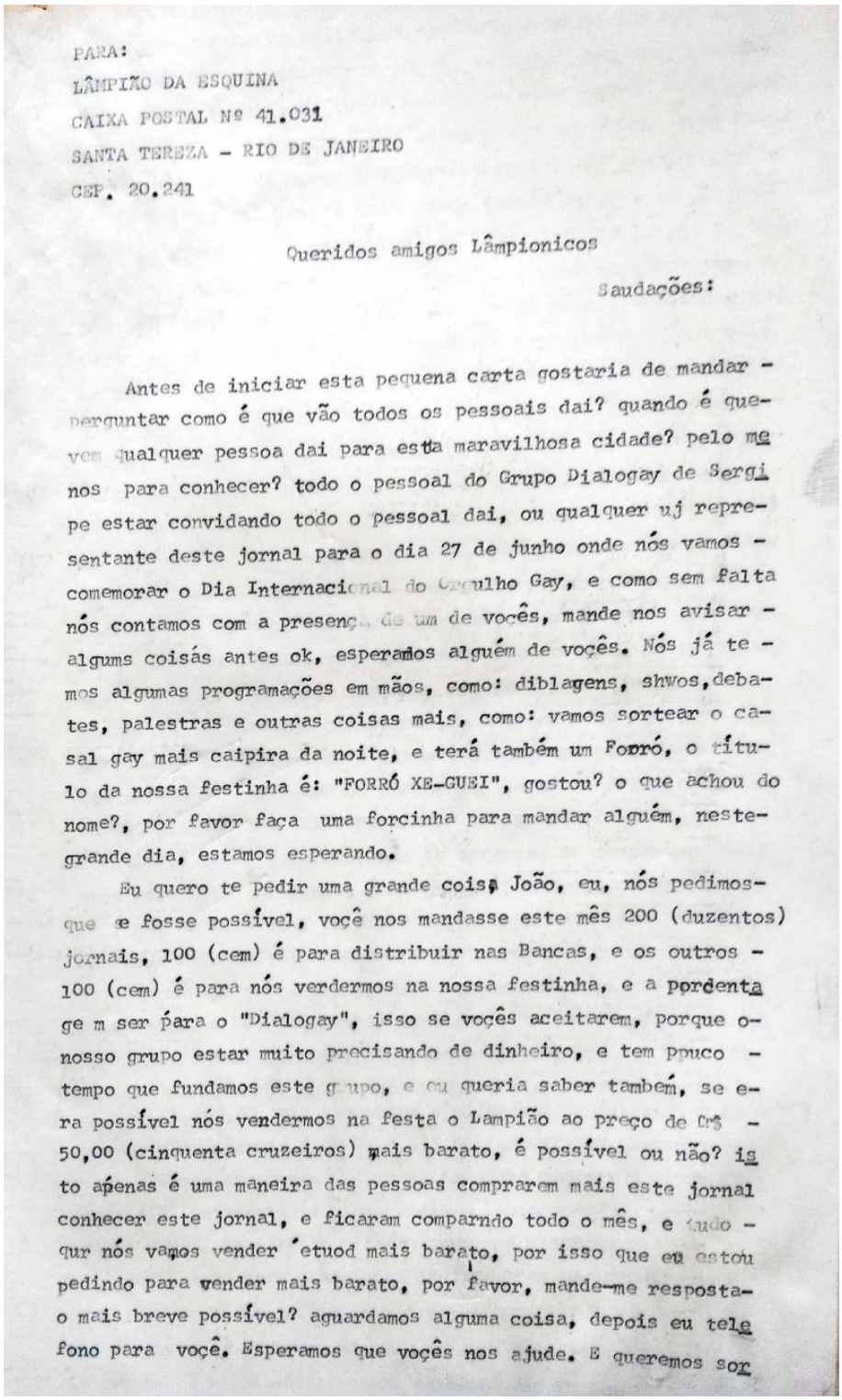
divulgação das homossexualidades como algo natural e sua visibilidade e inserção dentro da sociedade.

De toda sorte, o grupo, fundado em março de 1981, em abril do mesmo ano começava sua atuação junto a outros grupos dentro dessa malha de conexões, participando do I Encontro de Grupos Organizados do Nordeste (EGHON), que foi realizado na cidade de Olinda-PE, tendo como representante o jovem Wellington Andrade. A realização e principalmente a participação em eventos fora do Estado tinham custos ao grupo e aos seus participantes, que nem sempre dispunham de dinheiro excedente para poderem utilizar no movimento.[157]

Porém, a falta de recursos por parte do Grupo Dialogay contribuiu para o desenvolvimento de maneiras de arrecadação de recursos para o grupo e suas atividades através de solicitações feitas (de dinheiro, hospedagem, passagens e variados tipos de materiais) a órgãos públicos e a algumas empresas privadas, além do desenvolvimento de atividades comerciais que consistiam em realizar rifas e vendas de "produtos gays" que eram adquiridos pelos próprios membros ou solicitados de outros grupos homossexuais.

No rol dessas vendas realizadas pelo Dialogay para a arrecadação de fundos, um dos produtos mais comercializados foram jornais homossexuais, tais como o *Lampião da Esquina* e o *Journal Gay Internacional*, conforme é demonstrado nas figuras 8, 9, 10 e 11, a seguir.

[157] MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013.



PARA:
LÂMPIÃO DA ESQUINA
CAIXA POSTAL Nº 41.031
SANTA TEREZA - RIO DE JANEIRO
CEP. 20.241

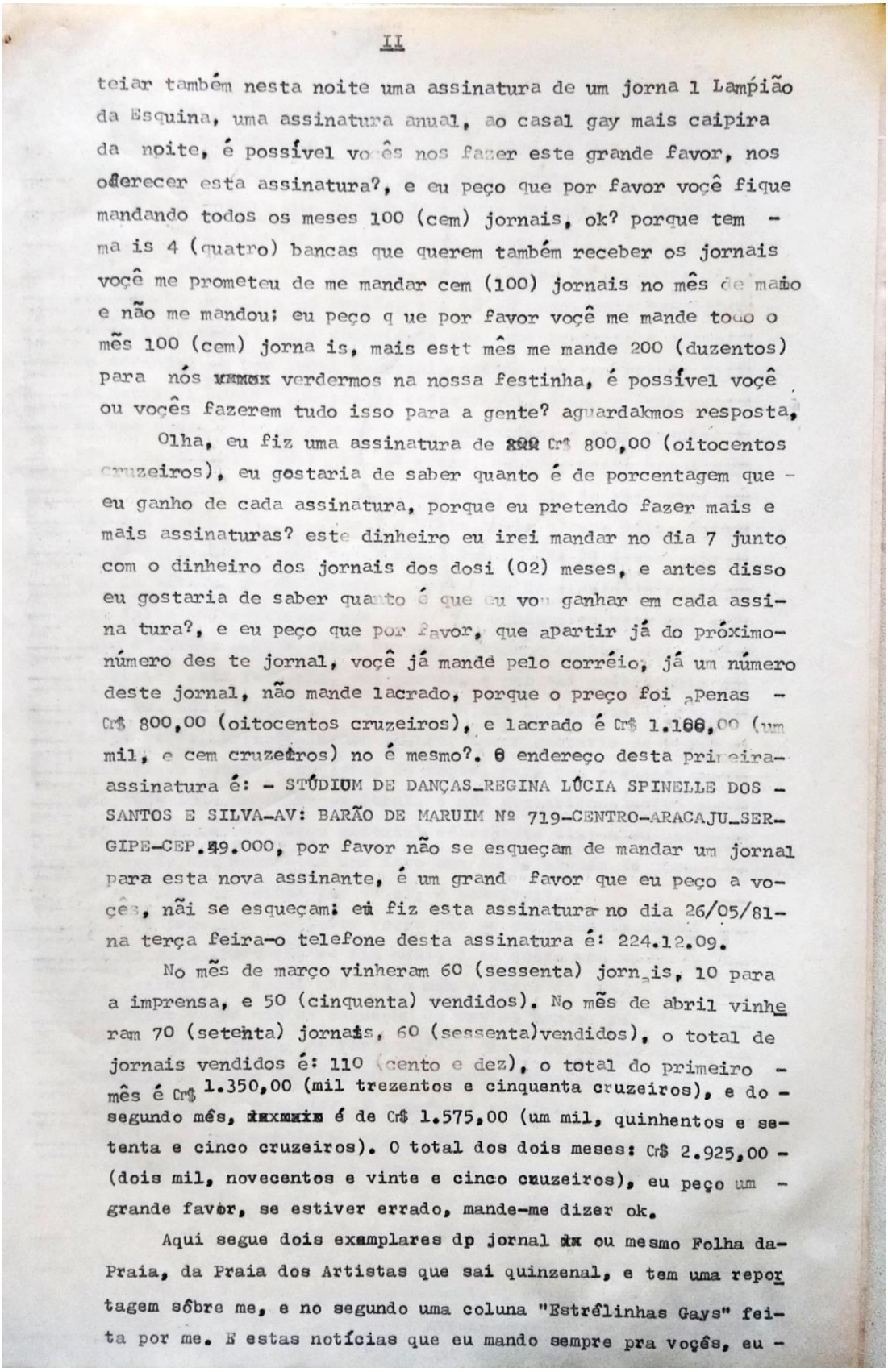
Queridos amigos Lâmpionicos

Saudações:

Antes de iniciar esta pequena carta gostaria de mandar - perguntar como é que vão todos os pessoais dai? quando é que vem qualquer pessoa dai para esta maravilhosa cidade? pelo menos para conhecer? todo o pessoal do Grupo Dialogay de Sergipe estar convidando todo o pessoal dai, ou qualquer uj representante deste jornal para o dia 27 de junho onde nós vamos - comemorar o Dia Internacional do Orgulho Gay, e como sem falta nós contamos com a presença de um de voçês, mande nos avisar - algums coisás antes ok, esperamos alguém de voçês. Nós já temos algumas programações em mãos, como: diblagens, shwos,debates, palestras e outras coisas mais, como: vamos sortear o casal gay mais caipira da noite, e terá também um Forró, o título da nossa festinha é: "FORRÓ XE-GUEI", gostou? o que achou do nome?, por favor faça uma forcinha para mandar alguém, neste grande dia, estamos esperando.

Eu quero te pedir uma grande coisa João, eu, nós pedimos- que se fosse possível, voçê nos mandasse este mês 200 (duzentos) jornais, 100 (cem) é para distribuir nas Bancas, e os outros - 100 (cem) é para nós verdermos na nossa festinha, e a pordenta ge m ser para o "Dialogay", isso se voçês aceitarem, porque o- nosso grupo estar muito precisando de dinheiro, e tem pouco - tempo que fundamos este grupo, e eu queria saber também, se era possível nós vendermos na festa o Lampião ao preço de Cr$ - 50,00 (cinquenta cruzeiros) mais barato, é possível ou não? isto apenas é uma maneira das pessoas comprarem mais este jornal conhecer este jornal, e ficaram comparndo todo o mês, e tudo - qur nós vamos vender etuod mais barato, por isso que eu estou pedindo para vender mais barato, por favor, mande-me resposta- o mais breve possível? aguardamos alguma coisa, depois eu telefono para voçê. Esperamos que voçês nos ajude. E queremos sor

Figura 8 - Carta do Dialogay enviada ao *Lampião* solicitando jornais extras
Fonte: Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



II

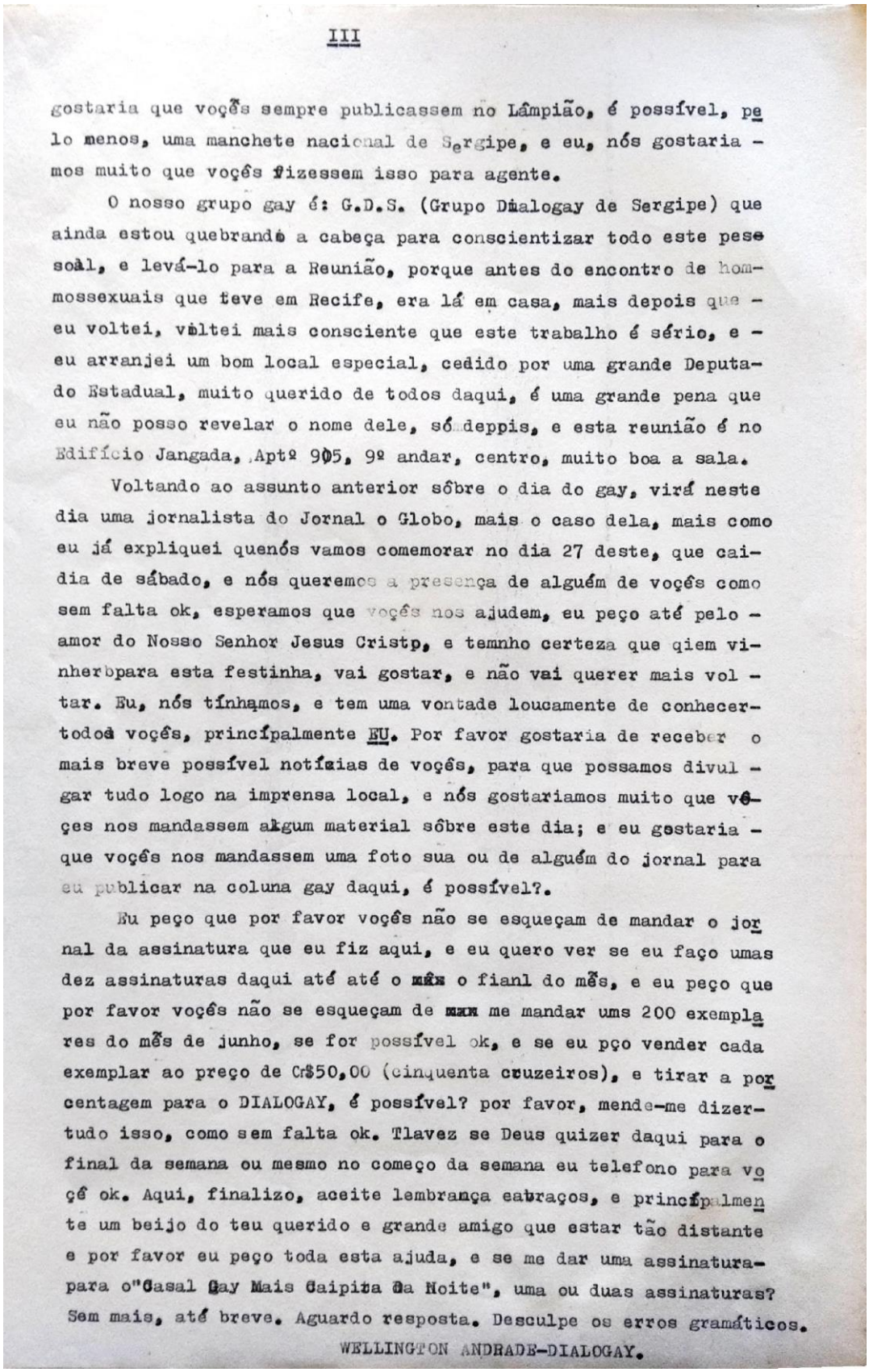
teiar também nesta noite uma assinatura de um jorna l Lampião da Esquina, uma assinatura anual, ao casal gay mais caipira da noite, é possível vo cês nos fazer este grande favor, nos oferecer esta assinatura?, e eu peço que por favor voçê fique mandando todos os meses 100 (cem) jornais, ok? porque tem - ma is 4 (quatro) bancas que querem também receber os jornais voçê me prometeu de me mandar cem (100) jornais no mês de maio e não me mandou; eu peço q ue por favor voçê me mande todo o mês 100 (cem) jorna is, mais estt mês me mande 200 (duzentos) para nós xxxxx verdermos na nossa festinha, é possível voçê ou voçês fazerem tudo isso para a gente? aguardakmos resposta,

Olha, eu fiz uma assinatura de ~~xxx~~ Cr$ 800,00 (oitocentos cruzeiros), eu gostaria de saber quanto é de porcentagem que - eu ganho de cada assinatura, porque eu pretendo fazer mais e mais assinaturas? este dinheiro eu irei mandar no dia 7 junto com o dinheiro dos jornais dos dosi (02) meses, e antes disso eu gostaria de saber quanto é que eu vou ganhar em cada assi- na tura?, e eu peço que por favor, que apartir já do próximo- número des te jornal, voçê já mande pelo corréio, já um número deste jornal, não mande lacrado, porque o preço foi apenas - Cr$ 800,00 (oitocentos cruzeiros), e lacrado é Cr$ 1.100,00 (um mil, e cem cruzeiros) no é mesmo?. O endereço desta primeira- assinatura é: - STÚDIUM DE DANÇAS_REGINA LÚCIA SPINELLE DOS - SANTOS E SILVA-AV: BARÃO DE MARUIM Nº 719-CENTRO-ARACAJU_SER- GIPE-CEP.49.000, por favor não se esqueçam de mandar um jornal para esta nova assinante, é um grand favor que eu peço a vo- cês, nãi se esqueçam: eu fiz esta assinatura no dia 26/05/81- na terça feira-o telefone desta assinatura é: 224.12.09.

No mês de março vinheram 60 (sessenta) jornais, 10 para a imprensa, e 50 (cinquenta) vendidos). No mês de abril vinhe ram 70 (setenta) jornais, 60 (sessenta)vendidos), o total de jornais vendidos é: 110 (cento e dez), o total do primeiro - mês é Cr$ 1.350,00 (mil trezentos e cinquenta cruzeiros), e do - segundo mês, xxxxxx é de Cr$ 1.575,00 (um mil, quinhentos e se- tenta e cinco cruzeiros). O total dos dois meses: Cr$ 2.925,00 - (dois mil, novecentos e vinte e cinco cruzeiros), eu peço um - grande favor, se estiver errado, mande-me dizer ok.

Aqui segue dois examplares dp jornal xx ou mesmo Folha da- Praia, da Praia dos Artistas que sai quinzenal, e tem uma repor tagem sôbre me, e no segundo uma coluna "Estrélinhas Gays" fei- ta por me. E estas notícias que eu mando sempre pra voçês, eu -

Figura 9 - Carta do Dialogay enviada ao *Lampião* solicitando jornais extras – parte 2
Fonte: Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



III

gostaria que voçês sempre publicassem no Lâmpião, é possível, pe lo menos, uma manchete nacional de Sergipe, e eu, nós gostaria - mos muito que voçês fizessem isso para agente.

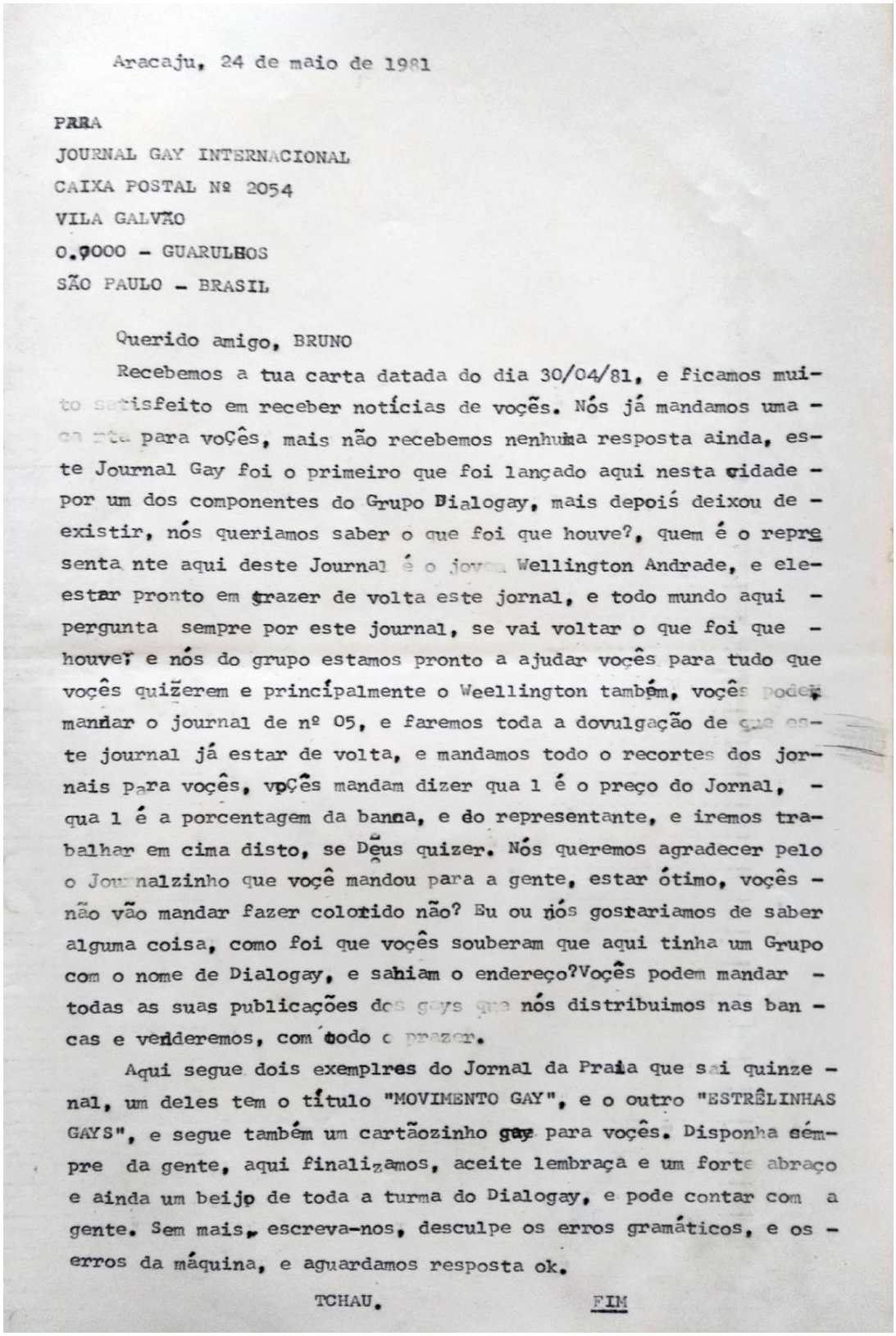
O nosso grupo gay é: G.D.S. (Grupo Dialogay de Sergipe) que ainda estou quebrando a cabeça para conscientizar todo este pes soal, e levá-lo para a Reunião, porque antes do encontro de hom- mossexuais que teve em Recife, era lá em casa, mais depois que - eu voltei, voltei mais consciente que este trabalho é sério, e - eu arranjei um bom local especial, cedido por uma grande Deputa- do Estadual, muito querido de todos daqui, é uma grande pena que eu não posso revelar o nome dele, só deppis, e esta reunião é no Edifício Jangada, Aptº 905, 9º andar, centro, muito boa a sala.

Voltando ao assunto anterior sôbre o dia do gay, virá neste dia uma jornalista do Jornal o Globo, mais o caso dela, mais como eu já expliquei quenós vamos comemorar no dia 27 deste, que cai- dia de sábado, e nós queremos a presença de alguém de voçês como sem falta ok, esperamos que voçês nos ajudem, eu peço até pelo - amor do Nosso Senhor Jesus Cristp, e temnho certeza que qiem vi- nherbpara esta festinha, vai gostar, e não vai querer mais vol - tar. Eu, nós tínhamos, e tem uma vontade loucamente de conhecer- todos voçês, princípalmente EU. Por favor gostaria de receber o mais breve possível notícias de voçês, para que possamos divul - gar tudo logo na imprensa local, e nós gostariamos muito que vo- çes nos mandassem algum material sôbre este dia; e eu gostaria - que voçês nos mandassem uma foto sua ou de alguém do jornal para eu publicar na coluna gay daqui, é possível?.

Eu peço que por favor voçês não se esqueçam de mandar o jor nal da assinatura que eu fiz aqui, e eu quero ver se eu faço umas dez assinaturas daqui até até o mês o fianl do mês, e eu peço que por favor voçês não se esqueçam de mm me mandar ums 200 exempla res do mês de junho, se for possível ok, e se eu pço vender cada exemplar ao preço de Cr$50,00 (cinquenta cruzeiros), e tirar a por centagem para o DIALOGAY, é possível? por favor, mende-me dizer- tudo isso, como sem falta ok. Tlavez se Deus quizer daqui para o final da semana ou mesmo no começo da semana eu telefono para vo çê ok. Aqui, finalizo, aceite lembrança eabraços, e princípalmen te um beijo do teu querido e grande amigo que estar tão distante e por favor eu peço toda esta ajuda, e se me dar uma assinatura- para o"Casal Gay Mais Gaipira da Noite", uma ou duas assinaturas? Sem mais, até breve. Aguardo resposta. Desculpe os erros gramáticos.

WELLINGTON ANDRADE-DIALOGAY.

Figura 10 - Carta do Dialogay enviada ao *Lampião* solicitando jornais extras – parte 3
Fonte: Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



Aracaju, 24 de maio de 1981

PARA
JOURNAL GAY INTERNACIONAL
CAIXA POSTAL Nº 2054
VILA GALVÃO
0.7000 - GUARULHOS
SÃO PAULO - BRASIL

Querido amigo, BRUNO

Recebemos a tua carta datada do dia 30/04/81, e ficamos muito satisfeito em receber notícias de voçês. Nós já mandamos uma carta para voçês, mais não recebemos nenhuma resposta ainda, este Journal Gay foi o primeiro que foi lançado aqui nesta cidade por um dos componentes do Grupo Dialogay, mais depoiś deixou de existir, nós queriamos saber o que foi que houve?, quem é o representante aqui deste Journal é o jovem Wellington Andrade, e ele estar pronto em trazer de volta este jornal, e todo mundo aqui pergunta sempre por este journal, se vai voltar o que foi que houver e nós do grupo estamos pronto a ajudar voçês para tudo que voçês quizerem e princípalmente o Weellington também, voçês podem mandar o journal de nº 05, e faremos toda a dovulgação de que este journal já estar de volta, e mandamos todo o recortes dos jornais para voçês, voçês mandam dizer qual é o preço do Jornal, qual é a porcentagem da banca, e do representante, e iremos trabalhar em cima disto, se Deus quizer. Nós queremos agradecer pelo o Journalzinho que voçê mandou para a gente, estar ótimo, voçês não vão mandar fazer colorido não? Eu ou nós gostariamos de saber alguma coisa, como foi que voçês souberam que aqui tinha um Grupo com o nome de Dialogay, e sabiam o endereço?Voçês podem mandar todas as suas publicações dos gays que nós distribuimos nas bancas e venderemos, com todo o prazer.

Aqui segue dois exemplres do Jornal da Praia que sai quinzenal, um deles tem o título "MOVIMENTO GAY", e o outro "ESTRÊLINHAS GAYS", e segue também um cartãozinho gay para voçês. Disponha sempre da gente, aqui finalizamos, aceite lembraça e um forte abraço e ainda um beijo de toda a turma do Dialogay, e pode contar com a gente. Sem mais, escreva-nos, desculpe os erros gramáticos, e os erros da máquina, e aguardamos resposta ok.

TCHAU. FIM

Figura 11 - Carta do Dialogay enviada ao *Journal Gay Internacional* solicitando jornais extras
Fonte: Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.

As relações comerciais entre o Dialogay e o jornal *Lampião da Esquina* reveladas na correspondência mostram haver mais uma conexão entre o grupo e o jornal, uma vez que o grupo sergipano na pessoa de Wellington Gomes Andrade realizava as vendas do tabloide no Estado e ao mesmo tempo solicitava aos editores vantagens no valor final para que pudesse revendê-lo e angariar fundos para organizar o Movimento Homossexual em Sergipe.

O Encontro de Grupos Organizados do Nordeste (EGHON) foi organizado pelo *Gatho* de Olinda (Grupo de Atuação Homossexual de Olinda) e contou com a presença dos grupos homossexuais Nós Também de João Pessoa, Dialogay de Sergipe, Grupo Gay da Bahia e Adé-Dudu de Salvador. As reuniões foram realizadas na cidade de Olinda, no Centro Luiz Freire, contando com mais de 60 participantes, discutindo temas como a violência contra homossexuais, os problemas do relacionamento entre gays e lésbicas e as diferentes categorias dentro da homossexualidade.[158]

Como resolução do encontro e por influência do líder do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, ficara decidida a participação dos Movimentos homossexuais nas reuniões anuais da SBPC, que naquele ano ocorreria em julho na cidade de Salvador. O evento foi de suma importância para a organização dos Movimentos Homossexuais no Nordeste. Acerca do encerramento e algumas impressões do evento:

> O encerramento do EGHON foi no grande salão do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, no centro de Recife, esticando-se a despedida numa alegre confraternização na Boite Misty, com falação dos militantes. Um dos momentos marcantes deste encontro foi a realização de uma passeata gay, percorrendo as principais ruas da velha Olinda, reunindo uma meia centena de manifestantes que gritavam: 'Gay unido, jamais será vencido!'[159]

Entre 8 e 15 de julho de 1981, o Dialogay juntamente com o Grupo Gay da Bahia e outros grupos do Nordeste tinham encontro marcado para participarem do encontro nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que naquele ano aconteceria na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, e teria como tema central as questões indígena e negra no Brasil. Em carta direcionada ao Dialogay em 1º de maio de 1981, o Grupo Gay da Bahia fala sobre as pretensões e realizações do encontro:

---

[158] MOTT, Luiz. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**: 1981-2005. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2011, p. 477.
[159] Idem.

> Realizar aqui em Salvador uma grande seção pública – um ATO Público – que teria como tema "OS GRUPOS HOMOSSEXUAIS E A CIÊNCIA" [...] Seria ótimo, se possível, que houvesse ao menos um representante de cada grupo homossexual presente na SBPC, a fim de compor a grande mesa de debates do Ato Público. Seria igualmente fundamental que todos os Grupos enviassem uma carta aberta a SBPC, refletindo o posicionamento do grupo face à ciência, aos cientistas no tratamento que dispensam à questão homossexual. As cartas de todos os grupos seriam lidas no Ato Público. Pretendemos também fazer circular entre os 5 mil participantes da SBPC um abaixo assinado encabeçado, se possível, por todos os grupos do Brasil, exigindo a extinção do parágrafo 302 do Código de Saúde do INPS que considera o hxlo (sic) como "desvio mental".[160]

As lutas e bandeiras estabelecidas pelo Grupo Gay da Bahia foram acatadas pela maioria dos grupos homossexuais do país, nos quais se inclui o Dialogay, e juntos na reunião da SBPC de maneira a se tornar notícia, "rodamos de tal modo a baiana que um jornal de Salvador traduziu SBPC como sendo Sociedade das Bichas Procurando Cartaz!"[161]

Porém, é importante destacar que, enquanto se realizavam as preparações dos diversos grupos homossexuais para participar da 33ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o Grupo Dialogay de Sergipe realizava ações que indicam bandeiras singulares do movimento sergipano. Conectado às bandeiras que foram levantadas pelo Grupo Gay da Bahia, o Dialogay, no período antecedente à reunião, tentou conseguir doações de alimentos, lençóis, medicamentos e travesseiros, entre outros produtos, junto a diversos órgãos do governo do Estado de Sergipe para a obra de irmã Dulce, na cidade de Salvador.[162] Essas doações seriam entregues pelo grupo na oportunidade da SBPC, sugerindo que a formação religiosa de Wellington Gomes Andrade se refletia na sua militância enquanto líder do grupo.

O encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a ação de arrecadação e doação de donativos para a caridade de irmã Dulce mostram respectivamente as conexões do Dialogay com os outros Movimentos Homossexuais, especialmente da Bahia, como também a autonomia do grupo em relação às suas ações dentro do seu próprio contexto.

Uma das bandeiras levantadas pelo Grupo Dialogay de Sergipe em sua formação era a de ter um local próprio para o grupo. Todavia, por conter parcos recursos por conta das condições financeiras dos seus membros[163], o grupo fazia eventos para arrecadação de recursos a fim de obter uma sede.

---

[160] Cf. Carta do GGB ao Dialogay de 1º de maio de 1982.
[161] MOTT, Luiz. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**: 1981-2005. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2011, p. 14.
[162] Ofícios 12, 15 e 19 de 1981.
[163] MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013.

Na sexta-feira, 4 de setembro de 1981, o Dialogay, com apoio do jornal *Gazeta de Sergipe*, promoveu no Teatro Atheneu o *Show de Variedades*, que incluía a peça *Atrás dos Bastidores* e que contaria também com a presença de três artistas da noite baiana. Foi cobrado o valor de 100 cruzeiros. No sábado, dia 5, dando continuidade à programação, iria ocorrer no Centro de Turismo de Aracaju a palestra "Antropologia da Sexualidade", com o palestrante professor Dr. Luiz Mott[164]. Porém, a palestra não se concretizou, o *Gazeta de Sergipe*, que patrocinou e realizou a cobertura do evento, escreveu sobre o ocorrido:

> [...] o local estava completamente tomado por pessoas interessadas em participar do evento. Mas a surprêsa foi maior quando vimos que as portas que dão acesso ao auditório estavam lacradas e a palestra não pôde ser realizada. Apesar da indignação do público procuramos obter esclarecimentos com a direção da EMSETUR, que alegando problemas de saúde do administrador, convenceu-se de que não houve boicote. Tanto é que, conforme entendimento mantidos posteriormente, cogitou-se trazer de volta para proferir a mesma palestra, o antropólogo Luiz Motti (sic), o qual insatisfeito com o ocorrido, regressou de imediato a Salvador, certo de que aqui, as coisas aqui não se passam igualmente como naquela cidade.[165]

Todavia, a matéria do *Gazeta de Sergipe* não revelava apenas sobre o evento a se realizar, mas desnudava a chegada e as disputas em torno do movimento homossexual que estava a se fortalecer cada vez mais na capital sergipana:

> A carruagem passa e a força do movimento gay de Aracaju, como de outros organizados, se intensifica cada vez mais, não obstante, a repressão que tenta impedir o desenvolvimento da luta pela libertação das minorias oprimidas em geral. Gostaríamos de esclarecer uma nota que foi publicada nas GERAIS de um jornal local, a qual diz que os homossexuais são anormais. O (sic) seres humanos por terem raízes bastante conservadoras, consideram que o homem foi feito para mulher e afirmam que o terceiro sexo é uma anomalia e os heterossexos é que são normais [...] A nossa finalidade não é fazer um mero discurso condenatório ou de louvação. Não precisamos pedir licenças, porque nossa voz está sendo levantada da tribuna da massa, de onde lançamos as bases para a Unidade sem a qual não pode haver a Democracia, e, sem esta, como teremos condições de discutir as questões amplas que atingem a nação no momento atual? Os espaços são muito importantes para o debate aberto de todos os problemas que afetam o povo brasileiro. Por quê não erguemos a bandeira para protestar contra as discriminações e explorações que vem sofrendo as próprias mulheres, feministas, negras, homossexuais e trabalhadores em geral? Está em jogo também, a questão da política educacional do sistema opressor. Não seria melhor julgar as causas ao invés dos fatos, sem marginalizar aqueles que já sofrem o impacto da discriminação feita pela sociedade? O "baixo-gay" está nos becos, nas fábricas, nas orlas, bairros, zonas, está nas bocas cristalizadas da sociedade que ela mesma ajudou a marginalizar. [...] A forma como os "baderneiros" agiram numa das Mostras do cinema brasileiro durante o IX FENACA, no Cine Rio Branco, não seria um modo de auto-afirmação? E o que é que tem a ver o jovem Wellington se realmente ele estava na ocasião como secretário da FENACA e além disso tentou apaziguar os ânimos recebendo em troca agressões e pontapés. [...]Vemos pessoas que se conduzem como intelectuais ao mesmo tempo se omitirem a defender a própria classe, e, ainda incoerentemente, se utilizarem de

[164] Grupo Dialogay, sexta, "Atrás dos Bastidores". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 03 de setembro de 1981, p. 2.
[165] Nas malhas do poder gay. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 13 de setembro de 1981, p. 2.

> artifícios que tem em mãos para dividir uma classe que está se organizando e não pode passar pelo julgamento de pessoas distanciadas da realidade cultural de um povo. A cultura é de um povo e só a este devemos devolver uma resposta que sirva de estímulo para o seu desenvolvimento e conscientização. O que devemos deduzir de Coisas assim, é que se verifica nos domínios tribais de Aracaju etc. e tal, uma verdadeira disputa intelectual. E também pelo gay-power?[166]

Essas poderosas malhas organizativas do Movimento Homossexual Sergipano começavam a ser notadas cada vez mais pela sociedade e pela imprensa devido à sua capacidade de articulação com outros grupos homossexuais e com outros setores da sociedade, inclusive o governo, com o qual estabelecia relações de maneira a realizar suas ações, cujo objetivo era defender as homossexualidades em Sergipe.

Nesses primeiros meses do Grupo Dialogay de Sergipe, percebe-se uma atuação de conscientização, de ocupação de espaços públicos e de visibilidade dos homossexuais, participando e realizando eventos com parcerias, sendo que uma dessas relações profícuas foi com a Universidade Federal de Sergipe, especialmente com o Diretório Central dos Estudantes. Embora nenhum dos membros cursasse o Ensino Superior, Wellington tinha uma relação com Marcelo Déda Chagas por ser um dos colaboradores do Partido dos Trabalhadores em Sergipe, e, já em 1980, Déda era o vice-presidente do DCE, tornando-se seu presidente em 1981.[167]

Em 15 de setembro de 1981, o Dialogay trouxe para palestrar no Centro de Turismo de Aracaju o professor e médico holandês Dr. Tijerk Van Den Berg, do hospital municipal de Kopenhagem, Dinamarca. O palestrante trouxe a Aracaju o tema sobre o Movimento Internacional das Minorias.[168] Essa palestra demonstra a conexão e preocupação do grupo com a questão das homossexualidades no âmbito não somente local e nacional, mas também internacional.

Pelo desenvolvimento de tantas atividades, o Grupo Dialogay de Sergipe foi escolhido por unanimidade pelos grupos homossexuais do Nordeste para ser anfitrião de um grande encontro de grupos homossexuais do Nordeste, que precederia o II Encontro de Grupos Homossexuais do Nordeste (EGHON) entre os dias 23 e 25 de outubro, durante o X Festival de Artes de São Cristóvão (FASC), promovido na época pela UFS. O grupo alugou uma casa para abrigar os representantes do GGB, do Aquarius, do Nós Também e do Gatho. Foi armada uma barraca gay para venda de livros. Pretendeu-se também realizar uma passeata, que não se realizou

---

[166] Nas malhas do poder gay. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 13 de setembro de 1981, p. 2.
[167] Diretoria do DCE toma posse. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 08 de dezembro de 1981, p. 8.
[168] Palestra Gay. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 15 de setembro de 1981, p. 3.

por conta do clima do momento, de maneira que as bichas foram vaiadas pra valer, mas "entre mortos e feridos, todas se salvaram".[169]

Entre o final de 1981 e o início de 1982, o Grupo Dialogay de Sergipe começou a produzir seu próprio boletim informativo como forma de divulgação de suas atividades interna e externamente. O folheto era simples e caseiro, não mantinha regularidade, contendo somente uma imagem de capa, datilografado e em preto e branco. Seus conteúdos variavam desde atividades desenvolvidas pelo próprio grupo ou de outros grupos homossexuais, textos e livros informativos sobre a questão homossexual e chamadas para a participação das atividades do grupo.

Figura 12 - *Boletim do Grupo Dialogay Sergipe*, nº 3, 1982
Fonte: Cedida por Wellington Gomes Andrade.

No editorial do seu terceiro boletim, o grupo cria o lema "GAY UNIDO, É GUEI ALERTA E LIVRE"[170], que contém um jogo de palavras com os termos "gay", do movimento estadunidense e que se espalhou pelo mundo, e a sua versão abrasileirada adotada pelo *Lampião* da Esquina, "guei", indicando uma noção internacionalizada e de união que o Movimento Homossexual Sergipano haveria de ter.

Assim, o programa do grupo de 1982 seguiria o do ano anterior de conscientização e visibilidade, promovendo encontros culturais, debates, palestras e apresentações artísticas, além de passeatas, atos públicos e denúncias de violação dos direitos humanos de homossexuais em

[169] MOTT, Luiz. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**: 1981-2005. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2011, p. 29.
[170] Cf. **Boletim do Grupo Dialogay Sergipe**, n. 3, 1982.

Sergipe. Nesse ano de 1982, o grupo iria completar seu primeiro ano de existência e, por conta disso, enviaria uma circular para os demais grupos homossexuais do Brasil informando sobre as festividades referentes ao seu aniversário.[171]

O grupo promoveu no dia 31 de julho no bar "Plaiguei" da orla de Atalaia, na cidade de Aracaju, o casamento de Cláudio e Martins. Segundo informa o grupo, esse seria o terceiro casamento gay realizado na cidade. Concomitantemente, foi comemorado o aniversário de Cláudio, um dos noivos, completando 19 anos, e ele viria a ser um artista transformista da capital.[172]

Em comemoração ao seu aniversário de um ano de militância, o grupo promoveu entre os dias 23 e 25 de setembro um ciclo de conferências sobre homossexualismo e política, realizadas na Associação Sergipana de Imprensa, contando com vários psicólogos, antropólogos e professores universitários, dentre eles o já conhecido do Movimento Homossexual Sergipano, Luiz Mott. Simultaneamente, o grupo fez a exibição de vários cartões postais e cartas recebidas sobre a questão homossexual.[173]

Esse evento, que tinha como tema central a questão homossexual e a política, foi apoiado pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), pelo Centro de Cultura e Arte (Cultart) e pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proest) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Tal evento representou uma mudança no estilo da militância do Dialogay e sua associação à política, aproximando o Movimento ainda mais de questões de Estado, pois, nesse evento, o Dialogay rodou uma circular através do DCE e interpelou partidos políticos para o debate, de maneira a fazer com que se posicionassem acerca das acepções dos homossexuais.

Participaram do evento o Partido Democrático Social (PDS), de espectro político de direita, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), de espectro político de centro à esquerda. O fato de contar com partidos de espectros políticos tanto de direita quanto de esquerda evidencia a amplitude das costuras e conexões e a importância que adquiria o Movimento Homossexual na data, forçando a política sergipana a sair do armário e se posicionar e, com isso, contribuir para o debate e politizar homossexuais, apontando políticos que estavam abertos a defender a causa homossexual.

Embora com relativo sucesso entre os grupos homossexuais e perante a sociedade de forma geral dada a concretização dos seus objetivos de conscientizar e visibilizar as questões

---

[171] Idem.
[172] Cf. **Boletim do Grupo Dialogay Sergipe**, n. 5, 1982.
[173] Dialogay promove palestras. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 19 de setembro de 1982, p. 2.

da homossexualidade, o Grupo Dialogay não conseguiu aglutinar um grande número de pessoas e manter a militância dos homossexuais em torno do grupo.

A falta de adesão da militância homossexual ao Dialogay pode ser pensada pelos conflitos internos provocados pelo papel de liderança desenvolvido por Wellington Andrade e pelo seu alto nível de adesão à causa do movimento de maneira a confundir-se a sua história de vida pessoal com sua militância há quase 40 anos, sendo isso expressivo nas suas falas ao falar do movimento e do seu reiterado título de "Presidente de honra do movimento LGBT sergipano".

Externamente, o preconceito social e as consequências negativas trazidas para a vida do homossexual ao assumir-se abertamente naquele momento são fatores que devem ser considerados na baixa adesão dos membros, fatores esses perceptíveis ao olharmos para os boletins publicados pela instituição em 1982 e ao verificarmos que o único membro que tinha seu nome exposto era Wellington Gomes Andrade.

O armário do Grupo Dialogay de Sergipe, embora estivesse com as portas abertas para a luta da causa, no seu fundo, obscurecido pelo desapreço e medo impostos pela sociedade aos homossexuais, manteve membros mofando mesmo durante suas atividades; num dos seus boletins, o grupo registra uma carta solidária de um pai dos ativistas de modo a incentivar outros pais:

> [...] um abraço e muitas felicidades pra você. E muito juízo, nada de dizer o que você é, deixe as coisas como estão entre você e seu colega, talvez ele não entenda e passe a ficar uma situação difícil pra os dois; porque as pessoas como você têm de manter a sua personalidade de homem (homem é claro!) decente. Nada de se mostrar, ok?[174]

O boletim que suprime o nome do ativista e a carta que pede para que não diga o que é sobre sua sexualidade apontam a natureza do pensamento velado que se tem acerca das homossexualidades naquele período. Ela é algo que existe, mas não deve ser encorajada, deve ficar guardada para si e estaria totalmente dissociada da imagem do homem ideal, da decência, daquilo que deveria ser dito ou mostrado, assim o silenciamento para os homossexuais viria em formato de solidariedade.

Os níveis de engajamento e de militância diferenciados entre os membros e sua consequente visibilidade provocaram conflitos e tensões no grupo, levando Wellington em 1982 a enviar para o Grupo Gay da Bahia a seguinte nota: "depois de contar com uma dezena

[174] Cf. **Boletim do Grupo Dialogay Sergipe**, n. 4, 1982.

de associados, está reduzido atualmente na figura do Welington Andrade"[175]. Esse fato nunca ocorreu, não tornando uma inverdade que durante mais de 15 anos Wellington sempre esteve à frente da instituição.

A desmobilização dos homossexuais em torno do Movimento Homossexual em Sergipe também deve ser pensada como uma causa da epidemia de HIV/Aids que começava a alardear o país, sendo utilizada como mais uma justificativa para a reafirmação da homofobia por parte da sociedade, que se utilizou do vírus para estigmatizar ainda mais os corpos homossexuais.

O vírus do HIV/Aids fora uma "faca de dois gumes"[176] para o Movimento sergipano, pois se, por um lado, foi fator de desmobilização de militância, por outro contribuiu para uma reorganização de bandeiras e ações do Dialogay, que, já conectado com o sistema político e o Estado, irá ter como norte organizativo a prevenção e o combate à epidemia ainda na primeira metade da década de 1980, muito embora o primeiro caso em Sergipe só vá ser registrado em 1987.

[175] MOTT, Luiz. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**: 1981-2005. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2011, p. 48.
[176] FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?**: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> A carruagem passa e a força do movimento gay de Aracaju, como de outros organizados, se intensifica cada vez mais, não obstante a repressão que tenta impedir o desenvolvimento da luta pela libertação das minorias oprimidas em geral.
> (Nas malhas do poder gay, 13/09/1981, *Gazeta de Sergipe*)

Como anunciou o jornal *Gazeta de Sergipe* no último trimestre de 1981, o Movimento Homossexual na capital sergipana já estava organizado antes mesmo da chegada da primavera, já se mostrando forte e promissor, se intensificando e mesmo remando contra a repressão que tentava impedir a luta pela libertação das minorias, assim ganhava espaço dentro da sociedade sergipana.

A matéria do *Gazeta* não apenas revelava o poder e a inserção do Movimento Homossexual na capital sergipana, como também indicava a visão de que não existiu um Movimento Homossexual, e sim vários Movimentos Homossexuais que estavam organizados ou se organizando à época, visão essa da qual este trabalho compartilha. Orientada pela percepção de que não houve um único Movimento, esta dissertação dedicou-se a traçar uma história do Movimento Homossexual em Sergipe durante o período da abertura política do regime militar, recompondo a trajetória de formação do Movimento a partir da percepção da militância de Wellington Gomes Andrade com a formação da comunidade católica homossexual, estendendo-se até a institucionalização do Movimento Homossexual na capital sergipana com a formação do Grupo Dialogay de Sergipe em março de 1981 e limitando-se a mostrar as ações e bandeiras iniciais do grupo até 1983, quando se torna pública a epidemia do vírus do HIV/Aids no Brasil.

Para recompor essa trajetória do Movimento Homossexual Sergipano, cabe mencionar que buscamos, inicialmente, recuperar o processo de construção da categoria de Movimento Homossexual no Brasil, de maneira a percebermos de que forma a historiografia das homossexualidades concebeu o surgimento desse Movimento Homossexual no país, bem como as suas características. Recuperando essa bibliografia, pudemos notar que, embora tenham existido experiências organizativas homossexuais, tais como as Turmas e o jornal *O Snob* no Rio de Janeiro, elas foram entendidas pela historiografia como experiências que não se configuravam como um ativismo que lembrasse um movimento social, além de terem sido desestimuladas pelo contexto do regime ditatorial, em especial após o Ato Institucional número 5.

Dessa forma, seria somente a partir da abertura política do regime e da criação do jornal alternativo *Lampião da Esquina* e da formação do grupo Somos que a historiografia

especializada veria, através dessas instituições, a estrutura de oportunidades que permitiria a organização de um Movimento Homossexual no Brasil, criando-se, assim, um discurso de verdade a respeito do *Lampião* e do Somos como eventos fundadores do Movimento Homossexual no país. Essa construção das experiências do *Lampião* e do Somos como instâncias fundadoras do Movimento teve consequências teóricas e práticas, positivas e negativas que, para o bem ou para o mal, vieram a limitar o entendimento da categoria de Movimento Homossexual, permitindo, com isso, a existência da ideia de um Movimento Homossexual no Brasil somente a partir do ano de 1978, nos moldes e tributários do *Lampião* e do Somos.

Ampliando as percepções acerca da categoria de Movimento Homossexual, no segundo capítulo trouxemos para o centro da discussão a experiência organizativa da comunidade católica homossexual relatada por Wellington Gomes Andrade, fundador e militante do Dialogay, que enxergou nessa experiência da comunidade o início do Movimento em Sergipe. Nessa experiência, houve a união entre alguns sujeitos homossexuais e o padre Inaldo, que, longe do conhecimento da Igreja Católica, organizou junto a Wellington um grupo que dentro das suas atividades ofertava conforto espiritual aos seus membros. E, mesmo não evocando características do que se consagrou na historiografia brasileira como Movimento Homossexual, percebemos que a comunidade católica homossexual fez parte de uma estrutura de oportunidades criada dentro do enraizamento cultural e social de Wellington, que teve algum grau de contribuição, sendo uma experiência positiva na formação militante dele, um dos principais nomes do Movimento Homossexual em Sergipe.

Partindo das memórias de Wellington sobre a formação do Dialogay e da relação com o jornal *Lampião da Esquina*, no terceiro capítulo tratamos de recuperar, a partir da ideia ampliada de estrutura de oportunidades, como se deram a criação do jornal *Lampião da Esquina* e a formação do grupo Somos entre os anos de 1978 e 1979. Ao fazermos tal recomposição, trouxemos o *Lampião* e o Somos como duas experiências importantes nos Movimentos homossexuais, mas que não foram criadores ou fundadores do Movimento Homossexual no Brasil como assim se pretendeu fazer acreditar.

Dentro da perspectiva teórica de Michel Foucault, apontamos o *Lampião* como um dispositivo utilizado pelo grupo Somos, e o grupo enquanto um representante do Movimento Homossexual de São Paulo que se utilizou do jornal para criar e divulgar um discurso de saber/verdade acerca de temas voltados para homossexuais, bem como sobre o próprio Movimento Homossexual. Fugindo da ideia tradicional de que o *Lampião* e o Somos foram fundadores do Movimento, nesta análise também visualizamos, através do conceito de

conexões ativas de Manuel Castells, como o *Lampião* e o Somos mantiveram conexões com outros Movimentos Homossexuais pelo país, em especial em Sergipe, através do contato com Wellington Gomes Andrade, não sendo a relação com outros grupos uma relação de hierarquia, mas de interdependência.

Por fim, depois de fomentarmos a ampliação das noções da categoria de Movimento Homossexual, de trazermos a noção de que não existiu um Movimento Homossexual e de olharmos diferenciadamente para as experiências do jornal *Lampião da Esquina* e do grupo Somos, no capítulo final trouxemos a estrutura de oportunidades que permitiu a emergência do Grupo Dialogay de Sergipe em março de 1981, mostrando que o processo de emergência do Dialogay estava rodeado por vários discursos, sendo que um deles envolvia a relação do Dialogay associado ao *Lampião*, que continha erros de datas provocados pela acepção criada a partir do discurso do Somos e do *Lampião* enquanto instâncias formadoras do Movimento Homossexual.

No capítulo em questão, também analisamos o grupo Dialogay, seus discursos, suas ações, suas bandeiras e suas conexões ativas, indicando que o grupo, entre os anos de 1981 e 1983, conseguiu realizar diversas atividades que tentaram possibilitar a conscientização, a visibilidade e a garantia de direitos das homossexualidades no Estado. Outro ponto de destaque que evidenciamos é como o Dialogay buscava se conectar com outros grupos e com diversas outras instituições, trocando informações e tentando garantir apoio no desenvolvimento das suas atividades para defender as homossexualidades.

Por obviedade, todo trabalho historiográfico possui limites, e este trabalho apresenta limitações, sem dúvidas. A maior delas foi a de acesso às fontes, principalmente orais. Isso não decorreu apenas das dificuldades de ordem pessoal, pois, além disso, o ano de 2020 foi marcado pelo início da pandemia provocada pelo Sars-CoV-2, um novo coronavírus. Com as medidas restritivas e a necessidade de isolamento social para conter a proliferação do vírus, não foi possível ir diretamente em busca dos militantes, assim como alguns, para salvaguardar sua saúde, não cederam entrevista por fazerem parte do grupo de risco frente às possibilidades de contágio.

Porém, dadas as dificuldades de acesso às fontes e, mais importante, dada a grandiosidade delas, este trabalho por si só não é capaz de abarcar toda a história do Movimento Homossexual em Sergipe. Ainda há lacunas que poderão ser preenchidas de acordo com o aprofundamento de estudos das fontes ou, ainda, por meio de uma mudança de perspectiva histórica.

De maneira geral, a escrita desta Dissertação é resultado de um processo que se amadureceu desde a curiosidade perante a presença do movimento LGBTQIA+, perpassando os questionamentos de um historiador que se sentiu atraído pela temática. Ao fim, trata-se de uma pesquisa pioneira, visto que não há trabalhos históricos sobre o movimento homossexual sergipano e deve e pode ser encarada como fomentadora de novas pesquisas, possibilitando a criação de futuros estudos sobre o movimento homossexual no estado de Sergipe.

REFERÊNCIAS

JORNAIS

Lampião, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978.

Lampião, Rio de Janeiro, nº 2, 25 de junho a 25 de julho de 1978.

Lampião, Rio de Janeiro, nº 3, 25 de julho a 25 de agosto de 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, nº 10, 10 de março de 1979.

Lampião da Esquina, nº 4, 25 de agosto a 25 de setembro de 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, nº 24, maio de 1980.

Gazeta de Sergipe, Aracaju, 03 de setembro de 1981.

Gazeta de Sergipe, Aracaju, 13 de setembro de 1981.

Gazeta de Sergipe, Aracaju, 15 de setembro de 1981.

Gazeta de Sergipe, Aracaju, 08 de dezembro de 1981.

Gazeta de Sergipe, Aracaju, 20 de março de 1982

Gazeta de Sergipe, Aracaju, 19 de setembro de 1982.

FONTES ORAIS

Entrevista com Wellington Gomes Andrade, São Sebastião do Passé, Bahia, em 17 de março de 2020.

ARTIGOS

DÁVILLA, Franklin. Homossexualismo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 20 de março de 1982.

GREEN, James. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, 2000. Disponível em: http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a12.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Social networks and individual perceptions: explaining differential participation in social movements. **Social Forum**, v. 6, n. 1, 2001.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, v. 24, n. 1, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, 1992.

SILVA, Alessandro Soares. **Por um Lugar ao Sol**: construindo a memória política da Homossexualidade (ou: Homossexualidade: uma história dos vencidos?!). Bagoas, 2012.

TREVISAN, João Silvério. Um leitor: Caríssimo amigo você é meu salvador. **Lampião**, Rio de Janeiro, nº 0, abril de 1978, p. 8. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: 10 jan. 2021.

TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das minorias? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 10, 10 de março de 1979, p. 10. Disponível em: https://www.grupodignidade.org.br/

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90-109, set./dez. 2014.

CAPÍTULOS DE LIVRO

FICO. *In*: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCAR, 2014.

MACRAE, Edward J. B. N. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. *In*: EULÁLIO, Alexandre (Org.). **Caminhos Cruzados** - Linguagem, antropologia, ciências naturais. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 99-111.

LIVROS

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade** - A Era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?**: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **História da sexualidade 1** – a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre história**. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2008.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da abertura. Salvador: EDUFBA, 2018.

MOTT, Luiz. **Boletim do Grupo Gay da Bahia**: 1981-2005. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2011.

NAPHY, William. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2004.

PERET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**: entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2012.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAGO, Margareth. **A "Nova" Historiografia Brasileira**. Anos 90. Porto Alegre, nº 11, julho de 1999.

REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na Trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Ábramo, 2009.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confrontos políticos. Petrópolis: Vozes, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4. ed., rev., atual e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?**: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, 2006.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960**: relatos do jornal O Snob. Dissertação (Mestrado) - CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se?**: O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981). Recife, 2015.

MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e "lutas"**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). 2013. 226 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2013.

ROSA, Gilvan dos Santos. **Terceiro setor**: um estudo no Grupo Dialogay de Sergipe. Monografia (Especialização no Terceiro Setor e Políticas Públicas) - Universidade Tiradentes, 2005.

SILVA, Claudio Roberto. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 1999.

DIGITAIS (sites)

BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. **Dhnet**, 1981. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/livro_betto_o_que_e_cebs.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

ANEXO A - Entrevista concedida por Wellington Gomes Andrade

1- Como surgiu a ideia de organizar pessoas em torno do ideário de defesa da homossexualidade?

Na década de 70, eu comecei bestão, tolão, sem saber o que era isso, o que era aquilo. Comecei como secretário numa comunidade católica no bairro Siqueira Campos. Nós tínhamos uma comunidade que não tinha essas siglas. (Também ainda não havia) essa doença: a maldita da Aids! A gente tinha uma comunidade católica, onde essa mesma comunidade era a comunidade das mulheres, das prostitutas, dos pobres e dos meninos de rua, entendeu?

As nossas reuniões eram sempre aos domingos, às 19h. E a gente, quando saía, saía em grupos. Ficávamos, eu e o padre, na esquina esperando transporte para que as pessoas homossexuais pegassem transporte para cada um ir para suas casas. Como era o líder, eu ficava com o padre e depois vinha pra casa numa boa. O movimento começou aí.

Ainda na década de 70, participei da reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) promovida pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Salvador. Enquanto caminhava pelo espaço do evento, avistei uma tenda com cartazes, revistas e livros exclusivamente de temática homossexual. Nessa tenda, conheci um rapaz que comercializava exemplares do jornal *Lampião da Esquina.*

Fiquei interessado pelo jornal. Isso me levou a conversar com o rapaz para que pudesse adquirir o jornal e trazê-lo para Aracaju. O *Lampião da Esquina* foi lançado em 1980, no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizado na Rua de Itabaiana, no centro da cidade, e presidido pelo ex-governador Marcelo Déda (*in memoriam*).

O lançamento do jornal contou com a presença da travesti (na época não se identificava como pessoa transexual) Suzana Vermontt (*in memoriam*). Foi um dos primeiros eventos do movimento. O Diretório Central dos Estudantes lotou.

Quando lancei o *Lampião* em Aracaju, passei também a ser seu distribuidor oficial, e meu nome e endereço passaram a constar no jornal. Eu residia na Rua Boquim, numa vila ao lado do quartel da polícia. E foi em minha casa que começamos a fazer as reuniões. Porém, o espaço da minha casa passou a ser pequeno, passando a fazer as reuniões também no Diretório Central dos Estudantes (DCE). As reuniões passaram a acontecer todas as quartas na minha casa e às sextas no Diretório Central dos Estudantes (DCE). Nas sextas, quando ia para o Diretório Central dos Estudantes (DCE), eu pegava a minha bolsa e ia falar com o pessoal, pautava os motivos da reunião. Outras atividades que desenvolvíamos eram ler cartas, correspondências e o *Lampião*. E também era nessas reuniões que organizávamos os eventos que iriam ser realizados.

Ainda em 1980, comecei a perceber que o grupo estava ficando sério, pois havia poucos grupos no Brasil. Passamos a promover palestras com pessoas de fora, como foi o caso do Dr. Carlos Brito. Ele foi convidado para uma de nossas reuniões para falar de maneira abrangente dos direitos humanos, mas também dos direitos dos homossexuais.

2- Quem eram essas pessoas? Eram de quais ordens sociais? Eram apenas homossexuais?

Na década de 80, nós não recebíamos apenas homossexuais (independentemente da sua sexualidade). Muitas pessoas frequentavam as reuniões no Diretório Central dos Estudantes (DCE), estudantes e universitários.

Ainda na década de 80, realizamos eventos em praças públicas, praias e lançamos também a campanha de combate ao HIV/Aids, momento que foi muito difícil para os homossexuais. Por conta da epidemia de HIV/Aids, muitos homossexuais passaram a se esconder, pois a sociedade tachava o HIV/Aids como uma doença de homossexuais.

Uma vez estava no ônibus com uma gay, e uma criança indagou à mãe: Mamãe, ali é a Aids? E eu não me contive, respondendo para a mãe educar seu filho, pois a Aids era uma doença que poderia afetar a todos, não importando sexo, raça ou religião.

A Aids surgiu (foi midiatizada) em 1983, e em 1986 ou 1987 (imprecisão do ano), eu trouxe para Aracaju com patrocínio da Globo local de Sergipe (TV Sergipe) uma pessoa (*in memoriam*) que estava acometido pela Aids. O intuito era que ele organizasse e preparasse comigo materiais para a campanha de prevenção que iríamos realizar no carnaval de Aracaju. Saímos em alguns blocos de rua e em escolas de samba falando sobre a doença e distribuindo camisinhas. Ele teve a oportunidade de subir em um trio e falar no microfone sobre a Aids e sua prevenção.

Nesse momento eu já havia me mudado para um apartamento no Orlando Dantas, e esse rapaz ficou hospedado na minha residência. A notícia se espalhou. O fato de um portador de Aids estar no meu apartamento e a doença ser associada a homossexuais teve como consequência a criação de um abaixo-assinado dos moradores do meu condomínio para me expulsar do prédio. De nada adiantou o abaixo-assinado. A justiça entendeu que não podiam me retirar de lá pelo meu trabalho humano e voluntário com a Aids, pelo movimento homossexual e pelos direitos humanos.

3- Qual a importância do *Lampião da Esquina* na formação da Dialogay ou sua vida como militante?

Minha militância como ativista pelos direitos humanos continua mesmo depois de 40 anos de atuação. Quem sentiu na pele o peso da discriminação pela família e pela sociedade nunca para a luta. Como eu havia falado, conheci o *Lampião* na SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). O jornal me despertou interesse e resolvi levá-lo para Aracaju. Eu me tornei distribuidor do jornal na cidade, e o meu nome e endereço constavam nele (*Lampião*).

O conteúdo do *Lampião* foi de grande importância tanto para mim quanto para o Dialogay. O Dialogay que representava os homossexuais tornou-se um grupo famoso no Brasil. O nome de Wellington também, hoje sou o segundo militante mais antigo do Brasil e Presidente de honra do Movimento LGBT em Sergipe.

4- Qual papel e relação do Grupo Gay da Bahia e Luiz Mott na formação da Dialogay?

Fui procurado por Luiz Mott após meu nome ter saído no *Lampião*. Foi em 1984 (imprecisão). Eu já tinha fundado o Dialogay (1981). Ele me procurou para poder palestrar em Aracaju.

Luiz Mott é um padrinho, um pai e uma mãe para o Movimento em Sergipe. Ele foi muito especial, nos ajudava financeiramente pagando nossa caixa postal e pagava selos das correspondências. Em troca, Luiz Mott queria receber correspondências de assassinatos de homossexuais que por aqui ocorriam e ainda continuam a ocorrer.

Ele era muito receptivo para nos ajudar. Toda vez que ligava para Luiz Mott para vir a Aracaju, o pedido era atendido. Ele palestrava muito na nossa cidade sobre a temática dos homossexuais. Sua formação acadêmica pela Sorbonne de Paris o tornava uma figura acadêmica importante que desde cedo militou intelectualmente sobre e para o Movimento Homossexual.

Sem sombra de dúvida, ele foi de grande valia para o Dialogay, junto com o seu grupo, o Grupo Gay da Bahia (GGB), e o *Lampião da Esquina*.

5- Quando resolveu formar o Dialogay? Quais membros fundadores? Quantas pessoas participaram?

Os participantes e quantitativos variam muito de acordo com a época. Recebíamos pessoas homossexuais ou não. O interessante é que no início muitas pessoas rejeitavam estar lá, pois não queriam ser vistos, fotografados ou não queriam dar entrevistas em virtude de questões familiares. Hoje todos querem aparecer, dar entrevistas, realizar seminários e encontros.

Na década de 1980, promovi em Aracaju um Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO). O evento ocorreu na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), localizada na Rua Boquim, próximo ao Diretório Central dos Estudantes (DCE). No encontro conseguimos ofertar café da manhã, almoço e consegui hospedar algumas pessoas no meu apartamento em colchonetes dispostos pelo chão. O evento foi importante para Aracaju e contou com a presença de várias pessoas de outros grupos homossexuais do Brasil. Dois nomes muito especiais foram o do Paulo (*in memoriam*) do grupo Atobá do Rio de Janeiro e Rafael (*in memoriam*) do GLICH (Grupo Liberdade, Igualdade e Cidadania Homossexual) de Feira de Santana.

Muitas pessoas com quem tínhamos contato já faleceram. Recebemos muitas pessoas no Dialogay, mas muitas pessoas tinham inveja ou despeito de estar conosco. Eu era bem-amado e querido por muitos, mas também era odiado. As pessoas ouviam minhas entrevistas na rádio e ligavam para falar mal, evangélicos faziam isso frequentemente. Mas também ligavam para parabenizar pela minha atitude e coragem que já na década de 80 enfrentava a preconceituosa sociedade sergipana. Certa vez, fui chamado de pederasta por um pastor. Sinceramente, eu nem sabia o que significava, mas fiquei com receio, mas me acostumei, e o medo sempre se transformou em força durante toda minha militância.

E foi através dessa militância que fiquei reconhecido. Certa feita, fui convidado para conhecer o Gay Gamers em Nova York juntamente com outros militantes de outros grupos homossexuais

do Brasil. Mesmo sem falar absolutamente nada em inglês. Fui patrocinado por uma empresa de turismo de Aracaju, ganhando passagens aéreas de Aracaju-Rio-Miami-Nova York. Foi em Nova York que conheci a bandeira do arco-íris, que ainda não havia chegado ao Brasil, fiquei encantado e trouxe uma para Aracaju para pôr na minha mesa de trabalho na SMTT (Superintendência Municipal de Trânsito e Transporte).

A bandeira na minha mesa era mais uma forma de assumir a minha homossexualidade batendo de frente contra o preconceito, inclusive aquele preconceito mais radical que julgava a minha vida sem importância.

Houve muitas ameaças. Tentaram me matar dentro do meu apartamento. E assim foi a minha vida, complicada e difícil. Mas graças a Deus estou vivo e continuo lutando mais e mais com as pessoas amigas, aqui na Bahia, onde estou residindo atualmente. Vim para a Bahia não por querer, mas porque fui transferido de Aracaju para trabalhar aqui na Bahia. Na verdade, primeiro fui transferido para o Rio de Janeiro, onde passei cerca de um ano, e voltei para a Bahia, onde me aposentei. Mas, mesmo depois de aposentado, minha militância nunca parou.

O último caso que lembro em que atuei em Aracaju foi na Marinha. Alguns marinheiros da Bahia estavam fazendo curso em Aracaju, e foi um escândalo para a sociedade e para a própria Marinha descobrir que havia homossexuais nesse setor do exército. Ia haver expulsão desses homossexuais do órgão, e eu fui chamado como representante dos homossexuais para ajudar de alguma forma. Como não tinha nenhum poder e representatividade diante do órgão, fiz a única coisa que poderia: tornar público aquele preconceito por parte da Marinha.

Liguei para a imprensa, chamei jornal, rádio e televisão. Fiz o que pude para garantir o direito daqueles rapazes.

6- Qual seu papel no Dialogay durante sua existência?

O meu papel no Dialogay foi sempre de liderança, fui o seu presidente por mais de 15 anos. Fui o organizador e promovedor de eventos. Eu estava sempre à frente na luta pelos direitos humanos dos homossexuais. Promovi diversos eventos em diversos locais da cidade como o Garoto Sexy e o Garoto Piscina.

Lembrando desses eventos, logo depois que lançamos o *Lampião da Esquina* no Diretório Central dos Estudantes (DCE), também lançamos outro jornal no calçadão da João Pessoa, o *Journal Gay Internacional*. O jornal passou a ser comercializado na Banca Coelho, que ficava em frente ao Cinema Pallace.

Na década de 80, lançamos a campanha contra a Aids no Hotel Pallace, que contou com a presença da nossa linda madrinha Elke Maravilha (*in memoriam*) e do jornalista e apresentador Leão Lobo

Eu conheci pessoas muito importantes. Uma delas foi o doutor Almir Santana, que foi o primeiro médico sergipano a aceitar e atender pessoas com HIV/Aids em Sergipe. Quando lancei a campanha de combate à Aids, Almir Santana era sempre uma força com que pude contar. Tivemos muitas parcerias juntos e de início não tínhamos apoio de governo.

Almir Santana chegou a colocar dinheiro do próprio bolso para fazer companhas e exposições sobre o HIV/Aids. Uma das melhores campanhas propostas pelo Almir Santana foi a Kombi da prevenção e o Camisildo, mas já contava com ajuda do poder público. Trabalhamos muito juntos, e eu sempre respeitei e homenageei esse homem que se dedicou sem igual no Estado de Sergipe em campanhas contra o HIV/Aids.

O primeiro caso de morte em Sergipe de um portador de Aids foi o companheiro de Silvinho, o costureiro. Mas a Aids fez muitas outras vítimas – que iam de atores e músicos a pessoas comuns.

7- E quais foram as primeiras ações e ideias do grupo que o movimentaram inicialmente?

As primeiras ações e ideias do grupo eram falar sobre os direitos humanos e dos homossexuais. Nós passávamos filmes, líamos livros, jornais e cartas nacionais e internacionais. Líamos documentos e cartas da Anistia Internacional.

Nós tínhamos comunicação com diversos setores para além de grupos homossexuais. Mantínhamos contato com a Anistia internacional, com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), entre outros. O Dialogay e eu, que o representava, ficamos bem conhecidos.

Esse reconhecimento é comprovado no convite que recebi para o Gay Games em Nova York, para mim foi quase inacreditável, chorei de emoção. Apenas cinco pessoas foram chamadas, Wellington pelo Grupo Dialogay, Luiz Mott pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), Toni Reis de Curitiba, foi um representante do Atobá do Rio de Janeiro e Ubiratan da Costa e Silva por São Paulo. Essas foram algumas das ações que promovemos. Uma das últimas foi a Parada do Orgulho no começo do Pré-Caju. Trouxemos para Aracaju o cantor Edson Cordeiro. Muitas pessoas não acreditaram no nosso trabalho, mas nesse dia foram para a porta do camarote tentar ver o artista, e, como foi um evento gratuito e aberto, simplesmente lotou.

Foi muito positiva essa primeira parada no Pré-Caju. Hoje quem organiza a Parada em Aracaju não conta essas que fizemos como oficiais. Mesmo com a grandiosidade que fizemos de ter até ônibus passando nos bairros para pegar as pessoas para levar, os atuais organizadores desconsideram a nossa realização.

Os atuais organizadores acham que são donos da Parada, que são estrelas e não têm humildade. Mas a Parada do Orgulho não tem dono. Eu não sou dono de nada, nem de grupo, mas luto pelo reconhecimento do meu trabalho.

Quantas pessoas presidiram grupos e já faleceram? Quantos já presidiram, mas não são donos? Luiz Mott está vivo, mas não é dono do Grupo Gay da Bahia (GGB). Da mesma maneira, eu não sou dono de grupo, mas quero ter minha luta que vem dos anos 80 reconhecida. E hoje tanto eu como Mott continuamos ativos na militância à nossa maneira, somos convidados para palestrar, dar depoimentos, e isso é muito importante para nós e para a história do movimento.

8- A Dialogay teve algum envolvimento na ou com política? Quais partidos ou políticos que mais se envolveram?

Nós tivemos alguns contatos com políticos. Eu fui militante do Partido dos Trabalhadores (PT) em Aracaju, inclusive saindo a vereador ainda na década de 80. Um dos primeiros políticos com quem tive contato foi com o Ex-Governador Marcelo Déda (*in memoriam*), que no início atuou na presidência do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), local em que realizávamos as nossas reuniões.

Quando fui candidato a vereador, tive um pouco de decepção, pois pensei que as pessoas votariam em mim pelo trabalho humano desenvolvido. O único partido na década de 80 que nos ajudou e abraçou foi o Partido dos Trabalhadores (PT). Hoje vários partidos defendem os direitos das pessoas LGBT, ou melhor, dizem que abraçam a causa, mas na hora das eleições nos escondem, não nos dão recursos financeiros e invisibilizam sempre nossa candidatura por medo de perder votos.

9- Quais os problemas que a instituição tivera durante sua existência?

Toda e qualquer organização tem muitas dificuldades. Mas tivemos muitas vitórias, considero a minha vida e a possibilidade de contar sobre esses problemas uma vitória.

Se hoje Sergipe tem vários grupos homossexuais, que não utilizam mais essa nomenclatura, mas sim LGBTQIA+, antes GLS, depois LGBT e todas essas nomenclaturas que visam abranger a todos, todas e todes, foi por conseguirmos abrir portas no movimento dentro da sociedade.

Mas um dos grandes problemas do Dialogay foi a questão financeira. Eu sempre fazia rifas, pedia ajuda a políticos e a empresas que davam apoio à causa para arrecadar fundos para manter a instituição, promover eventos e ajudar as pessoas que necessitavam.

10- Qual a relação do grupo com outras entidades sexuais ou de gênero?

Só foram surgir outras instituições voltadas ao público LGBT lá no final dos anos 90, antes era todas as pessoas no Dialogay. Mas é importante mencionar que se formaram movimentos na luta contra a Aids. Nós tivemos apoio do MOPS (Movimento Popular da Saúde). Até de escoteiros tivemos apoio. De forma geral, tivemos apoio de várias pessoas ou grupos da sociedade.

Agora, quando se fala de gênero, é bom ressaltar que não havia grupos que se identificavam nesse aspecto, passaram a existir e se autoidentificar depois. Grupos de travestis e transexuais começaram a se organizar especificamente depois, antes eles ficavam no Dialogay.

Depois que foi inserida essa discussão de gênero, passou-se a ter mudanças de nome, readequação de sexo, mas foi algo para poucos. Hoje os termos são mais bonitos, por exemplo a transexualidade e o transgênero, ninguém quer ser chamado de travesti. E muitas pessoas lutaram para assumir sua identidade de gênero na sociedade e legalmente através da justiça.

Tenho orgulho de ter conquistado junto ao deputado Ismael Silva e o advogado Carlos César Brito que a delegacia da mulher atendesse queixas-crimes contra homossexuais e travestis. Não lembro bem a época, mas foi nos anos 90. Foi muito positiva essa ação que não consigo relatar precisamente por falha da memória.

Mas sem sombra de dúvida as coisas estão mais fáceis. Na época não tinha celular, computador era inacessível, usava aquelas máquinas de datilografar da IBM e mimeógrafos manuais para poder fazer e distribuir as informações do Dialogay para os jornais e outros grupos. Para os jornais, eu fazia a entrega em mãos e às vezes como não tinha grana sobrando ia de ônibus ou até a pé.

Embora tivesse ganhado visibilidade, tinham muitos veículos de comunicação que não aceitavam minhas entrevistas. Mas com o tempo fui abrindo os caminhos e ganhando espaço em Sergipe, virando manchete nos jornais.

11- Por que a Dialogay fechou as portas em 1996?

Eu estive em frente da instituição desde o seu início, lá na década de 80, para 1996 se passaram muitos anos. Teve eleições, e o grupo estava cheio de pessoas capacitadas para levar o Dialogay à frente. Eu estava cansado. Vivia dando a cara a tapa na imprensa. A visibilidade tem seu bônus e ônus. Fui muito xingado e difamado. Pessoas diziam "só tem esse viado para falar" – e somando tudo estava sendo exaustivo.

Então, pessoas como Gilvan Rosa e Marcelo Domingos quiseram e puderam estar à frente da instituição. Marcelo ficou à frente da instituição e foi o seu último presidente, trabalhando em várias campanhas através de projetos contra as DSTs e a Aids. Por conta dessas campanhas que passaram a ser financiadas pelo governo federal, o grupo passou a contar com um bom dinheiro para desenvolver suas atividades. E como tudo que envolve dinheiro público dá problema, no Dialogay não foi diferente.

Membros do grupo passaram a questionar a gestão e querer receber dinheiro, coisa que não era simples. E isso ocasionou vários problemas internos no grupo, levando a desunião.

O grupo encerrou suas atividades em 1996 por conta dessas brigas, havendo cisões. Membros do Dialogay depois resolveram formar uma instituição de travestis, e a partir daí vários outros grupos vão se formando, sendo na sua grande maioria ex-membros do Dialogay. Mas é válido lembrar que em 1997 retomamos as atividades.

12- Por que o senhor deixou a presidência da Dialogay nos anos 2000?

Eu deixei a presidência por motivo de cansaço e de estar sempre à frente. Mesmo depois de outras gestões assumirem, ficava sempre à frente da instituição e dava entrevistas. E também tive que deixar o Dialogay por conta da transferência que tive no meu trabalho, tendo que residir na Bahia, no Rio de Janeiro e na Bahia novamente até me aposentar.

Quando cheguei a São Sebastião do Passé, aqui na Bahia, pensei que iria parar a militância. Me enganei, pois logo que cheguei ocorreu um assassinato de um gay. O gay foi morto por um

parceiro sexual e enterrado no quintal da própria casa. Imediatamente percebi que a militância jamais encerraria e chamei a família do defunto para fazermos uma passeata contra a violência a homossexuais.

Nessa passeata passamos na prefeitura da cidade, na delegacia e no fórum para denunciar a arbitrariedade de pessoas enrustidas que gostam dos prazeres sexuais, de se relacionar com pessoas do mesmo sexo, mas fazem isso escondido e por ódio acabam matando homossexuais. Esse ato tem uns 16 anos, e depois disso não houve mortes dessa forma e com esse grau de violência.

Minha presidência efetiva no cargo acabou, mas a minha militância não. A honra de ser o presidente do movimento de Sergipe será sempre minha.

13- Qual o papel da Dialogay para a defesa das homossexualidades? Quais vitórias o senhor pode apontar concretamente?

Como já deu para perceber durante a entrevista, tivemos muitas vitórias importantes e concretas.

Conseguimos fundar em Aracaju, no conjunto Orlando Dantas, a rua 28 de junho, rua com nome alusivo ao dia do orgulho gay, hoje orgulho LGBTQIA+. Dia que ocorreu em Nova York a revolta do bar Stonewall. A revolta foi causada pela frequente violência policial contra os frequentadores do bar, que em sua maioria eram homossexuais. Houve uma série de enfrentamentos físicos, e conseguimos o direito pelo espaço e o respeito de frequentar lugares.

A fundação da rua contou com o apoio do vereador Gidenal Francisco dos Santos e do deputado Ismael Silva. A inauguração da rua contou com a presença de Elke Maravilha e Leão Lobo novamente.

Outra vitória importante foi a abertura de espaços para que vários outros grupos surgissem. Só depois de mais de 15 anos de Dialogay que surgiram outros grupos no Estado.

Biografia de Wellington Gomes Andrade

Nasceu em 23 de novembro de 1954, na cidade de Aracaju/SE, filho de José Gomes de Andrade e Maria de Lourdes Andrade. De uma família grande, com 15 irmãos, seu pai era vigilante do município de Aracaju e sua mãe era zeladora da Igreja Presbiteriana de Aracaju, localizada na Rua Estância.

Wellington Gomes Andrade foi criado pela mãe e pela avó; no seu tempo de menino, confessa que nunca gostou de participar das brincadeiras tradicionalmente ditas de meninos: jogar futebol e bola de gude. Ele confessa que gostava de brincar de pular corda com as meninas do bairro em que morava, entre outras brincadeiras na porta de casa.

Fez seu curso primário (hoje chamado de Ensino Fundamental Menor) no Grupo Escolar Manoel Luiz, na Praça da Bandeira. No ginásio (Ensino Fundamental Maior), estudou no Colégio Estadual Presidente Costa e Silva. Para cursar o científico (hoje Ensino Médio),

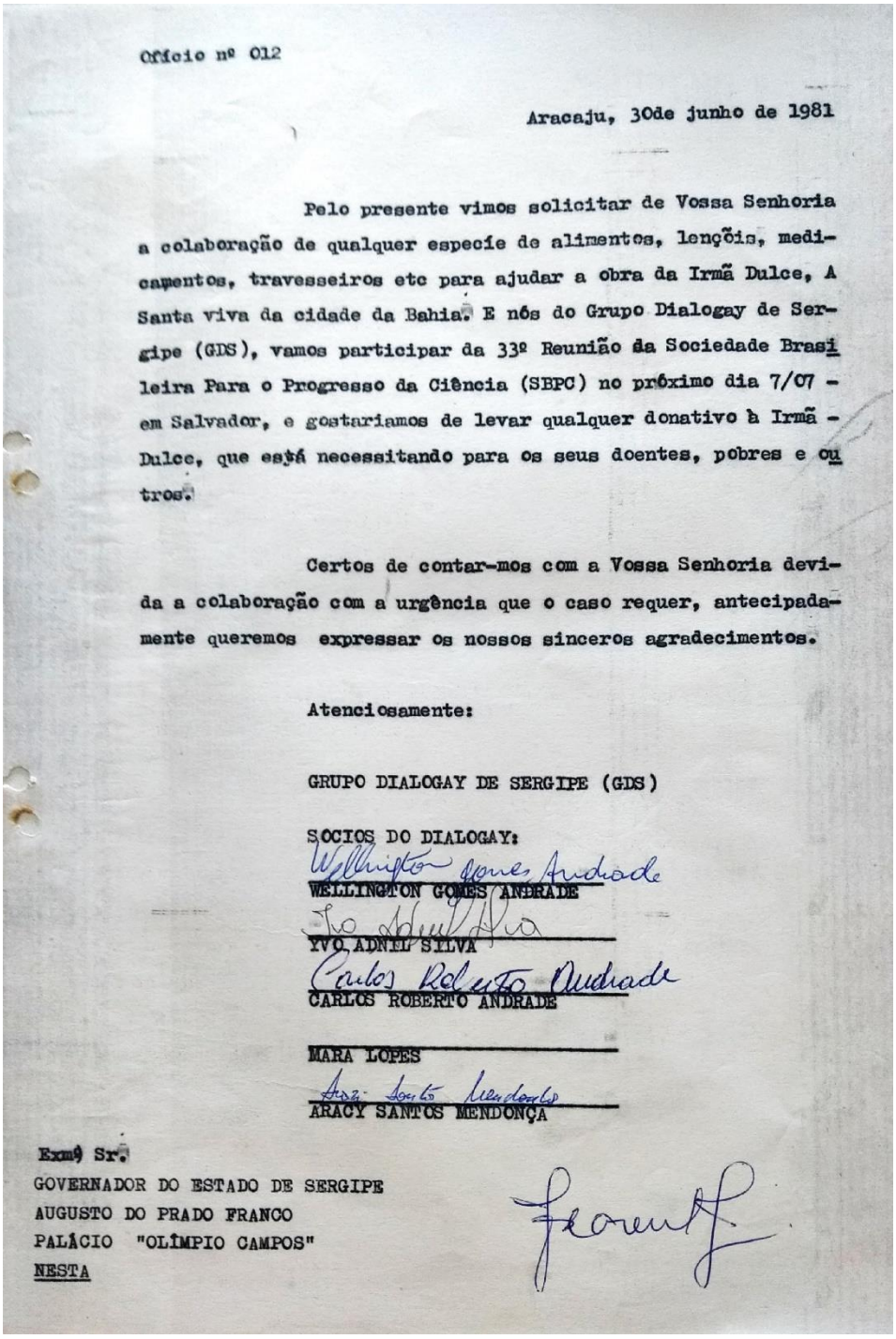
matriculou-se no importante Colégio Estadual Atheneu Sergipense, onde estudou os dois primeiros anos do curso científico, não o concluindo. No final do curso científico, foi para a cidade de Recife morar a convite de amigos da família.

Wellington Gomes Andrade trabalhou em empresas públicas e privadas e uma em especial, a casa lotérica conhecida como O Bolão na Rua João Pessoa. A posteriori trabalhou numa banca de jornal na mesma rua. O seu primeiro emprego lhe possibilitou comprar uma televisão, considerada um artigo de luxo na época. Trabalhou também no cartório do 1º Oficio de Luiz Santana, na construtora Odebrecht, em seu canteiro de obras na cidade de Rosário do Catete, trabalhando na condição de auxiliar administrativo; para isso muito valeu o curso de datilografia feito no instituto IBM.

Depois de quase cinco anos trabalhando na construtora, foi aprovado no concurso público para a Petrobrás e passou a trabalhar na Petromisa na condição de auxiliar administrativo. Com o fechamento da Petromisa no governo de Fernando Collor de Melo, graças às suas amizades conseguiu emprego na SMTT, lá permanecendo durante 12 anos nas assessorias jurídicas.

Durante as mudanças do Brasil, com a chegada do PT – Partido dos Trabalhadores – ao poder através de Luiz Inácio Lula da Silva, foi reconduzido à Petrobrás na Bahia, na cidade de São Sebastião do Passé, como auxiliar administrativo Júnior, sendo depois transferido para o Rio de Janeiro e retornando para a Bahia. Foi no início dos anos 2000 que retomou outra vez as ações da militância LGBT, organizando a 1ª Parada do Orgulho LGBT de São Sebastião do Passé. Hoje é o segundo ativista vivo mais antigo do Brasil e Presidente de honra do movimento LGBTQIA+ de Sergipe em virtude de ter sido um militante pioneiro no Estado.

ANEXO B - Ofícios, cartas e documentos produzidos pelo Dialogay



Ofício nº 012

Aracaju, 30de junho de 1981

Pelo presente vimos solicitar de Vossa Senhoria a colaboração de qualquer especie de alimentos, lençõis, medicamentos, travesseiros etc para ajudar a obra da Irmã Dulce, A Santa viva da cidade da Bahia. E nós do Grupo Dialogay de Sergipe (GDS), vamos participar da 33ª Reunião da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) no próximo dia 7/07 - em Salvador, e gostariamos de levar qualquer donativo à Irmã - Dulce, que está necessitando para os seus doentes, pobres e outros.

Certos de contar-mos com a Vossa Senhoria devida a colaboração com a urgência que o caso requer, antecipadamente queremos expressar os nossos sinceros agradecimentos.

Atenciosamente:

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE (GDS)

SOCIOS DO DIALOGAY:

WELLINGTON GOMES ANDRADE

IVO ADNEL SILVA

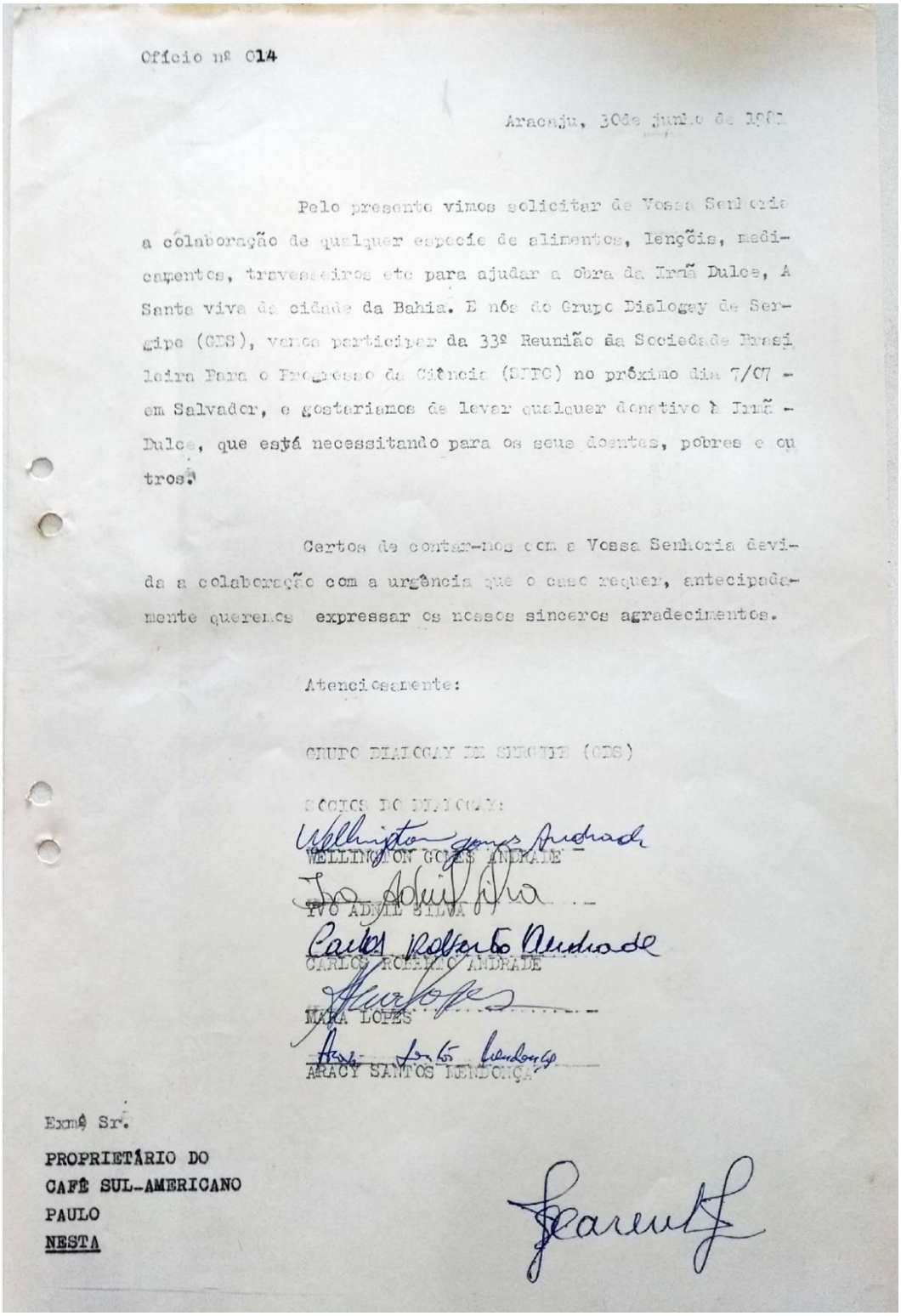
CARLOS ROBERTO ANDRADE

MARA LOPES

ARACY SANTOS MENDONÇA

Exmº Sr.
GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
AUGUSTO DO PRADO FRANCO
PALÁCIO "OLÍMPIO CAMPOS"
NESTA

Ofício nº 12 do Dialogay, 30 de junho de 1981.
Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



Ofício nº 014

Aracaju, 30de junho de 1981

Pelo presente vimos solicitar de Vossa Senhoria a colaboração de qualquer espécie de alimentos, lençóis, medicamentos, travesseiros etc para ajudar a obra da Irmã Dulce, A Santa viva da cidade da Bahia. E nós do Grupo Dialogay de Sergipe (GDS), vamos participar da 33ª Reunião da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) no próximo dia 7/07 - em Salvador, e gostaríamos de levar qualquer donativo à Irmã - Dulce, que está necessitando para os seus doentes, pobres e outros.

Certos de contar-nos com a Vossa Senhoria devida a colaboração com a urgência que o caso requer, antecipadamente queremos expressar os nossos sinceros agradecimentos.

Atenciosamente:

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE (GDS)

MEMBROS DO DIALOGAY:

WELLINGTON GOMES ANDRADE

IVO ADAIL SILVA

CARLOS ROBERTO ANDRADE

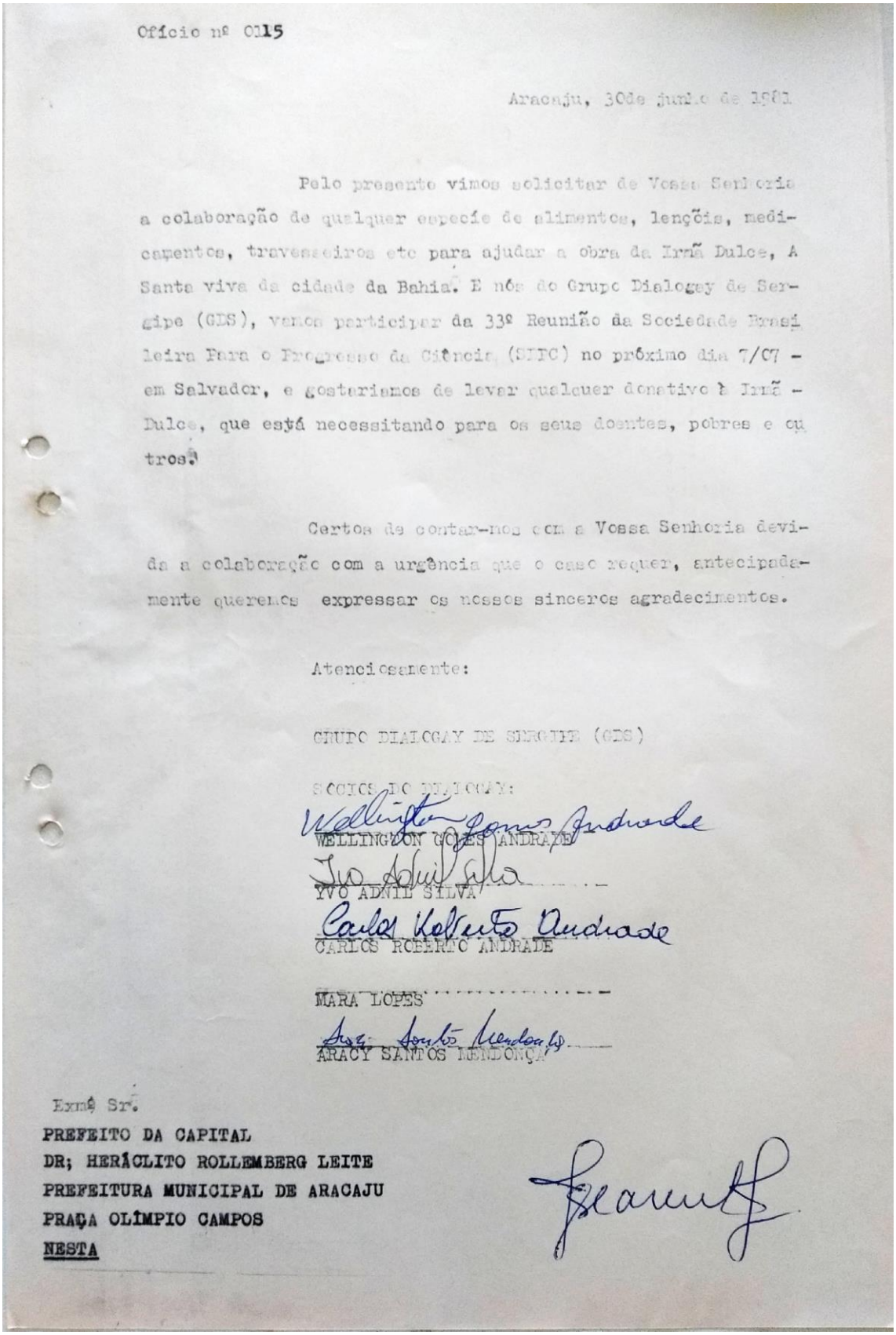
MARA LOPES

ARACY SANTOS TENDONÇA

Exmº Sr.

PROPRIETÁRIO DO
CAFÉ SUL-AMERICANO
PAULO
NESTA

Ofício nº 14 do Dialogay, 30 de junho de 1981.
Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



Ofício nº 0115

Aracaju, 30de junho de 1981

Pelo presente vimos solicitar de Vossa Senhoria a colaboração de qualquer especie de alimentos, lençõis, medicamentos, travesseiros etc para ajudar a obra da Irmã Dulce, A Santa viva da cidade da Bahia. E nós do Grupo Dialogay de Sergipe (GIS), vamos participar da 33ª Reunião da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) no próximo dia 7/07 - em Salvador, e gostariamos de levar qualquer donativo à Irmã - Dulce, que está necessitando para os seus doentes, pobres e outros.

Certos de contar-nos com a Vossa Senhoria devida a colaboração com a urgência que o caso requer, antecipadamente queremos expressar os nossos sinceros agradecimentos.

Atenciosamente:

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE (GIS)

SOCIOS DO DIALOGAY:

WELLINGTON GOMES ANDRADE

YVO ADNIL SILVA

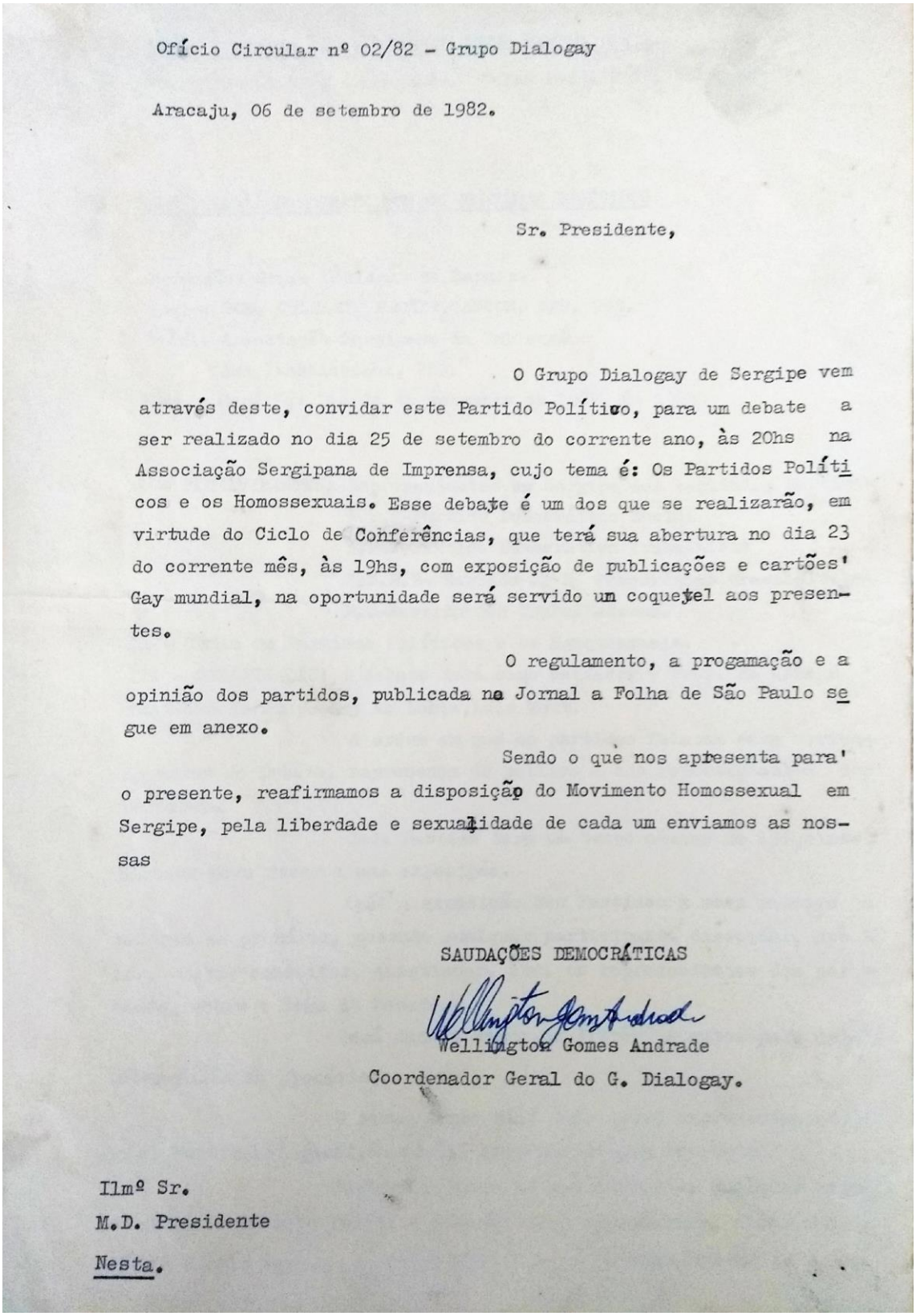
CARLOS ROBERTO ANDRADE

MARA LOPES

ARACY SANTOS MENDONÇA

Exmº Sr.
PREFEITO DA CAPITAL
DR; HERÂCLITO ROLLEMBERG LEITE
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU
PRAÇA OLÍMPIO CAMPOS
NESTA

Ofício nº 15 do Dialogay, 30 de junho de 1981.
Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



Ofício Circular nº 02/82 - Grupo Dialogay

Aracaju, 06 de setembro de 1982.

Sr. Presidente,

O Grupo Dialogay de Sergipe vem através deste, convidar este Partido Político, para um debate a ser realizado no dia 25 de setembro do corrente ano, às 20hs na Associação Sergipana de Imprensa, cujo tema é: Os Partidos Políticos e os Homossexuais. Esse debate é um dos que se realizarão, em virtude do Ciclo de Conferências, que terá sua abertura no dia 23 do corrente mês, às 19hs, com exposição de publicações e cartões' Gay mundial, na oportunidade será servido um coquetel aos presentes.

O regulamento, a progamação e a opinião dos partidos, publicada na Jornal a Folha de São Paulo segue em anexo.

Sendo o que nos apresenta para' o presente, reafirmamos a disposição do Movimento Homossexual em Sergipe, pela liberdade e sexualidade de cada um enviamos as nossas

SAUDAÇÕES DEMOCRÁTICAS

Wellington Gomes Andrade
Coordenador Geral do G. Dialogay.

Ilmº Sr.
M.D. Presidente
Nesta.

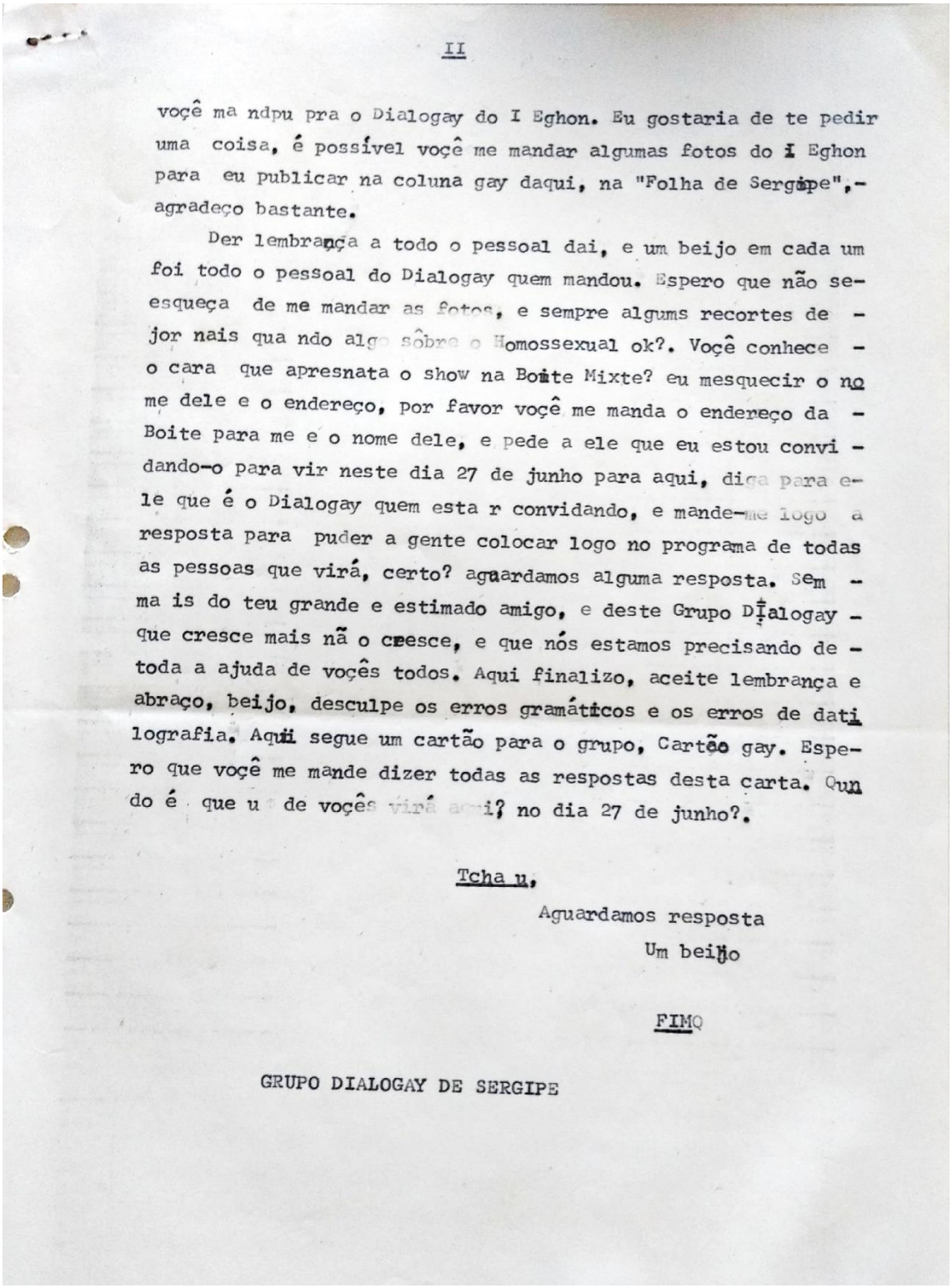
Ofício circular nº 02 do Dialogay, 06 de setembro de 1982.
Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.

Aracaju, 24 de maio de 1981

Querido amigo Almir

Saudações:

Recebemos a tua carta e ficamos muito grato em receber- notícias de voçês. Como é que vai todo o pessoal dai? e o Gatho? Eu estou quebrando a mauior dor de cabeça com este Grupo Dialo gay, é maior dificuldade para trazer este pessoal para o grupo eu gostaria que um de voçêsou mesmo do GGB vinhessem qualquer - dia desses aqui para ver se lavantava mais este grupo, a nossa reunião até agora, estar sendo toda a programação para o "Dia- Internacional do Orgulho Gay, e que nós vamos comemorar no dia 27 de junho, porque é um dia de sábado, o nome da nossa festi- nha é "FORRÓ XE-GUEI", e nós estamos com a maior dificuldade - de local, mais se Deus quizer vamos ter o local para este dia, esta semana eu vou saber a resposta de um Club que é o Cotin guiba, ou então a Biblioteca Pública, pirque tem um pátio enor me, e um Auditório para as apresentações; a nossa programação- para este dia é o seguinte: Teatro, duas peças, Shows, Cinema debates, palestras, o casal mais caipira da noite, e este casal vamos dar o prêmio, outras programações, o que é que você acha? no estar boa a programação? a Wilma lessa Virá também com o ca so, se Deus qyizer, e nós também queriamos algumas pessosa do- Grupo Ga tho para representações neste dia, e aproveitar falar algo de interesse, nós esperamos qualquerc resposta. Por favor eu gostaria de saber o nome daquele menino que é sício do Ga- tho, é um ma gro, alto, que faz teatro, é Diretor de teatro e tambe m produtor, ele participou também do Encontro, o recardo é o seguinte, porque eu gostaria q ue ele vinhesse, faça este - convite a ele ok? e mande-me dizer o nome do mesmo, certo? ag- gaurdo resposta. As nossas reuniões estão sendo realizadas aos sábados, em uma sala especial, no Edifio Jangada, no centro da cida de, cedida por uma grande figura importantissima da Socie dade Política, uma grande figura muito importante mesmo, e es- ta figura esta sema na nos dará uma caixa postal para o nosso- grupo, no é uma boa. Aqui vai para o Grupo dois números da Fo- lha da Praia, com o título "Movimento Gay" e "Estrêlinhas Gays" esse jornal é quinzenal que sai na Praia dos Artis tas, hoje - mesmo saiu este último número. Agradeço pelo o jornalzinho que



II

voçê ma ndpu pra o Dialogay do I Eghon. Eu gostaria de te pedir uma coisa, é possível voçê me mandar algumas fotos do I Eghon para eu publicar na coluna gay daqui, na "Folha de Sergipe",- agradeço bastante.

Der lembrança a todo o pessoal dai, e um beijo em cada um foi todo o pessoal do Dialogay quem mandou. Espero que não se- esqueça de me mandar as fotos, e sempre algums recortes de - jor nais qua ndo algo sôbre o Homossexual ok?. Voçê conhece - o cara que apresnata o show na Boite Mixte? eu mesquecir o no me dele e o endereço, por favor voçê me manda o endereço da - Boite para me e o nome dele, e pede a ele que eu estou convi - dando-o para vir neste dia 27 de junho para aqui, diga para e- le que é o Dialogay quem esta r convidando, e mande-me logo a resposta para puder a gente colocar logo no programa de todas as pessoas que virá, certo? aguardamos alguma resposta. Sem - ma is do teu grande e estimado amigo, e deste Grupo Dialogay - que cresce mais nã o cresce, e que nós estamos precisando de - toda a ajuda de voçês todos. Aqui finalizo, aceite lembrança e abraço, beijo, desculpe os erros gramáticos e os erros de dati lografia. Aqui segue um cartão para o grupo, Cartão gay. Espe- ro que voçê me mande dizer todas as respostas desta carta. Qun do é que u de voçês virá aqui? no dia 27 de junho?.

Tcha u,

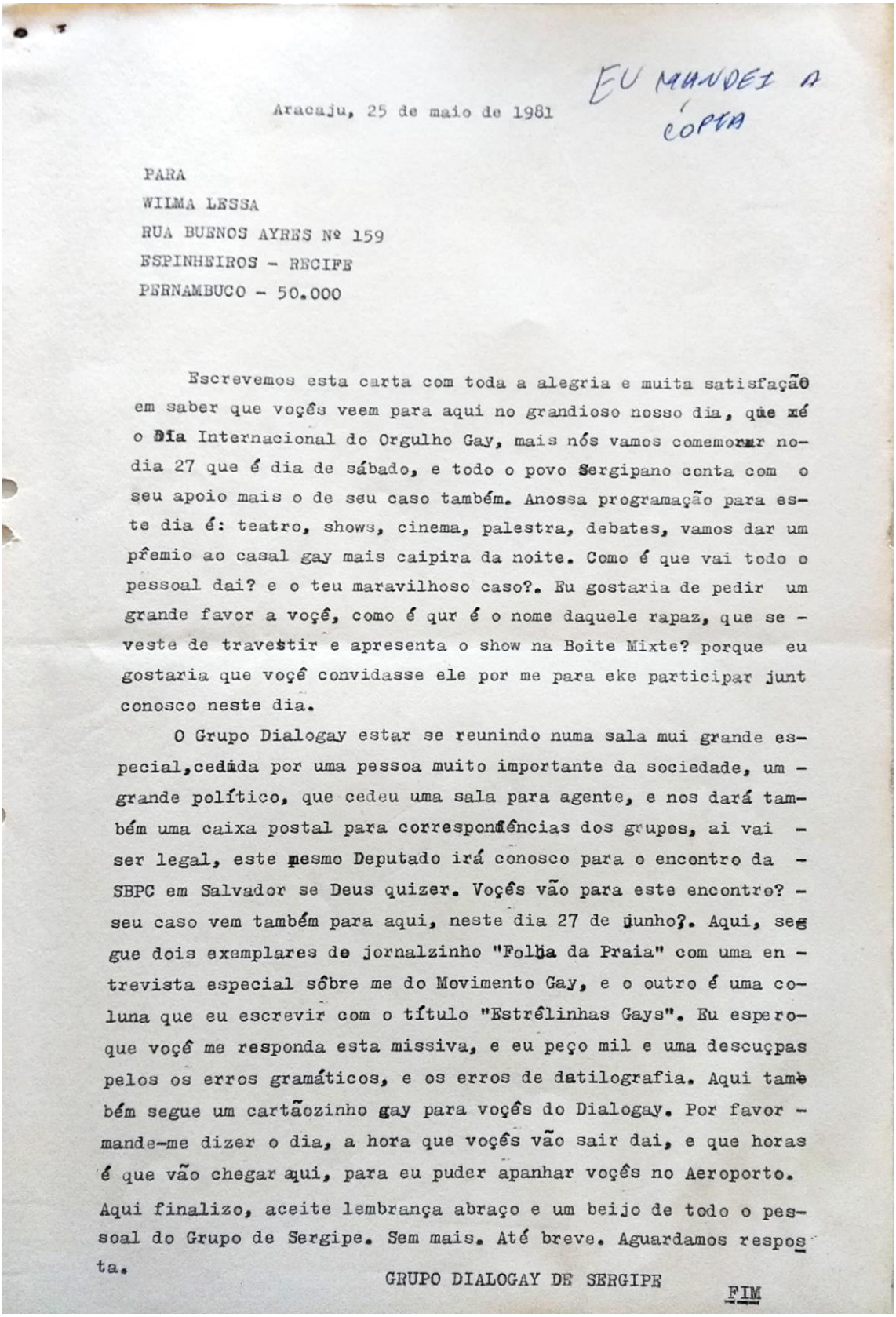
Aguardamos resposta

Um beijo

FIMQ

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE

Carta do Dialogay enviada a Almir do grupo Gatho de Pernambuco em 24 de maio de 1981. Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



EU MANDEI A CÓPIA

Aracaju, 25 de maio de 1981

PARA
WILMA LESSA
RUA BUENOS AYRES Nº 159
ESPINHEIROS - RECIFE
PERNAMBUCO - 50.000

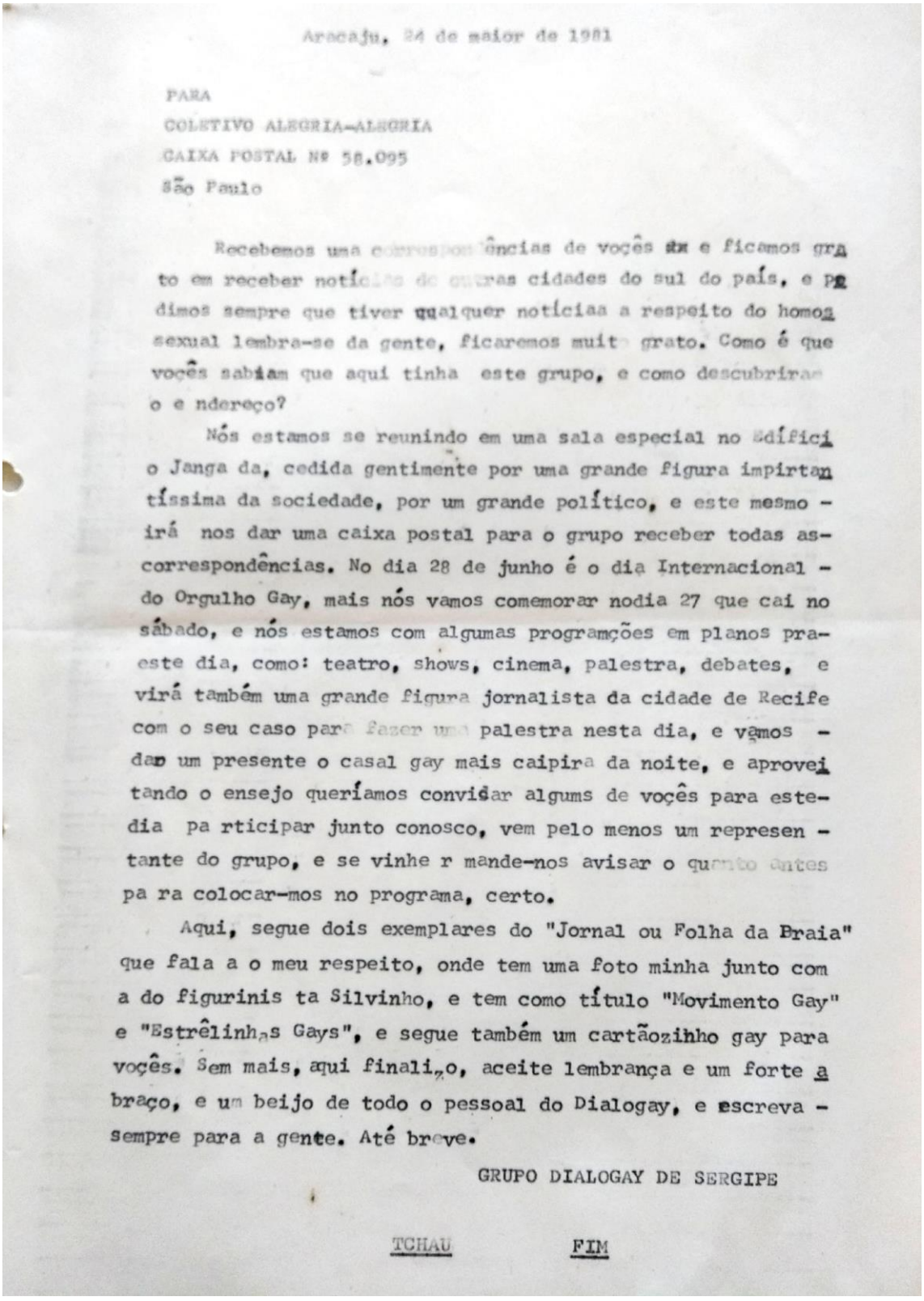
Escrevemos esta carta com toda a alegria e muita satisfação em saber que voçês veem para aqui no grandioso nosso dia, que é o Dia Internacional do Orgulho Gay, mais nós vamos comemorar no dia 27 que é dia de sábado, e todo o povo Sergipano conta com o seu apoio mais o de seu caso também. Anossa programação para este dia é: teatro, shows, cinema, palestra, debates, vamos dar um prêmio ao casal gay mais caipira da noite. Como é que vai todo o pessoal dai? e o teu maravilhoso caso?. Eu gostaria de pedir um grande favor a voçê, como é qur é o nome daquele rapaz, que se veste de travestir e apresenta o show na Boite Mixte? porque eu gostaria que voçê convidasse ele por me para eke participar junt conosco neste dia.

O Grupo Dialogay estar se reunindo numa sala mui grande especial, cedida por uma pessoa muito importante da sociedade, um grande político, que cedeu uma sala para agente, e nos dará também uma caixa postal para correspondências dos grupos, ai vai ser legal, este mesmo Deputado irá conosco para o encontro da SBPC em Salvador se Deus quizer. Voçês vão para este encontro? seu caso vem também para aqui, neste dia 27 de junho?. Aqui, segue dois exemplares de jornalzinho "Folha da Praia" com uma entrevista especial sôbre me do Movimento Gay, e o outro é uma coluna que eu escrevir com o título "Estrêlinhas Gays". Eu esperoque voçê me responda esta missiva, e eu peço mil e uma descuçpas pelos os erros gramáticos, e os erros de datilografia. Aqui também segue um cartãozinho gay para voçês do Dialogay. Por favor mande-me dizer o dia, a hora que voçês vão sair dai, e que horas é que vão chegar aqui, para eu puder apanhar voçês no Aeroporto. Aqui finalizo, aceite lembrança abraço e um beijo de todo o pessoal do Grupo de Sergipe. Sem mais. Até breve. Aguardamos resposta.

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE

FIM

Carta do Dialogay enviada a Wilma Lessa de Pernambuco em 25 de maio de 1981. Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



Aracaju, 24 de maior de 1981

PARA
COLETIVO ALEGRIA-ALEGRIA
CAIXA POSTAL Nº 58.095
São Paulo

Recebemos uma correspondências de voçês e ficamos gra
to em receber notícias de outras cidades do sul do país, e pe
dimos sempre que tiver qualquer noticiaa a respeito do homos
sexual lembra-se da gente, ficaremos muito grato. Como é que
voçês sabiam que aqui tinha este grupo, e como descubriram
o endereço?

Nós estamos se reunindo em uma sala especial no Edifici
o Janga da, cedida gentimente por uma grande figura impirtan
tíssima da sociedade, por um grande político, e este mesmo -
irá nos dar uma caixa postal para o grupo receber todas as-
correspondências. No dia 28 de junho é o dia Internacional -
do Orgulho Gay, mais nós vamos comemorar nodia 27 que cai no
sábado, e nós estamos com algumas programções em planos pra-
este dia, como: teatro, shows, cinema, palestra, debates, e
virá também uma grande figura jornalista da cidade de Recife
com o seu caso para fazer uma palestra nesta dia, e vamos -
dar um presente o casal gay mais caipira da noite, e aproveí
tando o ensejo queríamos convidar algums de voçês para este-
dia pa rticipar junto conosco, vem pelo menos um represen -
tante do grupo, e se vinhe r mande-nos avisar o quanto antes
pa ra colocar-mos no programa, certo.

Aqui, segue dois exemplares do "Jornal ou Folha da Braia"
que fala a o meu respeito, onde tem uma foto minha junto com
a do figurinis ta Silvinho, e tem como título "Movimento Gay"
e "Estrêlinhas Gays", e segue também um cartãozinho gay para
voçês. Sem mais, aqui finali„o, aceite lembrança e um forte a
braço, e um beijo de todo o pessoal do Dialogay, e escreva -
sempre para a gente. Até breve.

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE

TCHAU FIM

Carta do Dialogay enviada ao coletivo Alegria-Alegria de São Paulo em 25 de maio de 1981. Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.

PARA:
LÂMPIÃO DA ESQUINA
CAIXA POSTAL Nº 41.031
SANTA TEREZA - RIO DE JANEIRO
CEP. 20.241

Queridos amigos Lâmpionicos

Saudações:

Antes de iniciar esta pequena carta gostaria de mandar - perguntar como é que vão todos os pessoais dai? quando é que- vem qualquer pessoa dai para esta maravilhosa cidade? pelo me nos para conhecer? todo o pessoal do Grupo Dialogay de Sergi pe estar convidando todo o pessoal dai, ou qualquer uj repre- sentante deste jornal para o dia 27 de junho onde nós vamos - comemorar o Dia Internacional do Orgulho Gay, e como sem falta nós contamos com a presença de um de voçês, mande nos avisar - algums coisás antes ok, esperamos alguém de voçês. Nós já te - mos algumas programações em mãos, como: diblagens, shwos,deba- tes, palestras e outras coisas mais, como: vamos sortear o ca- sal gay mais caipira da noite, e terá também um Forró, o titu- lo da nossa festinha é: "FORRÓ XE-GUEI", gostou? o que achou do nome?, por favor faça uma forcinha para mandar alguém, neste- grande dia, estamos esperando.

Eu quero te pedir uma grande coisa João, eu, nós pedimos- que se fosse possível, voçê nos mandasse este mês 200 (duzentos) jornais, 100 (cem) é para distribuir nas Bancas, e os outros - 100 (cem) é para nós verdermos na nossa festinha, e a porcenta ge m ser para o "Dialogay", isso se voçês aceitarem, porque o- nosso grupo estar muito precisando de dinheiro, e tem pouco - tempo que fundamos este grupo, e eu queria saber também, se e- ra possível nós vendermos na festa o Lampião ao preço de Cr$ - 50,00 (cinquenta cruzeiros) mais barato, é possível ou não? is to apenas é uma maneira das pessoas comprarem mais este jornal conhecer este jornal, e ficaram comparndo todo o mês, e tudo - qur nós vamos vender etuod mais barato, por isso que eu estou pedindo para vender mais barato, por favor, mande-me resposta- o mais breve possível? aguardamos alguma coisa, depois eu tele fono para voçê. Esperamos que voçês nos ajude. E queremos sor

II

teiar também nesta noite uma assinatura de um jorna l Lampião da Esquina, uma assinatura anual, ao casal gay mais caipira da noite, é possível vo ês nos fazer este grande favor, nos oferecer esta assinatura?, e eu peço que por favor voçê fique mandando todos os meses 100 (cem) jornais, ok? porque tem - ma is 4 (quatro) bancas que querem também receber os jornais voçê me prometeu de me mandar cem (100) jornais no mês de maio e não me mandou; eu peço q ue por favor voçê me mande todo o mês 100 (cem) jorna is, mais estt mês me mande 200 (duzentos) para nós ~~xxxxx~~ verdermos na nossa festinha, é possível voçê ou voçês fazerem tudo isso para a gente? aguardakmos resposta,

Olha, eu fiz uma assinatura de ~~xxx~~ Cr$ 800,00 (oitocentos cruzeiros), eu gostaria de saber quanto é de porcentagem que - eu ganho de cada assinatura, porque eu pretendo fazer mais e mais assinaturas? este dinheiro eu irei mandar no dia 7 junto com o dinheiro dos jornais dos dosi (02) meses, e antes disso eu gostaria de saber quanto é que eu vou ganhar em cada assi- na tura?, e eu peço que por favor, que apartir já do próximo- número des te jornal, voçê já mande pelo corréio, já um número deste jornal, não mande lacrado, porque o preço foi apenas - Cr$ 800,00 (oitocentos cruzeiros), e lacrado é Cr$ 1.100,00 (um mil, e cem cruzeiros) no é mesmo?. O endereço desta primeira- assinatura é: - STÚDIUM DE DANÇAS_REGINA LÚCIA SPINELLE DOS - SANTOS E SILVA-AV: BARÃO DE MARUIM Nº 719-CENTRO-ARACAJU_SER- GIPE-CEP.49.000, por favor não se esqueçam de mandar um jornal para esta nova assinante, é um grand favor que eu peço a vo- çês, nãi se esqueçam: eu fiz esta assinatura no dia 26/05/81- na terça feira-o telefone desta assinatura é: 224.12.09.

No mês de março vinheram 60 (sessenta) jornais, 10 para a imprensa, e 50 (cinquenta) vendidos). No mês de abril vinhe ram 70 (setenta) jornais, 60 (sessenta)vendidos), o total de jornais vendidos é: 110 (cento e dez), o total do primeiro - mês é Cr$ 1.350,00 (mil trezentos e cinquenta cruzeiros), e do - segundo mês, ~~xxxxxx~~ é de Cr$ 1.575,00 (um mil, quinhentos e se- tenta e cinco cruzeiros). O total dos dois meses: Cr$ 2.925,00 - (dois mil, novecentos e vinte e cinco cruzeiros), eu peço um - grande favor, se estiver errado, mande-me dizer ok.

Aqui segue dois examplares dp jornal ~~xx~~ ou mesmo Folha da- Praia, da Praia dos Artistas que sai quinzenal, e tem uma repor tagem sôbre me, e no segundo uma coluna "Estrélinhas Gays" fei- ta por me. E estas notícias que eu mando sempre pra voçês, eu -

III

gostaria que voçês sempre publicassem no Lâmpião, é possível, pe lo menos, uma manchete nacional de Sergipe, e eu, nós gostaria - mos muito que voçês fizessem isso para agente.

O nosso grupo gay é: G.D.S. (Grupo Dialogay de Sergipe) que ainda estou quebrando a cabeça para conscientizar todo este pes soàl, e levá-lo para a Reunião, porque antes do encontro de hom- mossexuais que teve em Recife, era lá em casa, mais depois que - eu voltei, vóltei mais consciente que este trabalho é sério, e - eu arranjei um bom local especial, cedido por uma grande Deputa- do Estadual, muito querido de todos daqui, é uma grande pena que eu não posso revelar o nome dele, só deppis, e esta reunião é no Edifício Jangada, Aptº 905, 9º andar, centro, muito boa a sala.

Voltando ao assunto anterior sôbre o dia do gay, virá neste dia uma jornalista do Jornal o Globo, mais o caso dela, mais como eu já expliquei quenós vamos comemorar no dia 27 deste, que cai- dia de sábado, e nós queremos a presença de alguém de voçês como sem falta ok, esperamos que voçês nos ajudem, eu peço até pelo - amor do Nosso Senhor Jesus Cristp, e temnho certeza que qiem vi- nherbpara esta festinha, vai gostar, e não vai querer mais vol - tar. Eu, nós tínhamos, e tem uma vontade loucamente de conhecer- todos voçês, principalmente EU. Por favor gostaria de receber o mais breve possível notícias de voçês, para que possamos divul - gar tudo logo na imprensa local, e nós gostariamos muito que vo- çes nos mandassem algum material sôbre este dia; e eu gostaria - que voçês nos mandassem uma foto sua ou de alguém do jornal para eu publicar na coluna gay daqui, é possível?.

Eu peço que por favor voçês não se esqueçam de mandar o jor nal da assinatura que eu fiz aqui, e eu quero ver se eu faço umas dez assinaturas daqui até até o mês o fianl do mês, e eu peço que por favor voçês não se esqueçam de mm me mandar ums 200 exempla res do mês de junho, se for possível ok, e se eu pço vender cada exemplar ao preço de Cr$50,00 (cinquenta cruzeiros), e tirar a por centagem para o DIALOGAY, é possível? por favor, mende-me dizer- tudo isso, como sem falta ok. Tlavez se Deus quizer daqui para o final da semana ou mesmo no começo da semana eu telefono para vo çê ok. Aqui, finalizo, aceite lembrança eabraços, e principalmen te um beijo do teu querido e grande amigo que estar tão distante e por favor eu peço toda esta ajuda, e se me dar uma assinatura- para o"Casal Gay Mais Caipira Da Noite", uma ou duas assinaturas? Sem mais, até breve. Aguardo resposta. Desculpe os erros gramáticos.

WELLINGTON ANDRADE-DIALOGAY.

Carta do Dialogay enviada ao jornal *Lampião da Esquina*.
Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.

Aracaju, 24 de maio de 1981

PARA
JOURNAL GAY INTERNACIONAL
CAIXA POSTAL Nº 2054
VILA GALVÃO
0.9000 - GUARULHOS
SÃO PAULO - BRASIL

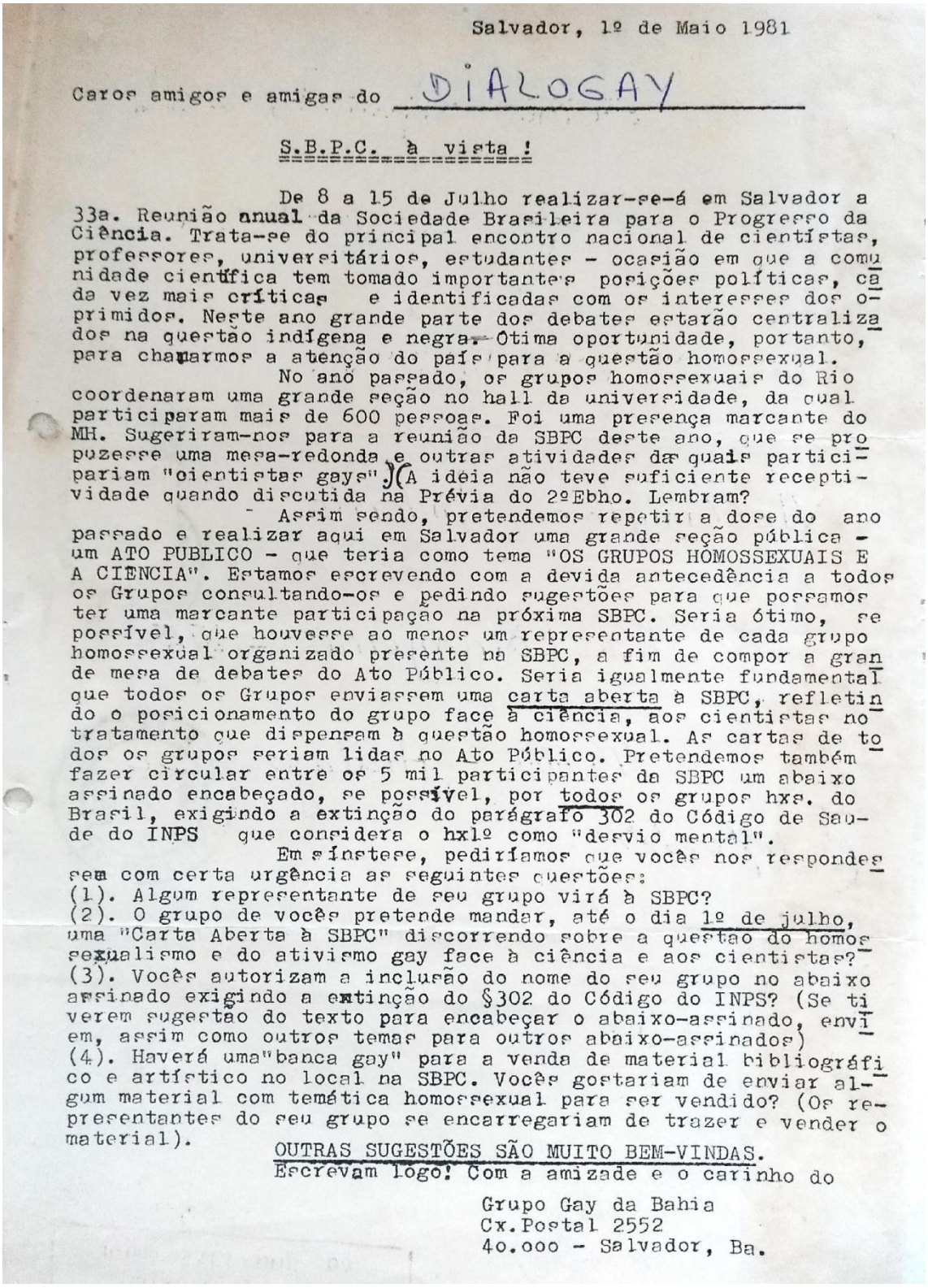
Querido amigo, BRUNO

Recebemos a tua carta datada do dia 30/04/81, e ficamos muito satisfeito em receber notícias de voçês. Nós já mandamos uma carta para voçês, mais não recebemos nenhuma resposta ainda, este Journal Gay foi o primeiro que foi lançado aqui nesta cidade - por um dos componentes do Grupo Dialogay, mais depoiś deixou de - existir, nós queriamos saber o que foi que houve?, quem é o representa nte aqui deste Journal é o jovem Wellington Andrade, e ele- estar pronto em trazer de volta este jornal, e todo mundo aqui - pergunta sempre por este journal, se vai voltar o que foi que - houve? e nós do grupo estamos pronto a ajudar voçês para tudo que voçês quizerem e principalmente o Weellington também, voçês podem mandar o journal de nº 05, e faremos toda a dovulgação de que este journal já estar de volta, e mandamos todo o recortes dos jornais para voçês, vpçês mandam dizer qua l é o preço do Jornal, - qua l é a porcentagem da banca, e do representante, e iremos trabalhar em cima disto, se Deus quizer. Nós queremos agradecer pelo o Journalzinho que voçê mandou para a gente, estar ótimo, voçês - não vão mandar fazer colorido não? Eu ou nós gostariamos de saber alguma coisa, como foi que voçês souberam que aqui tinha um Grupo com o nome de Dialogay, e sabiam o endereço?Voçês podem mandar - todas as suas publicações dos gays que nós distribuimos nas bancas e venderemos, com todo o prazer.

Aqui segue dois exemplres do Jornal da Praia que sai quinzenal, um deles tem o título "MOVIMENTO GAY", e o outro "ESTRÊLINHAS GAYS", e segue também um cartãozinho gay para voçês. Disponha sempre da gente, aqui finalizamos, aceite lembraça e um forte abraço e ainda um beijo de toda a turma do Dialogay, e pode contar com a gente. Sem mais, escreva-nos, desculpe os erros gramáticos, e os - erros da máquina, e aguardamos resposta ok.

TCHAU. FIM

Carta do Dialogay enviada ao *Journal Gay Internacional de Guarulhos-SP*.
Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.



Salvador, 1º de Maio 1981

Caros amigos e amigas do DIALOGAY

S.B.P.C. à vista !

De 8 a 15 de Julho realizar-se-á em Salvador a 33a. Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Trata-se do principal encontro nacional de cientistas, professores, universitários, estudantes - ocasião em que a comunidade científica tem tomado importantes posições políticas, cada vez mais críticas e identificadas com os interesses dos oprimidos. Neste ano grande parte dos debates estarão centralizados na questão indígena e negra. Ótima oportunidade, portanto, para chamarmos a atenção do país para a questão homossexual.

No ano passado, os grupos homossexuais do Rio coordenaram uma grande seção no hall da universidade, da qual participaram mais de 600 pessoas. Foi uma presença marcante do MH. Sugeriram-nos para a reunião da SBPC deste ano, que se propusesse uma mesa-redonda e outras atividades das quais participariam "cientistas gays". A idéia não teve suficiente receptividade quando discutida na Prévia do 2ºEbho. Lembram?

Assim sendo, pretendemos repetir a dose do ano passado e realizar aqui em Salvador uma grande seção pública - um ATO PUBLICO - que teria como tema "OS GRUPOS HOMOSSEXUAIS E A CIENCIA". Estamos escrevendo com a devida antecedência a todos os Grupos consultando-os e pedindo sugestões para que possamos ter uma marcante participação na próxima SBPC. Seria ótimo, se possível, que houvesse ao menos um representante de cada grupo homossexual organizado presente na SBPC, a fim de compor a grande mesa de debates do Ato Público. Seria igualmente fundamental que todos os Grupos enviassem uma carta aberta à SBPC, refletindo o posicionamento do grupo face à ciência, aos cientistas no tratamento que dispensam à questão homossexual. As cartas de todos os grupos seriam lidas no Ato Público. Pretendemos também fazer circular entre os 5 mil participantes da SBPC um abaixo assinado encabeçado, se possível, por todos os grupos hxs. do Brasil, exigindo a extinção do parágrafo 302 do Código de Saude do INPS que considera o hxlº como "desvio mental".

Em síntese, pediríamos que vocês nos respondessem com certa urgência as seguintes questões:

(1). Algum representante de seu grupo virá à SBPC?

(2). O grupo de vocês pretende mandar, até o dia 1º de julho, uma "Carta Aberta à SBPC" discorrendo sobre a questão do homossexualismo e do ativismo gay face à ciência e aos cientistas?

(3). Vocês autorizam a inclusão do nome do seu grupo no abaixo assinado exigindo a extinção do §302 do Código do INPS? (Se tiverem sugestão do texto para encabeçar o abaixo-assinado, enviem, assim como outros temas para outros abaixo-assinados)

(4). Haverá uma"banca gay" para a venda de material bibliográfico e artístico no local na SBPC. Vocês gostariam de enviar algum material com temática homossexual para ser vendido? (Os representantes do seu grupo se encarregariam de trazer e vender o material).

OUTRAS SUGESTÕES SÃO MUITO BEM-VINDAS.

Escrevam logo! Com a amizade e o carinho do

Grupo Gay da Bahia
Cx.Postal 2552
40.000 - Salvador, Ba.

Carta enviada pelo Grupo Gay da Bahia ao Dialogay em 1º de maio de 1981.
Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju.

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE E GRUPO GAY DA BAHIA

Caixa Postal 298, Aracaju-Se. Caixa Post. 2552, Salvador-Ba.

REGULAMENTO DO DEBATE COM OS PARTIDOS POLÍTICOS

Promoção: Grupo Dialogay de Sergipe.
Apoio: DCE, CULTART, PROEST, ASCOM, UFS, GGB.
Local: Associação Sergipana de Imprensa
Rua Itabaianinha, 261.
Data e Horário: Dia 24 de setembro de 1982, às 19hs.

1 - PARTICIPANTES: Representantes em Sergipe dos seguintes Partidos
P.D.S-Partido Democrático Social
P.D.T-Partido Democrático Trabalhista
P.M.B.B- Partido do M. Democrático Brasileiro;e
P.T-Partido dos Trabalhadores.

11 - TEMA: Os Partidos Pilíticos e os Homossexuais.

111 - ORGANIZAÇÂO: O debate terá como mediador o Prof. da UFBA e fundador do Grupo Gay da Bahia,Luiz Mott.

A ordem em que os partidos falaram sera sorteada antes do Debate, napresença do público e dos representantes dos partidos.

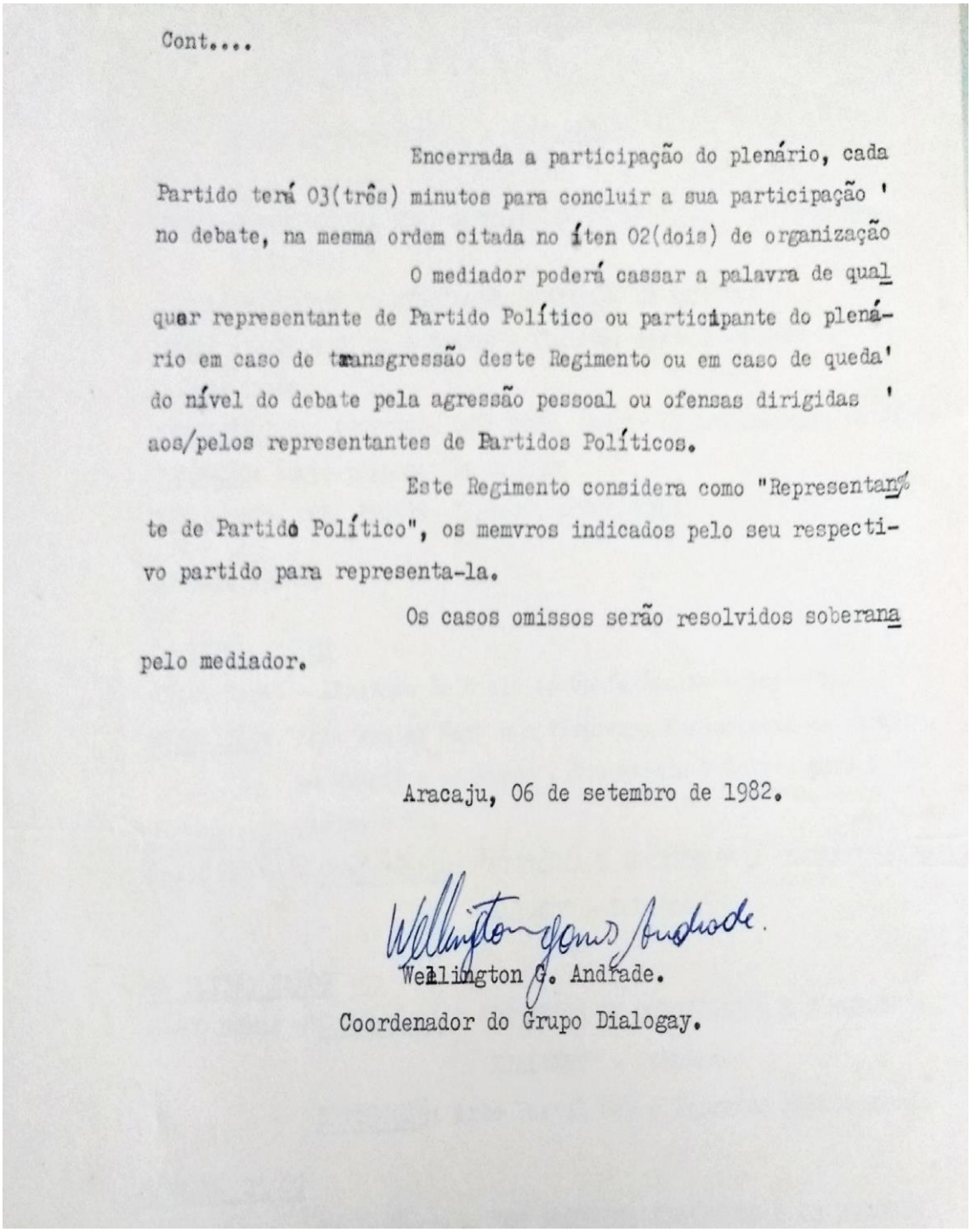
Cada Partido terá um tempo máximo de 15(quinze) minutos para fazer a sua exposição.

Após a exposição dos Partidos a mesa passara a palavra ao plenário, podendo qualquer participante discordar, apoiar, emitir conceitos, questionar, etc. os representantes dos partidos, sobrw o tema do debate.

Será dado o tempo de 3(três) minutos para cada intervenção do plenário;

O mesmo tempo será dado ao(s) representante(s) do(s) Partido(s) questionando(s) para emitir sua resposta;

Durante o tempo de sua resposta, qualquer representante de Partido Político poderá tecer comentarios, discordar, apoiar, emitir conceitos, questionar, etc. o pronunciamento de outro Partido.



Cont....

Encerrada a participação do plenário, cada Partido terá 03(três) minutos para concluir a sua participação no debate, na mesma ordem citada no íten 02(dois) de organização

O mediador poderá cassar a palavra de qualquar representante de Partido Político ou participante do plenário em caso de transgressão deste Regimento ou em caso de queda do nível do debate pela agressão pessoal ou ofensas dirigidas aos/pelos representantes de Partidos Políticos.

Este Regimento considera como "Representante de Partido Político", os memvros indicados pelo seu respectivo partido para representa-la.

Os casos omissos serão resolvidos soberanapelo mediador.

Aracaju, 06 de setembro de 1982.

Wellington G. Andrade.

Coordenador do Grupo Dialogay.

Regulamento de debate proposto pelo Dialogay e GGB de 06 de setembro de 1982. Disponível no arquivo morto do Dialogay localizado na Astra - Direitos Humanos e Cidadania LGBT na cidade de Aracaju